

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MICHELE BULHOSA DE SOUZA

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES E A
PERCEPÇÃO DE FAMILIARES ACERCA DA PREVENÇÃO DE DOENÇAS NA
INFÂNCIA**

**Uruguiana
2025**

MICHELE BULHOSA DE SOUZA

**CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES E A
PERCEPÇÃO DE FAMILIARES ACERCA DA PREVENÇÃO DE DOENÇAS NA
INFÂNCIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora em Educação em Ciências

Orientadora: Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira

Coorientadora: Luana Ribeiro Borges

**Uruguaiiana
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

d719 de Souza, Michele Bulhosa de
CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES
E A PERCEPÇÃO DE FAMILIARES ACERCA DA PREVENÇÃO DE
DOENÇAS NA INFÂNCIA / Michele Bulhosa de Souza.
120 p.

Tese (Doutorado)-- Universidade Federal do Pampa,
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS: QUÍMICA DA VIDA E
SAÚDE, 2025.

"Orientação: Betina Loitzenbauer da Rocha
Moreira". Coorientação: Luana Ribeiro Borges

1. Prevenção de doenças. 2. Saúde Mental. 3.
Ensino Fundamental. 4. Formação de Professores. 5.
Família. I. Título.

MICHELE BULHOSA DE SOUZA

CONCEPÇÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES E A PERCEPÇÃO DE FAMILIARES/RESPONSÁVEIS ACERCA DA PREVENÇÃO DE DOENÇAS NA INFÂNCIA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Doutor em Educação em Ciências.

Tese defendida e aprovada em: 09 de maio de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira - (Em licença saúde)

Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Dra. Simone Lara

Presidente
(UNIPAMPA)

Prof. Dra. Anali Martegani Ferreira
(UFRGS)

Prof. Dra. Camila dos Santos Gonçalves
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **SIMONE LARA, PROFESSOR MAGISTÉRIO SUPERIOR**, em 13/06/2025, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CAMILA DOS SANTOS GONCALVES, PROFESSOR MAGISTÉRIO SUPERIOR**, em 16/06/2025, às 14:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Neila Santini de Souza, Usuário Externo**, em 23/06/2025, às 15:42, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Anali Martegani Ferreira, Usuário Externo**, em 23/06/2025, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1732610** e o código CRC **5FAF5FED**.

AGRADECIMENTO

A Deus, minha fonte inesgotável de força, sabedoria e coragem. Sem Sua presença constante em minha vida, este momento não seria possível. A Ele entrego toda a honra e glória por mais essa conquista. A Nossa Senhora e São José agradeço a intercessão e auxílio na jornada.

Ao meu esposo, Marco, meu companheiro de todas as horas, cujo amor, paciência e apoio incondicional foram fundamentais para que eu pudesse me dedicar a essa jornada. Obrigada por acreditar em mim mesmo nos momentos mais desafiadores e por estar ao meu lado em cada etapa deste caminho.

Ao meu filho, Miguel, minha maior inspiração e alegria. Sua presença enche meus dias de luz e me dá motivos para continuar perseverando. Obrigada por ser tão compreensivo e por me lembrar diariamente do que realmente importa na vida.

Aos meus pais, que sempre foram exemplos de dedicação e amor. À minha mãe, que agora descansa em paz, agradeço por tudo o que fez por mim e pelo legado de amor que deixou em meu coração. Ao meu pai, pela força e pelo apoio em todas as fases da minha vida.

À minha irmã, Maria Carolina, e ao meu cunhado, Roger, pela parceria, incentivo e por estarem sempre ao meu lado, celebrando minhas conquistas e oferecendo apoio.

Aos colegas do PPGECI e à Unipampa, pelos aprendizados e pelas trocas enriquecedoras que tanto contribuíram para meu crescimento acadêmico e pessoal.

À minha banca avaliadora, pela dedicação em analisar este trabalho e pelas valiosas contribuições oferecidas, que enriqueceram significativamente este estudo. Sou profundamente grata pelo tempo e pelo esforço que cada um de vocês dedicou para tornar este momento ainda mais especial.

Às minhas orientadoras, Betina e Luana, pela orientação impecável, pela paciência e pela confiança depositada em mim. Vocês foram verdadeiras mentoras, e sou extremamente grata por terem guiado este trabalho com tanto cuidado e profissionalismo.

A cada um de vocês, minha gratidão.

RESUMO

A escola pode ser considerada um local privilegiado para realização de ações educativas de prevenção de doenças na infância. Este estudo teve como objetivo investigar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, e as percepções de familiares dos estudantes acerca da prevenção de doenças na infância. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, que foi realizado com professores e familiares de duas escolas estaduais de um município da fronteira oeste do Rio Grande do Sul. Participaram desta pesquisa 13 professoras do ensino fundamental da rede pública estadual, que ministravam aulas no quarto e quinto ano do ensino fundamental, e oito familiares. A coleta de dados ocorreu de abril a setembro de 2022, por meio de questionário impresso, entrevistas semiestruturadas e diário de campo. Foram respeitados os aspectos éticos, sendo garantido o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados. Os dados foram analisados conforme a análise de conteúdo de Bardin. Os resultados indicaram que os professores concebem a prevenção de doenças como um conjunto de ações antecipatórias, sendo a educação em saúde um instrumento essencial nesse processo. A formação continuada foi planejada com base nas necessidades identificadas pelos próprios professores, destacando-se a temática saúde mental infantil. A metodologia problematizadora utilizada na formação favoreceu reflexões sobre a prática pedagógica e a troca de experiências. As rodas de conversa com familiares enfrentaram desafios, como baixa adesão e dificuldades de conciliação de horários, mas, ainda assim, constituíram-se como espaços de diálogo e sensibilização sobre a temática. A percepção dos familiares indicou que esses encontros foram relevantes para esclarecimentos e orientações sobre a saúde mental infantil. A análise das percepções dos professores revelou que a formação continuada atendeu às suas expectativas e contribuiu para uma maior compreensão das necessidades dos estudantes, destacam-se os desafios enfrentados pela instituição para promover e fortalecer a participação da família na escola. Conclui-se que a formação continuada de professores e as rodas de conversa com familiares têm potencial para fomentar a prevenção de doenças e especificamente promover a saúde mental infantil.

Palavras-Chave: Prevenção de doenças, Saúde Mental, Ensino Fundamental, Formação de Professores, Família.

ABSTRACT

The school can be considered a privileged place to undertake educational activities to improve disease prevention in childhood. The aim of this study was to investigate the pedagogical knowledge and practices of primary school teachers and the perceptions of students' families/guardians about disease prevention in infancy. This is a qualitative, exploratory and descriptive study, which was carried out with teachers and family members from two state schools in a municipality on the western border of Rio Grande do Sul. Thirteen primary schools teachers from the state public school system, who were teaching in the fourth and fifth year of primary school, and eight family members took part in the research. Data was collected from April to September 2022 using a printed questionnaire, semi-structured interviews and a field diary. Ethical aspects were respected and the anonymity of the participants and the confidentiality of the data were guaranteed. The data was analysed according to Bardin's content analysis. The results indicate that teachers see disease prevention as a set of anticipatory actions, with health education being an essential tool in this process. The continuing training was planned based on the needs identified by the teachers themselves, with the theme of children's mental health standing out. The problem-solving methodology used in the training favoured reflection on teaching practice and the exchange of experiences. The conversation circles with family members faced challenges, such as low adherence and difficulties reconciling schedules, but they were nevertheless spaces for dialogue and raising awareness of the issue. Family members' perceptions indicated that these meetings were relevant for clarification and guidance on children's mental health. Analysing the teachers' perceptions revealed that the continuing training met their expectations and contributed to a greater understanding of the students' needs, highlighting the challenges faced by the institution in promoting and strengthening family participation in the school. The conclusion is that continuing teacher training and discussion groups with family members have the potential to encourage disease prevention and specifically promote children's mental health.

Keywords: Disease prevention, Mental health, Primary school, Teacher training, Family.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Desenvolvimento Infantil.....	22
Figura 2: Modelo Tannahill de promoção da saúde.....	27
Figura 3: Fluxo de encaminhamentos do(a)s estudantes.....	39

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de parcerias entre escola e família.....	25
Quadro 2: Caracterização das escolas.....	33
Quadro 3: Etapas da pesquisa.....	34
Quadro 4: Apresentação dos Resultados.....	42

LISTA DE SIGLAS

APS - Atenção Primária à Saúde

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

PSE - Programa Saúde na Escola

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

AGRADECIMENTO	6
APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	15
1.2.1 Objetivo Geral	20
1.2.2 Objetivos Específicos	20
2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
2.1 Infância: relação família, escola e saúde	21
2.2 Prevenção de doenças na infância e o ambiente escolar	26
2.3 Formação continuada de professores e a prevenção de doenças na infância	30
3 METODOLOGIA	33
3.1 Delineamento do Estudo	33
3.2 Contextualização do campo	33
3.3 Coleta de dados	34
3.4 Análise dos Dados	35
3.5 Aspectos éticos	36
4 RELATÓRIO DE CAMPO	37
5 RESULTADOS	42
5.1 Resultado 1	43
5.2 Resultado 2	58
5.3 Resultado 3	80
6 DISCUSSÃO	97
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	112

APRESENTAÇÃO

Apresento aqui um pouco da minha trajetória até o presente momento, para que ao lerem este trabalho possam conhecer meu lugar de fala. Durante minha formação inicial em Enfermagem, na Universidade Federal do Rio Grande(FURG), participei de projetos de pesquisa e extensão voltados à saúde materno infantil, com enfoque na educação em saúde, tais como “Instrumentalizando o Agente Comunitário de Saúde para a Promoção do Aleitamento Materno no Município de São José do Norte” e “Percepção das parturientes egressas do Hospital Universitária sobre a influência da Iniciativa do Hospital Amigo da Criança no seu processo de amamentação”. Tendo o trabalho de conclusão de curso publicado na Revista Brasileira de Enfermagem, intitulado: “A influência da Iniciativa do Hospital Amigo da Criança na Amamentação”.

Após a graduação, em 2004, tive a oportunidade de ingressar no mestrado na mesma instituição, desenvolvendo a pesquisa “Sofrimento Moral no Trabalho da Enfermagem”. Ao concluir essa pós-graduação, fui professora substituta na área de cuidados de enfermagem à saúde da criança na FURG, e ainda no decorrer do mestrado fui aprovada no concurso para enfermeiro, onde atuei na Atenção Primária à Saúde, em uma Unidade Básica de Saúde, no município de Rio Grande.

Além disso, atuei também, no município de Porto Alegre, na atenção hospitalar, especificamente na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal do Hospital de Clínicas, no sexto turno, no qual trabalhava aos finais de semana, como temporária.

Posteriormente, mudei para o município de Itaqui, no ano de 2007, em virtude do meu matrimônio e atuei no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS I), no qual trabalhei com pessoas de todas as faixas etárias que apresentavam prioritariamente intenso sofrimento psíquico decorrente de problemas mentais graves e persistentes.

No final de 2008, realizei um concurso para docente do ensino superior na Universidade Federal do Pampa, na área de enfermagem, no qual fui aprovada. Desde 2009, atuo nessa instituição, no componente curricular Enfermagem no

Cuidado à Criança e ao Adolescente, mantendo proximidade com as escolas em atividades de prevenção de doenças e promoção da saúde.

Em 2011, tive a graça de ser mãe do Miguel, hoje um adolescente autista. A vivência com o Miguel me levou a refletir profundamente sobre a importância da formação de professores para a promoção da saúde das crianças, bem como sobre a necessidade de criar espaços de diálogo com as famílias. Ao acompanhar o Miguel durante o quarto e quinto ano do ensino fundamental, observei que havia conteúdos relacionados à prevenção de doenças. Essa constatação me instigou a refletir sobre a importância da formação dos professores para abordar esses temas de maneira mais eficaz.

Além disso, enquanto enfermeira e professora atuante na Atenção Primária à Saúde (APS) e em colaboração com as escolas, percebi a necessidade de trabalhar com professores e familiares as questões relacionadas à saúde da criança, principalmente no que diz respeito à prevenção de doenças na infância.

A partir dessa percepção, comecei a me aproximar do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências (PPGECI). Participando do grupo do Grupo de Estudos e Pesquisa em Estágio e Formação de Professores – GEPEF e conhecendo que um de seus objetivos era fomentar a formação continuada de professores da Educação Básica, percebi que poderia desenvolver minha tese com a formação continuada de professores no âmbito da prevenção de doenças na infância, dada a relevância da escola neste contexto.

Deste modo, esse texto será apresentado a partir da seguinte organização: **Introdução**, que discorre brevemente sobre o tema de estudo e a relação com a escola e família; **Objetivos**; **Referencial teórico** com conceitos gerais presentes na literatura científica a respeito da temática e os conceitos utilizados; **Metodologia**, com descrição de procedimentos e percurso da pesquisa; **Resultados**, com dois artigos e um manuscrito. **Discussão** e na sequência apresenta-se as **Considerações finais** e as **Referências** utilizadas para embasar esse estudo e finaliza com os **Apêndices**.

1 INTRODUÇÃO

As crianças tem sido acometidas por diversos problemas de saúde preveníveis tais como obesidade, ansiedade, doenças infecciosas, acidentes por causas externas, prematuridade e baixo peso ao nascer (Halfon; Russ; Kahn, 2022). Dessa forma, faz-se necessário que as famílias e a sociedade busquem estratégias para protege-las.

No Brasil, a saúde da criança é um direito garantido pela Constituição Brasileira (Brasil, 1988) e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)(Brasil,1990). Posteriormente, para que a atenção à saúde da criança tivesse uma abordagem mais efetiva, foi estabelecida a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), instituída pela Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015. A PNAISC considera que a atenção integral à saúde da criança é uma abordagem que visa promover, proteger e recuperar a saúde infantil de forma abrangente, levando em conta aspectos individuais, familiares e comunitários (Brasil, 2015a).

No que diz respeito à promoção da saúde, a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) a define como um conjunto de estratégias e formas de produzir saúde que buscam fortalecer a autonomia dos sujeitos e das coletividades, promover a equidade e a melhoria da qualidade de vida, integrando ações intersetoriais que enfrentem os determinantes sociais da saúde (Brasil, 2018a).

As práticas de promoção da saúde precisam envolver a participação da população e o desenvolvimento comunitário (Amador; Silva, 2017). Assim, deslocar a atenção da doença para a promoção de saúde, conforme a PNPS pressupõe uma “[...] atitude permanente de aprendizagem sustentada em processos pedagógicos problematizadores, dialógicos, libertadores, emancipatórios e críticos” (Brasil, 2018a, p. 15) da comunidade em articulação com as redes de atenção à saúde, educação e demais setores.

Dessa forma a promoção da saúde também envolve a prevenção de doenças, a qual para Löhr *et al.* (2013) objetiva minimizar fatores de risco para uma doença buscando a construção de intervenções antes de seu surgimento. Sendo assim, o “[...] efeito multiplicador da prevenção e da promoção da saúde tem potencial para impactar positivamente toda a população viabilizada pela criação de

instrumentos que oportunizem qualidade de vida para todos” (Löhr *et al.*, 2013, p. 208).

A atenção integral à saúde da criança em idade escolar compreende um conjunto de ações direcionadas à promoção, proteção e recuperação da saúde do estudante. Essas ações precisam envolver atividades educativas e assistenciais que levam em conta sua história de vida, dinâmica familiar e o início de sua escolarização (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2022).

Nesse sentido, no Brasil, em 2007, foi criado o Programa Saúde na Escola (PSE), como uma política intersetorial, tendo como objetivo promover qualidade de vida aos estudantes da rede pública de ensino, por meio de ações de prevenção de problemas de saúde e atenção à saúde. O programa busca “[...] a integração e articulação permanente da educação e da saúde, proporcionando melhoria da qualidade de vida da população brasileira” (Brasil, 2007, p. 2) propondo ações conjuntas das equipes de saúde da família, de atenção básica e das escolas, para promover tanto a prevenção de doenças quanto promoção da saúde dos estudantes.

Dessa forma, destaca-se a escola como ambiente propício para educação em saúde, dado que neste espaço as crianças e adolescentes vivem um período significativo de seu desenvolvimento e crescimento (Silva; Bodstein, 2016). Também, pode-se afirmar a relação de educação em saúde para promoção da saúde no ambiente escolar uma vez que a escola se constitui em um espaço frequentado obrigatoriamente pelas crianças brasileiras a partir dos quatro anos de idade (Fumagalli, 2019; Webster *et al.*, 2020).

Nas escolas, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no quarto ano, deve-se abordar a causalidade dos problemas de saúde. Essa abordagem deve ser proposta a partir do “[...] conhecimento das formas de transmissão de alguns microrganismos (vírus, bactérias e protozoários), atitudes e medidas adequadas para a prevenção de doenças a eles associadas” (Brasil, 2018 b, p. 339).

E no quinto ano deve-se abordar questões relacionadas a promoção de alimentação saudável e atividade física, bem como a prevenção de distúrbios alimentares (Brasil, 2018 b). Dessa forma, o ambiente escolar pode constituir-se para a criança num espaço de conhecimentos e aprendizagem relativas ao

autoconhecimento, ou seja, conhecimento do próprio corpo, as tomadas de decisão e escolhas.

A partir dessa leitura da BNCC, verifica-se que o professor dos anos iniciais precisa ter conhecimento sobre imunizações, medidas de controle e prevenção de doenças, a fim de proporcionar a aprendizagem dos estudantes. Além disso, deve ajudá-los a desenvolver “[...] autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação” e, com base no conhecimento científico, a tomar decisões informadas sobre a saúde (Brasil, 2018b, p. 324).

No entanto, a saúde, o desenvolvimento e o bem-estar de crianças e adolescentes em idade escolar, entre 5 e 14 anos, têm sido historicamente menos destacados em comparação com os cuidados voltados para crianças menores de 5 anos e adolescentes mais velhos. Isso se deve, em parte, ao menor risco de morbidade e mortalidade nessa faixa etária (Patton; Azzopardi, 2018). Diante desse cenário, este estudo focou-se como público-alvo professores e familiares de escolares de 9 a 11 anos.

As escolas têm um papel fundamental na proteção da saúde das crianças, ajudando a prevenir doenças de forma prática e acessível. Elas não apenas proporcionam a aprendizagem sobre cuidados com a saúde, mas também criam espaços seguros e acolhedores que incentivam hábitos saudáveis no dia a dia. Por meio de ações como campanhas educativas e atividades voltadas ao bem-estar, pelas quais é possível aumentar o conhecimento das crianças e dos adolescentes, tornando-os mais conscientes sobre a importância da prevenção (Wang *et al.*, 2023; Vaivada *et al.*, 2022; Suto *et al.*, 2021).

Os professores são os principais mediadores a respeito do conhecimento de prevenção de doenças e a escola configura-se como um ambiente de oportunidade de aprendizado e desenvolvimento integral para a criança e isso inclui o cuidado consigo e com o coletivo ou comunidade. Assim, ressalta-se a importância do papel do professor em oferecer condições para o estudante construir o seu conhecimento e relacioná-lo ao seu dia a dia, contribuindo, por sua vez, com o processo de seu desenvolvimento (Roberto; Paixão; Megid Neto, 2019; Simar *et al.*, 2024).

Dessa forma, a formação continuada de professores, para trabalhar os temas relativos à promoção da saúde e prevenção de doenças, torna-se fundamental para que este seja um mediador eficaz na aprendizagem relativa aos

temas de saúde. No que tange a formação continuada de professores, Nóvoa (2019) propõe o Triângulo da formação, no qual há a interação entre escola, universidade e professores,

Impõe-se, por isso, compreender a importância de uma interação entre estes três espaços – profissionais, universitários e escolares – pois é na interação entre três vértices, neste triângulo, que se encontram as potencialidades transformadoras da formação docente (Nóvoa, 2019, p. 7).

Além disso, pode-se destacar a relevância da relação entre escola, universidade e professores no tema prevenção de doenças desde a formação inicial e também em um continuum ao longo da jornada de trabalho do professor, pois é essencial fomentar a formação inicial e continuada de professores no tema da educação em saúde na escola, considerando as fragilidades formativas existentes, que podem ser reduzidas por meio do constante aprimoramento e da troca de experiências entre os pares, visando à qualificação de suas práticas pedagógicas (Schwingel; Araújo, 2020).

Portanto, investir na formação continuada de professores, focando na problematização e no diálogo (Freire, 2022), pode ser uma estratégia eficaz para aprimorar as abordagens de prevenção de doenças na infância e fortalecer as parcerias com as redes de apoio e proteção, garantindo um ambiente escolar saudável e seguro para as crianças (Brasil, 2015b).

A formação continuada de professores é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais eficazes e para a adaptação às constantes mudanças no cenário educacional. Essa formação permite que os docentes reflitam sobre sua prática, adquiram novos conhecimentos e desenvolvam habilidades que atendam às demandas contemporâneas (Nóvoa, 2019).

Além disso, programas de formação continuada, quando bem estruturados e articulados às necessidades da escola, contribuem significativamente para a melhoria da qualidade do ensino e para o fortalecimento do papel do professor como mediador do aprendizado (Sabirova, 2014). Nesse contexto, a construção de redes colaborativas e o incentivo à pesquisa educacional também se destacam como estratégias eficazes para promover a autonomia e o protagonismo docente, fortalecendo a formação ao longo da vida profissional (Nóvoa, 2017).

Além da escola como ambiente para educação em saúde e prevenção de doenças enfatiza-se o papel da família dado que “a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social” (Dessen; Polonia, 2007, p.22). A família pode ser considerada como mediadora entre a criança e o meio que a cerca, sendo considerado que os

[...] acontecimentos e as experiências familiares propiciam a formação de repertórios comportamentais, de ações e resoluções de problemas com significados universais (cuidados com a infância) e particulares (percepção da escola para uma determinada família) (Dessen; Polonia, 2007, p.22).

Destaca-se, então, que um relacionamento de parceria entre escola e família pode auxiliar no desempenho acadêmico dos estudantes e se faz necessário que “a escola reconheça cada vez mais na família um parceiro importante para a realização de sua tarefa educativa” (Nogueira; Resende, 2022, p. 3).

O envolvimento dos pais se correlaciona positivamente com o desempenho dos estudantes, principalmente no que tange a auxiliar na lição de casa e comunicação efetiva com os professores. Tal participação pode promover relacionamentos positivos entre pais e filhos e a coesão familiar, ao mesmo tempo em que promove um ambiente de aprendizagem favorável que valoriza e incentiva a participação do estudante nas atividades escolares (Sharma, 2024; Blantucas, 2024, Aierbe-Barandiaran; Bartau-Rojas; Oregui-Gonzáles, 2023). Dessa forma, ações que envolvam o oferecimento de espaços de diálogo e reflexão para a família na escola acerca de seu papel são fundamentais para a promoção da saúde e a prevenção de doenças.

Assim, a partir do reconhecimento da relevância dessa temática, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: Quais são os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, e as percepções de familiares dos estudantes a acerca da prevenção de doenças na infância?

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

Investigar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, e as percepções de familiares dos estudantes acerca da prevenção de doenças na infância.

1.2.2 Objetivos Específicos

1. Analisar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental acerca da prevenção de doenças na infância;
2. Identificar as necessidades de formação continuada de professores sobre a temática prevenção de doenças na infância;
3. Realizar formação continuada de professores a partir do levantamento das necessidades formativas;
4. Desenvolver roda de conversa, com professores e familiares dos estudantes, sobre as temáticas advindas da formação continuada com os professores;
5. Conhecer a percepção de familiares em relação a roda de conversa com os professores;
6. Analisar as percepções de professores após a participação na formação continuada e na roda de conversa realizada com familiares.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O embasamento teórico acerca da temática da infância, família, escola e saúde, em uma perspectiva interseccional, será apresentado por meio de tópicos e visa conhecer produções científicas e nortear as diferentes etapas do estudo.

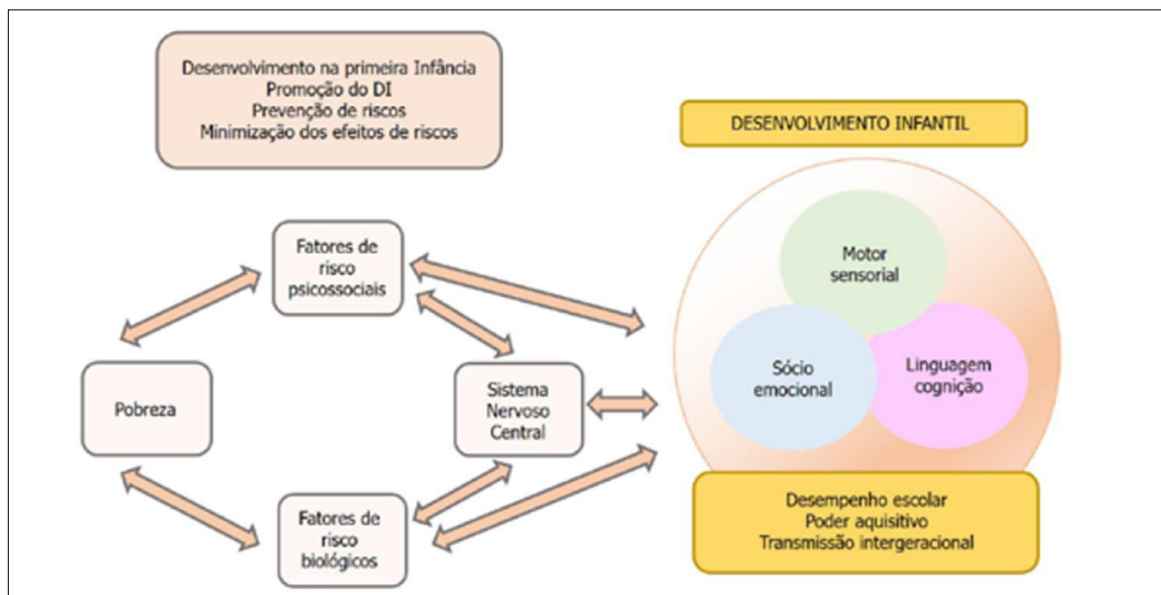
2.1 Infância: relação família, escola e saúde

A infância é um período intenso de crescimento e desenvolvimento do ser humano, pode ser considerada a época de ouro do desenvolvimento e de oportunidades de aprendizagem. É um tempo de aprender brincando, aprender sobre si mesmo, sobre o outro e o mundo (Bee; Boyde, 2011; Corrêa, 2015; Lima; Cortinaz; Nunes, 2018).

O crescimento e o desenvolvimento podem ser compreendidos como um processo que ocorre ao longo do ciclo vital da pessoa. Englobando várias dimensões inter-relacionadas: crescimento, desenvolvimento, amadurecimento e diferenciação. Pode-se sintetizar que o crescimento se refere a modificações quantitativas e o desenvolvimento modificações qualitativas (Franklin; Prows, 2018).

O desenvolvimento infantil pode ser influenciado por diversos fatores sendo estes intrínsecos e extrínsecos. Os fatores intrínsecos referem-se às questões do pré-natal e genômicas, já fatores extrínsecos estão relacionados ao ambiente que cerca a criança após o seu nascimento, alimentação, afeto, estímulos e oportunidades de desenvolvimento. Para compreender melhor o desenvolvimento infantil e fatores que podem influenciá-lo, adotou-se o modelo proposto por Engle *et al.*, (2007) e adaptado (Figura 1) pelo Ministério da Saúde na Síntese de evidências para políticas de saúde (Brasil, 2016a).

Figura 1: Desenvolvimento Infantil.



Fonte: Brasil (2016a, p.12).

Em países em desenvolvimento pela vulnerabilidade econômica e fatores de risco psicossociais e biológicos, tais como: déficits nutricionais, pouca ou insuficiente estimulação cognitiva e socioemocional, depressão materna, violência física (castigos) e negligência, exposição a toxinas ambientais (chumbo e arsênio) e doenças infecciosas (malária e HIV), podem estar prejudicando o pleno desenvolvimento infantil de crianças menores de cinco anos (Brasil, 2016a).

Esses fatores de risco frequentemente ocorrem concomitantemente, contribuindo para uma trajetória que inclui problemas de saúde, falta de prontidão para aprendizagem, fracasso escolar, preparo inadequado para oportunidades profissionais e perpetuação do ciclo intergeracional de pobreza (Brasil, 2016a). Essas interações entre contexto e desenvolvimento, na primeira infância, já foram destacadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) (2008) que afirmou:

O desenvolvimento da primeira infância, em particular o desenvolvimento físico, socioemocional e linguístico-cognitivo, determina de forma decisiva as oportunidades na vida de uma pessoa e a possibilidade de gozar de boa saúde, já que afeta a aquisição de competências, a educação e as oportunidades de trabalho (OMS, 2008, sp.).

Ainda, se ressalta que a escola pode compor um fator de proteção ao desenvolvimento infantil, principalmente na primeira infância, acompanhada de

ações intersetoriais e integradas à escola, tais como programas nutricionais e de orientação parental (Engle *et al.*, 2007). A infância pode ser dividida em três fases, sendo estas: primeira infância, segunda infância e terceira infância. A primeira infância, de acordo com Papalia e Matorell (2022), compreende o período do nascimento até os três anos de idade, é considerada uma fase fundamental para o desenvolvimento adequado da criança.

Na segunda infância, dos três aos seis anos de idade, também chamada fase pré-escolar, as crianças crescem rapidamente. Apresentam modificações no padrão de sono e têm maior probabilidade de desenvolver distúrbios do sono, em relação ao desenvolvimento motor desenvolvem as habilidades de correr, saltar, pular e jogar bola. Também, ocorre o desenvolvimento da motricidade fina, com o desenvolvimento de habilidades como desenhar, a lateralidade começa a ser definida nessa fase (Papalia; Matorell, 2022).

Na terceira infância, dos seis aos 11 anos de idade, ou fase escolar, o crescimento rápido ocorre em áreas que permitem o pensamento associativo, a linguagem e as relações espaciais, como também se desenvolve a autoestima, a empatia, a capacidade de lidar com conflitos e o exercício de comparações de si com o outro (Bee; Boyde, 2011). Ainda, segundo Papalia e Matorell (2022, p. 293) o desenvolvimento cognitivo que ocorre nesta fase possibilita à criança criar “[...] conceitos mais complexos sobre si mesma e ganhar compreensão e controle emocional”.

Dentro da terceira infância a faixa etária escolhida para o estudo foi de 9 a 11 anos de idade, na qual os estudantes estão cursando o quarto ou quinto ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Neste momento, começam a ser abordadas questões de prevenção de doenças de forma direta, conforme previsto na BNCC, tema de interesse desta tese.

Além disso, a criança dessa faixa etária constrói sua autoestima e valor por meio do retorno externo dos pais, professores e colegas. Quando essa construção da autoestima e de autovalor não ocorre de forma minimamente satisfatória, pode dificultar o acesso a oportunidades mais favoráveis de educação, saúde e lazer fundamentais na caminhada em busca da independência econômica e emocional. Isso encontra amparo em Papalia e Matorell (2022):

[...]caso não consiga obter elogios dos adultos ou colegas em suas vidas, ou não tenham motivação e autoestima, as crianças podem desenvolver um sentimento de baixo autovalor e, logo, um sentimento de inferioridade. É um fato problemático, pois, durante a terceira infância, as crianças devem aprender habilidades valorizadas em sua sociedade. Se as crianças se sentem inadequadas comparadas com seus pares, elas podem retrair-se para o seio protetor da família e não se aventurar além do próprio lar (Papalia; Matorell, 2022, p.293).

Diante dessa situação, a escola pode ser um ambiente enriquecido de estímulos e oportunidades de desenvolvimento da autoestima, do autovalor e das demais habilidades socioemocionais. Com isso, pode ser aliada na produção de fatores de proteção, quando atuam na redução do impacto de influências potencialmente negativas ao desenvolvimento infantil, tais como a pobreza, desastres naturais e violência doméstica, contribuindo com a promoção de competências para percursos mais positivos de vida (Masten; Coastworth, 1998).

Além disso, Rodrigues (2015) e Santos (2012) trazem a relevância da expressão e compreensão das emoções no contexto escolar, uma vez que exercícios dessa natureza podem ajudar a criança no desenvolvimento de comportamentos e competências socioemocionais.

Dada a relevância da escola para o desenvolvimento da criança destaca-se que o acesso à escola, no Brasil, é garantido pela Constituição Federal de 1988, na qual a educação está posta como um direito de todos os brasileiros, sendo uma responsabilidade do Estado e da família prover essa educação (Brasil, 1988). Ao encontro de ratificar esse direito a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) criada em 1996, em seus Princípios e fins da Educação Nacional, a educação como dever da família e do Estado e tem por finalidade o “[...] pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 2018 c, p. 8).

Dessa forma, família e escola estão imbricadas no desenvolvimento da criança, sendo necessário fortalecer uma parceria de colaboração para auxiliar no desenvolvimento pleno da criança, de maneira que família apoie e acompanhe o processo de aprendizagem (Santos; Toniosso, 2014; Costa; Silva; Souza, 2019).

Conforme Epstein (2013) para que ocorram parcerias entre família e escola precisam ocorrer seis tipos de envolvimento, que abordam como famílias, escolas e comunidade podem colaborar efetivamente de acordo com o quadro-1.

Quadro 1 – Tipos de parcerias entre escola e família

Tipo de Envolvimento	Descrição	Exemplos Práticos
1.Criança	Envolvimento dos pais nas atividades educacionais em casa, como apoio à lição de casa e monitoramento do progresso acadêmico.	<ul style="list-style-type: none"> - Ajudar com tarefas escolares - Estabelecer uma rotina de leitura - Incentivar hábitos de estudo em casa; - Educação parental.
2.Comunicação	Troca de informações contínua entre pais, estudantes e educadores sobre o desempenho e necessidades dos alunos.	<ul style="list-style-type: none"> - Reuniões de pais e professores; - Comunicação por boletins informativos ou e-mails; - Relatórios de progresso e feedbacks sobre o desempenho escolar.
3.Voluntariado	Participação ativa dos pais e membros da comunidade nas atividades da escola, como eventos e apoio nas aulas.	<ul style="list-style-type: none"> - Ajudar em eventos escolares - Apoiadores de clubes ou atividades extracurriculares - Participação em eventos como feiras e exposições escolares.
4.Aprendizado em Colaboração com os Professores	Colaboração direta entre pais e professores para melhorar o aprendizado dos alunos, com envolvimento em atividades educacionais conjuntas.	<ul style="list-style-type: none"> - Participar de reuniões de planejamento pedagógico - Informações para que os pais possam ajudar os filhos no aprendizado.
5.Tomada de Decisões Escolares	Participação dos pais e da comunidade em decisões importantes sobre políticas escolares e práticas pedagógicas	<ul style="list-style-type: none"> - Participação em conselhos escolares e comitês - Contribuição para decisões sobre currículo ou atividades extracurriculares
6.Colaboração com a Comunidade	Parcerias da escola com organizações comunitárias para apoiar os alunos, proporcionando recursos adicionais e enriquecer o processo educacional.	<ul style="list-style-type: none"> - Parcerias com associações ou empresas locais; - Programas de apoio sociais, de saúde, cultura e lazer.

Fonte: adaptado de Epstein (2013, p. 24).

Parcerias eficazes entre família, escola e comunidade incentivam discussões e auxiliam na resolução de conflitos, permitindo que possíveis desacordos sejam resolvidos de maneira construtiva. Elas oferecem estruturas e procedimentos para a solução de problemas e podem ser até fortalecidas após os conflitos e diferenças terem sido superados. Uma base sólida de parcerias, auxilia na resolução de problemas e preocupações relacionados às escolas e aos estudantes (Epstein, 2013).

Essas relações permitem o desenvolvimento da interseccionalidade escola, família e saúde, ou seja, permitem a discussão e compreensão de diferentes fatores que podem contribuir para o desenvolvimento saudável da criança. Dentre distintas ações destacam-se intervenções de combate ao estresse, atividades que discutam sobre diferentes micro-organismos causadores de doenças, prevenção de contaminação por vírus, entre outros, que podem ser realizadas na escola (Monteiro *et al.*, 2020; Scheiner *et al.*, 2023). Para Assad *et al.* (2020) as práticas educativas de promoção da saúde, quando efetivamente desenvolvidas nas escolas, apresentam-se como um bom marcador de melhora da qualidade de vida dos educandos.

Por se configurar como um espaço de construção de saberes e de formação dos sujeitos, a escola tem se firmado como instituição de referência na abordagem de questões que tratam da prevenção de doenças e na promoção da saúde. E este tipo de ação tem se mostrado indispensável nos anos iniciais da Educação Básica, auxiliando para fomentar a constituição dos indivíduos (Zuge *et al.*, 2020).

Além disso, ao envolver toda a comunidade escolar em ações de prevenção e promoção da saúde as escolas desempenham um papel positivo e protetor, constituindo-se em um contexto ideal para a prevenção e a promoção da saúde mental e o desenvolvimento de competências socioemocionais (Amaral *et al.*, 2020).

2.2 Prevenção de doenças na infância e o ambiente escolar

Problematizar a respeito da prevenção de doenças na infância e o ambiente escolar perpassa por dialogar com familiares e professores a respeito da prevenção

de doenças e a promoção da saúde. E, compreender que para isso é preciso impulsionar a saúde e reduzir o risco de fragilização das condições de saúde pela sobreposição de ações das esferas intersectoriais (Tannahill, 2009). Considerando o exposto, adotou-se o modelo de promoção de saúde proposto por Tannahill (2009), o qual propõe a intersecção entre educação em saúde, prevenção e proteção à saúde, conforme a Figura 2.

Figura 2: Modelo Tannahill de promoção da saúde.



Fonte: Tannahill (2009, p. 397).

De acordo com Tannahill (2009) a promoção da saúde na escola e a prevenção de doenças se faz através de políticas, estratégias e atividades nas áreas de ação sobrepostas, as quais devem considerar fatores sociais, econômicos, físicos, ambientais e culturais. Ainda, precisam ponderar questões, tais como: equidade e diversidade; educação e aprendizagem; acesso a serviços e produtos e participação comunitária.

A missão de atuação preventiva na escola se assenta no princípio básico de que o comportamento favorável em relação à saúde precisa ser desenvolvido desde a infância, considerando que as condições de saúde de crianças e jovens interferem na capacidade de aprendizagem destes (Tannahill, 2009). Cabe resgatar o conceito de saúde, apresentado pela Carta de Ottawa, que enfatiza os recursos sociais e pessoais, bem como as capacidades físicas. Neste sentido, a promoção da saúde passa a ser responsabilidade intersetorial, em relação ao Estado, como também um objetivo coletivo, para além da saúde individual, ou um estilo de vida saudável, na direção da equidade e de condições de vida digna (Brasil, 2018a). Destaca-se, com isso, a importância da implementação de programas de promoção da saúde na escola.

No Brasil, o Programa Saúde na Escola (PSE), enfatiza que a promoção da saúde e a prevenção de doenças e agravos ocorre por meio da articulação de “[...]práticas de educação e saúde, visando garantir oportunidade a todos os educandos de fazerem escolhas mais favoráveis à saúde e desenvolverem a autonomia e autocuidado” (Brasil, 2015, p. 122). Para Löhr *et al.* (2013) é importante esse tipo de ação na escola, pois a prevenção objetiva minimizar fatores de risco para uma doença buscando a construção de intervenções antes de seu surgimento.

Sendo que o “[...] efeito multiplicador da prevenção e da promoção da saúde tem potencial para impactar positivamente toda a população viabilizada pela criação de instrumentos que oportunizem qualidade de vida para todos” (Löhr *et al.*, 2013, p. 208). As ações de prevenção podem ser constituídas como elementos de qualificação estrutural dentro do espaço escolar. Isso pode ocorrer através da colaboração interinstitucional efetiva, expressa em propostas operacionais realizadas em parceria com outras instituições e mediante ações concentradas e compartilhadas com a comunidade que sejam direcionadas para uma “cultura de prevenção” (Lima; Malacarne; Strieder, 2012).

A BNCC enfatiza a importância da educação em saúde desde a infância, integrando-a ao currículo escolar para promover hábitos saudáveis e prevenir doenças. No Ensino Fundamental, por exemplo, no quarto ano do ensino fundamental a habilidade EF04CI08 propõe que, a partir do conhecimento das formas de transmissão de microrganismos como vírus, bactérias e protozoários, os

estudantes desenvolvam atitudes e medidas adequadas para a prevenção de doenças associadas a esses agentes (Brasil, 2018b).

No quinto ano, a habilidade EF05CI08 prevê que os estudantes desenvolvam aprendizagem para “organizar um cardápio equilibrado com base nas características dos grupos alimentares (nutrientes e calorias) e nas necessidades individuais (atividades realizadas, idade, sexo etc.)” para manter-se saudável. Além disso, a habilidade EF05CI09 propõe a criação de espaços para discussão na sala de aula sobre distúrbios nutricionais, tais como obesidade, subnutrição, bulimia, anorexia, entre outros. Como também, examinar os hábitos alimentares dos estudantes, considerando os tipos e as quantidades de alimentos consumidos, bem como a prática de atividades físicas (Brasil, 2018b, p. 341).

A escola, no enfoque sobre a saúde, deve propor-se a desenvolver valores e posturas críticas relacionadas à realidade social e aos estilos de vida. Como também em processos de aquisição de competências que sustentem as aprendizagens ao longo da vida e que favoreçam a autonomia e o empoderamento para a promoção da saúde (Casemiro; Fonseca; Secco, 2014; Lopes; Nogueira, Rocha, 2018).

Cabe destacar que esta pesquisa foi realizada em 2022, quando ainda se enfrentava a pandemia da Covid-19, iniciada em 2020. Durante esse período, as escolas foram fechadas em conformidade com as diretrizes do Conselho Nacional de Educação (Brasil, 2020). Essa situação evidenciou a importância da escola não apenas no desenvolvimento cognitivo, mas também como um espaço de proteção para crianças em situações de violência familiar e insegurança alimentar, além de ser “[...] lugar de aprendizado das regras democráticas, da tolerância e aceitação das diferenças” (Cury, 2020, p. 7).

O retorno às aulas presenciais no ensino fundamental após período de ensino remoto apresentou diversos desafios, que impactaram tanto os estudantes quanto os profissionais da educação. Entre eles, destacam-se a necessidade de recuperar a aprendizagem, uma vez que muitos estudantes enfrentaram dificuldades de acesso e adaptação às tecnologias durante o ensino remoto (Unicef, 2021).

Além disso, questões relacionadas à saúde mental emergiram com intensidade, visto que o isolamento social e as mudanças abruptas na rotina

influenciaram o bem-estar emocional das crianças (Souza *et al.*, 2022). Tais desafios evidenciam a necessidade de estratégias integradas que considerem tanto a recuperação acadêmica quanto o apoio psicossocial, promovendo o reengajamento dos estudantes e a equidade no acesso à educação. Dentre estas estratégias destaca-se a formação continuada de professores como uma das formas de auxiliar a comunidade escolar neste retorno.

2.3 Formação continuada de professores e a prevenção de doenças na infância

A escola por ser um ambiente no qual as crianças e adolescentes vivenciam parte relevante do seu desenvolvimento é considerado um local no qual se deve trabalhar questões de prevenção de doenças. Para incorporar as suas práticas pedagógicas às questões de saúde os professores precisam de constante formação. A formação de professores precisa ser contextualizada, ou seja, centrada na escola e nas problemáticas do cotidiano escolar. A formação contextualizada pode auxiliar o professor na prática diária, pois para Freire (2015, p. 52), um dos sentidos a práxis é “ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo”.

Para Paulo Freire a formação docente é permanente e precisa que

[...]o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (Freire, 2022, p. 24).

Numa perspectiva dinâmica da formação, na qual o formando não é um objeto e o formador sujeito, mas de “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (Freire, 2022, p. 25). Corroborando com Cunha e Prado (2010, p;105) que referem a formação como um “[...] processo multideterminado que acontece em vários espaços e em circunstâncias formais e informais a partir das interações que promovem o diálogo entre conhecimentos teóricos e saberes da experiência”.

Além disso, a formação docente precisa levar em consideração as questões do cotidiano da sala de aula, não apenas questões didáticas pedagógicas a ser reproduzidas, “[...], mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções,

do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser “educado”, vai gerando coragem” (Freire, 2022, p. 45). Tal processo requer uma série de requisitos necessários à prática pedagógica relacionados à constituição de conhecimentos, o desenvolvimento de habilidades, postura crítica e política diante de um contexto social (Carvalho; Vecchia, 2021).

Uma das formas de aprimorar a formação continuada de professores voltada para a prevenção de doenças é buscar colocar no centro das discussões formativas às necessidades de formação elencadas pelos professores. Conforme, Jardimino e Sampaio (2019) uma formação que problematiza a realidade e busca junto à comunidade escolar formas de construir alternativas de enfrentamento dos problemas, incluindo a participação dos professores desde o levantamento dos problemas relacionados ao cotidiano do trabalho docente, assim como a busca por possíveis soluções.

A formação continuada implica diálogo numa ótica de encontro e construção do conhecimento, tendo em vista que a educação “[...] é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (Freire, 1980, p.69). Dessa forma, destaca-se a relevância da formação centrada no diálogo com os professores e tendo como foco como protagonista no processo e construtor do conhecimento. Dado que os

[...] professores têm que se assumir como produtores da ‘sua’ profissão. Mas sabemos hoje que não basta mudar o profissional; é preciso mudar também os contextos em que ele intervém [...]. Isto é, da mesma maneira que a formação não se pode dissociar da produção de saber, também não se pode alhear de uma intervenção no terreno profissional. As escolas não podem mudar sem o empenhamento dos professores; e estes não podem mudar sem uma transformação das instituições em que trabalham. O desenvolvimento profissional dos professores tem que estar articulado com as escolas e os seus projetos (Nóvoa, 2002, p. 60).

O desenvolvimento profissional docente refere-se a “[...] intenção sistemática de melhorar a prática profissional, crenças e conhecimentos profissionais, com o objetivo de aumentar a qualidade docente, de pesquisa e de gestão” (Imbernón, 2004, p.2). Esse conceito contempla o desenvolvimento de políticas, programas e atividades para a satisfação das necessidades profissionais, como condições de trabalho e remuneração.

Dessa forma, a formação continuada

[...]pode ser compreendida como parte integrante do desenvolvimento profissional, desde que o professor seja visto como sujeito, que tem a possibilidade de obter novos conhecimentos, analisar e refletir sobre sua prática profissional. É o momento no qual se podem construir e ressignificar conhecimentos, crenças, valores e atitudes sobre a profissão. Na profissão docente, caracterizada por exigir do professor habilidades específicas para lidar com o contexto tão heterogêneo que é a escola, a formação continuada torna-se mecanismo fundamental na busca por uma docência contextualizada e eficaz (Ferreira; Santos, 2016, p.3).

Cabe destacar que Venturi e Mohr (2021a) trazem que há lacunas na formação de professores e desafios de abordar a educação em saúde na escola. As dificuldades de abordar temas de saúde na escola podem estar ligadas a pouca abordagem na formação inicial.

A formação, então, precisa problematizar o cotidiano da escola, em vistas de refletir sobre a realidade dos estudantes e suas necessidades que não estão somente relacionadas à aprendizagem do conteúdo programático. Ao pensar a complexidade da inserção de temas de prevenção de doenças na escola é preciso o diálogo entre escola e saúde, não somente como palestras ou ações pontuais do setor saúde, se faz necessário escuta ativa dos desafios vivenciados pelos professores pelos profissionais da saúde e a construção colaborativa de estratégias de enfrentamento destes.

3 METODOLOGIA

3.1 Delineamento do Estudo

Trata-se de um estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo, sendo que a pesquisa qualitativa tem como metas a compreensão do fenômeno pesquisado a partir de seu contexto e da ótica dos participantes da pesquisa (Sampieri, 2013).

3.2 Contextualização do campo

O estudo foi realizado em um município da fronteira oeste do Rio Grande do Sul (RS), possuindo uma população estimada de 126.766 pessoas, em relação a educação apresenta taxa de escolarização de 97,6% na faixa etária de 6 a 14 anos de idade (última atualização em 2010), IDEB – Anos iniciais do Ensino Fundamental da Rede Pública de 5,4. Em 2021, apresentava 47 estabelecimentos de ensino fundamental e 15.383 estudantes matriculados (Brasil, 2021).

A pesquisa foi realizada em duas escolas urbanas da rede pública estadual. A seleção das instituições de ensino se deu por conveniência, sendo selecionadas as que tinham algum membro da equipe diretiva participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estágio e Formação de Professores (GEPEF) da Universidade Federal do Pampa. Por convenção as escolas serão chamadas de Escola A e Escola B, as quais participam do PSE.

Quadro 2 – Caracterização das escolas

Escola A	Escola B
Encontra-se situada na região central da cidade	Encontra-se situada em uma região periférica
Oferta Ensino Fundamental, Ensino Médio para Jovens e Adultos (EJA).	Oferta Ensino Fundamental e EJA Anos Iniciais, ocorre em turno integral (manhã e tarde)
No ano de 2022 haviam 1389 estudantes matriculados.	No ano de 2022, haviam 689 estudantes matriculados nesta escola
O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos anos iniciais, em 2021, foi 6,5 (BRASIL, 2021).	O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) dos anos iniciais, em 2021, foi 4,1 (BRASIL, 2021).

11 turmas - 6 turmas no turno manhã (três turmas de quarto ano e três turmas de quinto) e 5 no turno da tarde (três turmas de quarto ano e duas turmas de quinto ano)	1 turma quarto ano e 1 turma do quinto ano, em turno integral
---	---

Fonte: elaborado pela autora.

3.3 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada de abril a setembro de 2022, em quatro etapas. Na Etapa I foi aplicado um questionário impresso com perguntas abertas e fechadas versando sobre as percepções e práticas pedagógicas das professoras a respeito da prevenção de doenças na infância (Apêndice A). Além disso, também foi questionado a respeito do tema para realizar a formação continuada.

Na Etapa II foi realizada a formação continuada das professoras explorando a temática sugerida por estas. Na Etapa III realizou-se a roda de conversa com professoras e familiares de acordo com a temática elencada pelas professoras e na Etapa IV foram realizadas entrevistas semiestruturadas com familiares (Apêndice B) e na Etapa V foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as professoras (Apêndice C). As entrevistas semiestruturadas foram realizadas de forma presencial ou virtual (*Google Meet*, *WhatsApp* ou chamada telefônica) conforme a escolha do participante, tendo duração de 10 a 15 minutos cada.

Os dados obtidos ao longo da coleta de dados foram registrados em diário de campo. Cada uma das etapas ocorreu de forma independente nas escolas que participaram do estudo, porém a análise de dados foi integrada.

Quadro 3 - Etapas da pesquisa

Etapa	Objetivos Específicos	Escola	Observações	Instrumento de coleta de dados
Etapa I	1.Sintetizar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental acerca da prevenção de doenças na infância; 2.Conhecer as necessidades de formação de professores sobre a temática	Escolas A e B	---	Questionários

	prevenção de doenças na infância.			
Etapa II	3.Realizar formação continuada de professores a partir do levantamento das necessidades formativas.	Escola A e B	---	Formação continuada
Etapa III	4.Desenvolver roda de conversa com professores e familiares dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental sobre as temáticas advindas da formação continuada com os professores.	Escola A e B	os familiares da Escola B não compareceram na roda de conversa.	Rodas com familiares
Etapa IV	5.Conhecer a percepção de familiares em relação a roda de conversa com os professores	Escola A	os familiares da Escola B não foram entrevistados, pois não compareceram na roda de conversa.	Entrevistas com familiares
Etapa V	6. Analisar as percepções de professores após a participação na formação continuada e na roda de conversa realizada com familiares.	Escola A e B	os professores da Escola B foram entrevistados apenas sobre a formação continuada, pois os familiares não compareceram na roda de conversa.	Entrevistas com professores

Fonte: Elaborado pela autora.

3.4 Análise dos Dados

Os dados foram analisados conforme a análise de conteúdo de Bardin. Esta análise ocorreu em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação (Bardin, 2016). Assim, na pré-análise ocorreu a escolha dos documentos que foram analisados; formulação de hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores para basear a interpretação final. Na fase de exploração do material foi realizada a codificação dos dados, nessa codificação os dados brutos foram sistematicamente transformados e adicionados em unidades, as quais permitem descrever com exatidão o conteúdo.

Posteriormente foi realizado o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Nessa fase os dados foram tratados de forma a serem representativos e válidos, sendo realizada síntese e seleção dos resultados, como inferências e interpretações (Bardin, 2016).

3.5 Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), CAAE: 56159922.4.0000.5323, seguindo a Resolução nº. 510 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016b). Os professores e familiares que aceitaram participar do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido correspondentes, professores (Apêndice D) e familiares (Apêndice E). Os participantes foram identificados por códigos alfanuméricos (P- professores e F- familiares) para garantir o anonimato.

A devolutiva dos resultados aos participantes será por meio de roda de conversa nas escolas. Também haverá a possibilidade de acesso aos resultados na Tese que será publicada no sistema de bibliotecas da Unipampa.

4 RELATÓRIO DE CAMPO

Neste capítulo apresenta-se de forma detalhada a inserção da pesquisadora no campo, que ocorreu de abril a setembro de 2022, e os desdobramentos do estudo, o qual está apresentado em cinco etapas.

Na Etapa I (Diagnóstico Inicial), foi aplicado um questionário impresso, com perguntas abertas e fechadas, abordando as percepções e práticas pedagógicas das professoras sobre a prevenção de doenças na infância (Apêndice A). Neste questionário havia espaço para que as professoras expressassem suas necessidades de formação continuada. Essa etapa ocorreu em abril, de forma presencial, em sala de aula. Participaram 13 professoras, sendo dez da Escola A e três da Escola B.

Na Escola A, houve um espaço reservado para a aplicação do questionário em sala de aula. Na ocasião, a pesquisadora apresentou e explicou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como esclareceu dúvidas relacionadas à formação, momento em que o grupo docente manifestou a necessidade de abordar a temática de saúde mental na escola.

Na Escola B, não houve oportunidade de diálogo com as professoras, nem tão pouco esse espaço/tempo para aplicação do questionário. A coleta de dados ocorreu através da distribuição do instrumento pela diretora para as professoras preencherem e entregarem posteriormente. As participantes permaneceram com o instrumento por uma semana, o qual foi recolhido juntamente com o TCLE e entregue pela diretora à pesquisadora.

Diante do cenário de ambas as escolas se viu a necessidade de elaborar algumas hipóteses de solução de como auxiliar as professoras com a saúde mental das crianças. Com isso, traçou-se um plano de formação continuada dialógico que abordasse aspectos relacionados à prevenção em saúde mental na escola, bem como possíveis estratégias a serem construídas coletivamente com as professoras.

Na etapa II (Formação Continuada) ocorreu entre maio e julho de 2022, contou com a participação de 13 professoras. A formação foi realizada separadamente nas escolas A (n=10) e B (n=3), mas seguiu o mesmo planejamento. Adotou-se a metodologia dialógico-problematizadora, proposta por

Freire (1997) e utilizou-se de vídeos, artigos científicos e exemplos de atividades para a sala de aula como recursos.

No primeiro encontro problematizou-se acerca da saúde mental infantil a partir da definição proposta pela Organização Mundial de Saúde (2022), a qual propõe que a saúde mental é

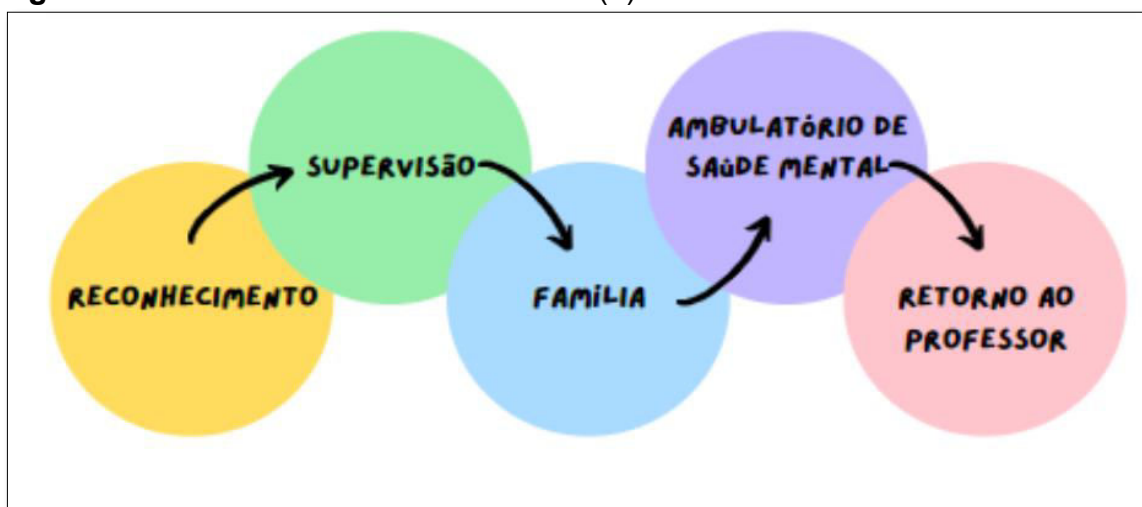
[...]um estado de bem-estar mental que permite que as pessoas lidem com os momentos estressantes da vida, desenvolvam todas as suas habilidades, sejam capazes de aprender e trabalhar adequadamente e contribuam para a melhoria de sua comunidade.

No segundo encontro houve um diálogo acerca das competências socioemocionais e seu potencial para promover a saúde mental infantil, algumas professoras relataram que já realizavam atividades com esse objetivo, principalmente dinâmicas acerca dos sentimentos e do autovalor. Foram compartilhadas atividades pedagógicas baseadas no livro “Atividades para o Desenvolvimento da Inteligência Emocional nas Crianças”, de Alzina *et al* (2022).

Também, houve diálogo a respeito da fase do desenvolvimento infantil das crianças de 9 a 11 anos, buscando exemplos práticos da sala de aula, e trabalhando a relevância do professor na vida dos estudantes. Utilizou-se, como mobilizador do discurso, um vídeo acerca da relação professor-estudante na construção de sentidos e possibilidades de vida (Pulver, 1997).

O terceiro encontro pautou-se no diálogo acerca da rede de atenção psicossocial, bem como os processos e trajetórias adotados pela escola para acessar a rede do município. Elaborou-se conjuntamente com as professoras caminhos de aproximação e interlocução com a supervisão escolar, as famílias e a rede assistencial para acolhimento e acompanhamento de demandas em saúde mental, conforme Figura 3.

Figura 3 – Fluxo de encaminhamentos do(a)s estudantes



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na escola A, participaram seis professoras que ministravam aulas no turno da manhã (três do quarto ano e três do quinto ano) e cinco no turno da tarde (três do quarto ano e duas do quinto ano), sendo que uma das professoras lecionava nos dois turnos na escola. Foram realizados três encontros, um a cada quinze dias, com duração de 50 minutos cada, e documentados por meio de diário de campo. Esses encontros aconteceram na escola, nos últimos períodos da manhã e da tarde, sendo os estudantes liberados mais cedo para que os docentes pudessem participar.

Na escola B foi realizado apenas um encontro de quatro horas, no qual participaram três professoras, que atuavam em turno integral, ministrando aulas para o terceiro, quarto e quinto ano, respectivamente. O encontro foi realizado de forma presencial, em uma sala de aula da escola.

Na etapa III realizou-se a roda de conversa com professoras e familiares de acordo com a temática elencada na pesquisa. Foi enviado convite impresso aos familiares pelos estudantes, em ambas as escolas.

Na escola A foram realizadas 11 rodas de conversa, um encontro com cada turma, e participaram no total 32 familiares e 10 professores. As rodas foram realizadas no horário sugerido pelas professoras, na sala de aula da turma e tiveram duração de 50 minutos. As turmas foram assumidas pelo professor de educação física, a fim de proporcionar a participação da professora regente.

O diálogo do encontro discorreu em torno da saúde mental dos estudantes, da escola e da parentalidade. A pesquisadora iniciou o encontro com a pergunta disparadora acerca da percepção das famílias acerca da relação com as crianças, os desafios e os aspectos positivos, bem como a construção coletiva estratégias para melhorar sua parentalidade. Também, utilizou-se uma dinâmica de demonstração de afeto, na qual foram distribuídos post-its coloridos para que o familiar responsável pudesse expressar as potencialidades das crianças e deixar na classe para que eles possam ler.

Na escola B, o convite foi enviado aos familiares por meio dos estudantes, no entanto, na data e horário previstos, não houve comparecimento dos familiares. Segundo as professoras existe uma fragilidade prévia em envolver os familiares responsáveis que dificilmente comparecem, o que se considera um grande desafio para escola.

Na etapa IV foram realizadas entrevistas semiestruturadas com familiares (Apêndice B). O convite para participação foi realizado durante a roda de conversa, sendo que oito familiares aceitaram participar. As entrevistas foram realizadas por vídeo chamada do *WhatsApp* e tiveram duração de até dez minutos.

Na etapa V ocorreram as entrevistas semiestruturadas com as 13 professoras (Apêndice C), das quais doze (12) foram realizadas de forma presencial e uma (1) virtual (*Google Meet*) conforme a escolha do participante, tendo duração de 10 a 15 minutos cada.

As entrevistas realizadas nas etapas IV e V, foram gravadas e transcritas. E, os dados obtidos ao longo da coleta de dados foram ainda registrados em diário de campo. Cada uma das etapas ocorreu de forma independente nas escolas que participaram do estudo, porém a análise de dados foi integrada.

Como um desdobramento da primeira formação, a diretora da Escola B contextualizou demandas emergentes de orientação acerca do acolhimento escolar aos estudantes com demandas de saúde mental e solicitou um encontro formativo para todas as professoras.

Assim, em setembro de 2022 foi realizado um encontro formativo que contou com a mediação de uma especialista da área de saúde mental. Adotou-se a metodologia da roda de conversa através da problematização de situações problema, com vistas a construção coletiva de hipóteses de solução. O encontro

teve duração de 4 horas e ocorreu em uma sala de aula da escola, em um sábado pela manhã, envolvendo 14 professoras (todas) da escola.

As professoras participaram ativamente e demonstraram desconforto e até mesmo frustração ao narrarem as dificuldades enfrentadas, no que tange a saúde mental dos estudantes e situações de agressividade no contexto escolar. Referiram os desafios de trabalhar suas próprias emoções diante das experiências vividas, e do aumento das demandas de saúde mental dos estudantes, principalmente no retorno do ensino presencial.

Com isso, abordou-se a necessidade de validar os sentimentos dos estudantes e dos professores, adotando-se um diálogo claro e aberto. Também, reforçou-se a importância de ter uma linguagem corporal coerente com a linguagem verbal, uma vez que durante as narrativas da experiência o “não dito”, repleto de agressividade, medo e evitação, ficou manifesto nos atos e cenas demonstrados pelo grupo durante a dinâmica. Ainda, reforçou-se a gestão compartilhada dos desafios, bem como a tomada de decisão coletiva e de apoio mútuo, incluindo os estudantes nesse processo.

Ao final do encontro, foi realizada uma avaliação da roda. As professoras referiram ter sido uma experiência valiosa, evidenciando que, por vezes, enfrentam muito sofrimento diante desses problemas na relação com os estudantes. Relataram ser doloroso pedir ajuda, e frustrante não dar conta das demandas expressas em sala.

5 RESULTADOS

Neste tópico apresentamos os resultados da pesquisa, que se constituem em dois artigos e um manuscrito, sendo que o detalhamento destes foi descrito do quadro 4.

Quadro 4 – Apresentação dos resultados

Objetivos	Título	Revista	Qualis na área de ensino	Publicado
1 e 2	Concepções e práticas pedagógicas de professoras do ensino fundamental acerca da prevenção de doenças na infância	Ensino & Pesquisa	A3	Publicado em abril de 2024
4 e 5	Roda de conversa com familiares acerca da saúde mental infantil no contexto escolar	Caderno Pedagógico	A2	Publicado em novembro de 2024
3 e 6	Percepção de professoras acerca de formação continuada em saúde mental infantil. ¹	Interface	A3	Não submetido

Fonte: Elaborado pela autora.

¹ Devido às diferenças no perfil das escolas e no modelo utilizado na formação continuada, uma vez que cada instituição apresentava necessidades distintas, embora dentro da mesma temática, bem como, por não ter sido realizada a roda de conversa na escola B, optou-se por utilizar, no Manuscrito 3, apenas os dados da Escola A.

5.1 Resultado 1

Neste tópico apresenta-se o primeiro resultado oriundo da pesquisa, o mesmo está disponível em: <https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.2.7984>

ENSINO & PESQUISA

ISSN 2359-4381

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v. 22, n. 2, p. 348-361, abr./ago., 2024.

Concepções e práticas pedagógicas de professoras do ensino fundamental acerca da prevenção de doenças na infância

DOI: <https://doi.org/10.33871/23594381.2024.22.2.7984>

Michele Bulhosa de Souza, Fernanda Cristina Foss de Zorzi, Luana Ribeiro Borges, Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira

Resumo: Objetivou-se conhecer concepções e práticas pedagógicas de professoras sobre a prevenção de doenças na infância. Trata-se de um estudo qualitativo, exploratório e descritivo, do qual participaram 13 professoras de duas escolas públicas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados questionário impresso e diário de campo. Os dados foram submetidos a análise conteúdo. As categorias de maior frequência indicaram que a prevenção de doenças na infância pode ser atrelada a evitar a doença; e a forma de realizar essa prevenção está relacionada a ações educativas. Quanto as temáticas abordadas na sala de aula destacaram-se alimentação e higiene. A forma de abordagem do tema foi predominantemente dialógica, sendo que para realizar o planejamento foram consideradas a fase de desenvolvimento do estudante e as necessidades da turma. Como formas de aprimorar a abordagem da prevenção de doenças na escola as professoras citam ações intersetoriais e recursos pedagógicos atrativos. Como temática para realizar a formação continuada emergiu com maior frequência as doenças na infância de forma generalizada, e especificamente, apontou a saúde mental como tema. Portanto, as concepções e práticas pedagógicas das participantes deste estudo, relacionavam-se a evitar a doença por meio de ações educativas, sendo que para formação continuada a necessidade emergente foi a saúde mental na infância.

Palavras-chaves: crianças, prevenção de doenças, saúde escolar, professores.

Conceptions and pedagogical practices of elementary school teachers about the prevention of diseases in childhood

Abstract: The aim of this study was to identify teachers' conceptions and pedagogical methods about the prevention of childhood diseases. This is a qualitative, exploratory and descriptive study, in which 13 teachers from two public schools from the early years of primary school participated. A paper questionnaire and a field diary were used as data collection tools. The data were analyzed by content analysis. The most frequently mentioned categories indicated that the prevention of diseases in childhood can be related to avoiding the disease; and the way to carry out this prevention is related to educational actions. As for the themes addressed in the classroom, food and hygiene were the most prominent. The method for approaching the theme was mostly dialogical, and the student's developmental stage and the necessities of the class were considered in the project planning. As ways to enhance the approach to disease prevention at school, the educators mentioned intersectoral actions and attractive teaching resources. As a theme for ongoing training, childhood diseases in general emerged more frequently, and specifically, mental health as a theme. However, the

educational conceptions and practices of the participants of this study were related to the avoidance of disease through educational actions, and for continuing education the emergent need was mental health in infancy.

Keywords: children, disease prevention, school health, teachers.

Introdução

A escola constitui-se num espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações de promoção a saúde e prevenção de doenças (FUMAGALLI, 2019; SILVA, 2019). Dentro dessa lógica, no Brasil, em 2007, foi criado o Programa Saúde na Escola (PSE), como uma política intersetorial, propondo ações conjuntas entre equipes de saúde da família e escolas, para promover tanto a prevenção de doenças quanto a promoção da saúde dos estudantes (BRASIL, 2007).

Além do PSE, na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) verifica-se que nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a partir do quarto ano, há uma proposta de desenvolver habilidades relacionadas ao conhecimento de formas de transmissão de vírus, bactérias e protozoários; e as medidas de controle e prevenção de doenças causadas por estes. Assim, no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes espera-se que estes possam desenvolver maior poder de decisão sobre questões a respeito da saúde individual e coletiva (BRASIL, 2018).

Nesse processo de desenvolvimento de habilidades e aprendizagem dos estudantes o professor é um dos principais mediadores (PEREIRA; DE SALES, 2022), sendo aquele que pode proporcionar oportunidades de aprendizagem significativa a respeito da prevenção de doenças na infância. Para propor esta aprendizagem é preciso que o professor pesquise sobre “os conhecimentos prévios de seus alunos, sua pré-disposição para aprender” (HONORATO; DIAS; DIAS, 2018, p.25) como também elucide aos estudantes a relevância do conteúdo estudado e utilize recursos pedagógicos e métodos adequados (HONORATO; DIAS; DIAS, 2018). Dessa forma, se torna relevante conhecer: Quais as concepções e as práticas pedagógicas de professores da educação básica sobre a temática prevenção de doenças na infância? Assim, teve-se como objetivo conhecer as concepções e práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental a respeito da prevenção de doenças na infância.

Metodologia

Trata-se do recorte de um estudo qualitativo, do tipo exploratório e descritivo (YIN, 2016). O cenário contemplou duas (2) escolas da rede pública estadual, que participavam do PSE, de um município da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul. A seleção dessas instituições de ensino se deu considerando que um membro da equipe diretiva de cada escola participava do Grupo de Estudos e Pesquisas em Estágio e Formação de Professores (GEPEF) da Universidade Federal do Pampa. Por convenção as escolas foram chamadas de Escola A e Escola B.

A coleta de dados ocorreu entre abril e setembro de 2022, participaram 13 professoras, sendo sete (7) do quarto ano e seis (6) quinto ano do Ensino Fundamental, por meio da aplicação de um questionário impresso. No qual havia oito (8) perguntas abertas que versavam sobre concepção e ações de prevenção de doenças na infância, recursos pedagógicos adotados, planejamento da abordagem da temática, sugestões de melhorias para ensino e aprendizagem relacionado a temática e temas que as docentes gostariam de dialogar em uma formação continuada. Também compõe o corpus de análise deste estudo fragmentos textuais oriundos do diário de campo da pesquisadora.

Para tratamento dos dados adotou-se a técnica de Análise de Conteúdo. Essa técnica se fundamenta na análise categorial, com desmembramento das respostas em categorias, constituída por núcleo de sentido que emergiram dos dados (BARDIN, 2011).

A partir da qual emergiram categorias, sendo apresentadas aquelas de maior frequência de respostas dos participantes, estas foram definidas a posteriori. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Pampa, sob o número 56159922.4.0000.5323. Como forma de preservar o anonimato das participantes foi utilizada para cada participante a consoante P (Professor) acompanhada de numeral 1 a 13, exemplo P1 a P13.

Resultados e Discussão

As professoras participantes do estudo estavam na faixa etária entre 40 e 56 anos, com carga horária de trabalho na escola de 20 e 50 horas semanais e tempo de experiência

nos anos iniciais do ensino fundamental entre 04 e 35 anos. Quanto a formação, das 13 professoras, nove (69,2%) possuíam pós-graduação *lato sensu*, sendo quatro (30,8%) na área de psicopedagogia.

Vale ressaltar que as respostas das participantes foram alocadas em mais de uma categoria, de acordo com o núcleo de sentido. Sendo apresentadas as categorias de maior frequência.

Quando as professoras foram questionadas: Para você o que é prevenção de doenças na infância? A categoria que surgiu de maior frequência, sete (53,8%) das respostas das participantes, foi intitulada: Evitar a doença. Nessa categoria as participantes trazem a concepção de prevenção como caminho, ou seja, método de evitar que as crianças sejam acometidas pelas doenças como exemplificado nos excertos de P11 e P13:

Para prevenir danos à criança e adolescente em todos os níveis, de forma humanizada em tempo oportuno (P11).

A prevenção é o caminho para tentar evitar as doenças infantis (P13).

As afirmações das participantes corroboram com o conceito que define prevenção primária como ações tomadas para remover causas e fatores de risco de um problema de saúde individual ou populacional antes do desenvolvimento de uma condição clínica (BRASIL, 2013).

O efeito multiplicador da prevenção e da promoção da saúde tem potencial para impactar positivamente toda a população viabilizada pela criação de instrumentos que oportunizem qualidade de vida para todos (LOHR *et al*, 2014). Isso por meio da contextualização dos problemas, contemplando dimensões interpessoais, sociais e políticas com o objetivo de problematizar e construir junto hipóteses de solução.

Quando as professoras foram questionadas: Na sua percepção, como é possível prevenir as doenças na infância? A categoria que surgiu de maior frequência, cinco (38,4%) das respostas das participantes, foi intitulada: Ações Educativas. Nessa categoria as participantes trazem a educação como forma de realizar a prevenção de doenças na infância, como exemplificado nos excertos de P2 e P7:

Levando os estudantes a refletir e conhecer acerca de hábitos de higiene, cuidados consigo e com o outro, com sua saúde mental e o meio onde vive (P2).

Através de campanhas educacionais ou projetos cuja intencionalidade

seja essa (P7).

A categoria Ações Educativas destaca as ações de educação em saúde que desenvolvam conhecimento e reflexão nos alunos sobre saúde e doença, assim como, na realização de campanhas e projetos na escola. Ações com finalidade de promover hábitos de vida saudáveis são potencializadas quando desenvolvidas por meio da educação em saúde com ênfase na troca de conhecimento e experiências resultando na solução de muitos problemas de saúde (PIANTINO *et al*, 2018).

A partir da intencionalidade da prevenção de doenças pode ser abordada por meio de diversas estratégias pedagógicas colaborando para o saber e a autonomia do indivíduo e nos processos de ensino e aprendizagem (MOHR, 2002). A escola nesse processo possui função potencializadora para desenvolver um olhar mais amplo sobre prevenção de doenças, assim como uma postura reflexiva sobre tal (VENTURI; PEDROSO; MOHR, 2013). O desenvolvimento de campanhas, por exemplo publicitárias, podem ser reducionistas nas questões pertinentes à prevenção de doenças, podendo focar em apenas uma dimensão, como por exemplo sintomas iniciais, e não no processo que decorre de tal acometimento (MARINHO; SILVA, 2013).

Nas escolas em que há o desenvolvimento de ações do PSE, o acompanhamento do serviço de saúde se constitui como realidade na prevenção de doenças, possuindo eixos de ações a serem desenvolvidas para os escolares que constituem avaliação clínica e psicossocial. Cabe ressaltar que a atualização do calendário vacinal recebe atenção diferenciada no município no qual foi realizada a pesquisa, dado que os gestores escolares exigem atestado de que as vacinas estejam em dia.

A prevenção de doenças na infância pode ser desenvolvida por meio do ensino de práticas de cuidado, no desenvolvimento de habilidades para o autocuidado (MENDIETA *et al*, 2019). Destaca-se que o autocuidado remete a habilidade do cuidado de si e precisa ser incentivado e praticado desde a educação infantil, no intuito de continuar ao longo da vida das pessoas (GALVÃO; JANEIRO, 2013).

Quando as professoras foram questionadas: Você aborda o tema prevenção de doenças na infância com seus alunos? De que forma? Quais temáticas? Evidenciou-se que o tema prevenção de doenças na infância é abordado em sala de aula por oito (61,5%) das professoras.

Quanto a forma de abordagem da prevenção de doenças na infância, a categoria que surgiu de maior frequência, apresentou oito (100%) das respostas foi intitulada: Diálogo.

Nessa categoria as participantes referiram que a forma como é desenvolvido o tema prevenção de doenças é por meio do diálogo com os estudantes com ênfase na relevância sobre tal conhecimento como exemplificado nos excertos de P2 e P11:

Rodas de conversa (P2)

Falando da importância [...] (P11)

Isso conduz a compreensão de educação, como troca e encontro, no qual o diálogo e comunicação ganham significado (FREIRE, 2022). O diálogo remete a utilizar estratégias de ensino e aprendizagem, planejadas e implementadas num viés de Educação em Saúde, incorporando a realidade e o conhecimento do estudante, e não Educação para a Saúde que direciona a mudar comportamentos considerados inadequados pelo professor (VENTURI; PEDOROSO; MOHR, 2013; MARINHO; SILVA, 2013).

Quanto aos temas abordados, a categoria de maior frequência, seis (75%) respostas das participantes, foi intitulada: Alimentação e Hábitos de Higiene. Nessa categoria as participantes trazem que os temas abordados em sala de aula estão relacionados a alimentação e cuidados de higiene pessoal, como exemplificado nos excertos de P1 e P5:

Cuidados com a higiene pessoal, corporal (física) e mental (P1).

[...] alimentação saudável (P5).

As orientações estão voltadas à cuidados com o corpo e comportamentos, no caso hábitos de vida: alimentação saudável e higiene (BRASIL, 2018). Nele a habilidade EI03CG04 versa sobre adotar hábitos de autocuidado relacionados à higiene, alimentação, conforto e aparência. Essa questão pode estar relacionada ao período de retorno presencial do ensino, ainda com ênfase na necessidade de medidas de proteção como a lavagem de mãos, como também ao contexto dos estudantes.

Quando as professoras foram questionadas: Quais recursos pedagógicos você utiliza para abordar a temática de prevenção de doenças na infância com seus alunos? A categoria de maior frequência, sete (87,5%) das respostas das participantes, foi intitulada: Recursos Visuais. Nessa categoria as participantes trazem como recursos pedagógicos utilizados: livros didáticos, textos, revistas, folhetos e folders para abordar a prevenção de doenças na infância, como exemplificado nos excertos de P6 e P8:

Vídeos, livros didáticos, reportagens (P6).

O livro didático e materiais impressos (P8).

A análise de livros didáticos das séries iniciais do Ensino Fundamental (2º ao 5º ano), disponibilizadas em 2010 nas escolas, a partir da temática saúde indicou uma expressiva

frequência nessa fase de escolarização, ocupando parte significativa do currículo de Ciências (MONTEIRO, 2012). Dessa forma, justifica-se a frequência do uso do livro de didático como apoio às professoras no desenvolvimento da temática.

No entanto, se faz necessário outros materiais para complementar e/ou questionar o livro didático e também despertar o interesse dos estudantes (PORTRONIERI, 2016). O livro didático é considerado um recurso principal para o processo de ensino e aprendizagem, em algumas realidades representa a única alternativa para se trabalhar em aula, tanto por professores quanto por estudantes (SANTOS, 2015).

Estudo sobre o livro didático e a presença da temática educação alimentar dá ênfase no professor como um importante mediador de conhecimentos sobre prevenção de doenças, especificamente, ao usar o livro didático como fonte para sua informação e posteriormente em desenvolver este em aula com seus estudantes (MOREIRA; STRIEDER, 2019).

Corroborando com a maior utilização do livro didático neste grupo que participou da pesquisa. Cabe destacar que todas as professoras participantes desta pesquisa utilizam, além do livro didático, pelo menos um outro recurso pedagógico.

Quando as professoras foram questionadas: Onde você busca informações sobre prevenção de doenças na infância para trabalhar em sala de aula com seus alunos? Você pode especificar as fontes: () Livro didático () Sites. Quais? () Vídeos do Youtube. Quais? () Outras. Quais? A categoria que surgiu de maior frequência, nove (69,2%) das respostas das participantes, foi intitulada: Livro Didático. Nessa categoria as participantes escolheram a opção livro didático como sua fonte de informações sobre a prevenção de doenças na infância. Sendo que destas oito professoras combinam o livro didático com outras fontes como vídeos do Youtube, sites relacionados a saúde e/ou educação, como exemplificado nos excertos de P7 e P11:

Livro didático

Sites: vários relacionados a educação (Nova Escola)

Vídeos do youtube: TV escola (observo sempre antes de repassar) (P7)

Livro didático

Sites: brasilescola; Uol.com.br Unicef.org

Vídeos do Youtube: O que é o coronavírus? Prevenção e dicas;

Acidentes na primeira infância, Linhas de cuidados p/ saúde da criança e adolescente (P11)

Quando as professoras foram questionadas: Quais os aspectos você considera fundamentais na hora que você realiza seu planejamento a respeito da temática doenças na

infância? A categoria que surgiu de maior frequência, seis (75%) das respostas das participantes, foi intitulada: Fase do Desenvolvimento do estudante. Nessa categoria as participantes consideraram a idade e a maturidade dos estudantes, como também as necessidades da turma, utilização de linguagem acessível e clara, como exemplificado nos excertos de P4 e P7:

A idade. Como as crianças estão na puberdade fala-se em doenças sexualmente transmissíveis(P4).

Diálogo claro com linguagem próxima da criança (P7).

Seria importante identificar junto ao estudante como tal assunto permeia sua realidade de vida, fora da escola. Refletir com os estudantes sobre a sua realidade, problemas, dificuldades e soluções, instigando a criticidade no estudante (FREIRE, 2002).

Ao contextualizar o ensino, o docente estimula a curiosidade e valoriza os saberes do estudante. A partir dessa prática é possível desenvolver conteúdos relacionados ao contexto do estudante, selecionando tópicos que sejam de interesse comum dos estudantes e implementando estratégias problematizadoras. Enfatiza-se que esta possibilidade demanda planejamento das aulas, motivação e intencionalidade pedagógica que reflita na aprendizagem de conhecimentos científicos sobre prevenção de doenças (SCHONS *et al*, 2017). Trabalhar processos de ensino e aprendizagem baseados no contexto do estudante e no desenvolvimento do mesmo, denota a necessidade de conhecimento por parte do professor sobre a temática que será desenvolvida em sala de aula, especificamente sobre prevenção de doenças.

Quando as professoras foram questionadas: Quais as suas sugestões para melhorar o ensino-aprendizagem em relação a prevenção de doenças na infância? Surgiram duas categorias de frequência equivalente, cinco (35,7%) das respostas das participantes, foram intituladas: Ações Intersetoriais e Recursos Pedagógicos.

Na categoria Ações Intersetoriais as participantes trazem a relevância da interação próxima entre escola e profissionais da área da saúde, como exemplificado nos excertos de P1 e P2:

Intervenção de profissionais da área com palestras direcionadas às famílias. Atendimento e acompanhamento; caso necessário (P1).

Maior interação por parte da escola, comunidade escolar com profissionais da área da saúde (P2).

A intersetorialidade pode ser discutida sob três aspectos: complementaridade dos setores englobando sujeitos e suas necessidades, conhecimentos e setores; como prática, isto é, desenvolvem engajamento e aprendizado no trabalho de atender às necessidades da sociedade; e trabalho com redes abrangendo articulação entre as políticas públicas e a sociedade civil para atender questões sociais fortemente relacionadas com o contexto local (SCHUTZ; MIOTO, 2010).

Além disso, a intersetorialidade acontece mediante a integração de ações dos setores da saúde e da educação. A intersetorialidade condiz com uma forma de promover qualidade de vida e dignidade, mas também chama a atenção para a responsabilidade de cada setor com suas ações específicas. Objetiva ainda, a necessidade da inclusão do tema saúde como tema transversal e interdisciplinar nos currículos escolares e que estes sejam vividos no contexto escolar e de acordo com a realidade da população escolar (CHIARI *et al*, 2018).

Para além da ação intersetorial faz-se necessária a interdisciplinaridade entre escola e profissionais da saúde, sendo que o trabalho articulado e planejado de profissionais de saúde e escola, de forma sistemática, pode proporcionar melhorias na saúde dos escolares (SCHNEIDER; MAGALHÃES; ALMEIDA, 2022). Corroborando com a proposta do PSE, na busca de propor ações integradas e contínuas entre escola e Equipe Saúde da Família, tendo o propósito de que as ações do programa estejam inseridas no Projeto Político Pedagógico da escola, rompendo com a lógica de palestras e ações pontuais e isoladas do contexto escolar.

Na categoria Recursos Pedagógicos as participantes trazem a relevância de considerar o contexto do estudante bem como a explorar os temas relativos a prevenção de doenças por meio de recursos que auxiliem a despertar o interesse dos estudantes, como exemplificado nos excertos de P5 e P9:

Assuntos atrativos, da realidade da turma, recursos atrativos(P5).

Um trabalho com filmes, vídeos, que chame bastante a atenção deles para esta importante temática(P9).

O recurso pedagógico pode ser compreendido como uma ferramenta que leva o estudante atingir o objetivo de aprendizagem traçado pelo professor. Desse modo, pode se compreender recurso pedagógico “[...] como meios ou facilitadores para o alcance de objetivos educacionais no contexto formativo; é aquele recurso que auxilia diretamente no processo ensino e aprendizagem” (NONATO; SALES; CAVALCANTE, 2021, p. 12).

Quando as professoras foram questionadas: Que temas você gostaria de conhecer e/ou aprofundar na formação continuada? A categoria que surgiu de maior frequência, cinco (45,4%) das respostas das participantes, foi intitulada: Doenças na infância. Nesta categoria as professoras trouxeram de forma geral o tema doenças na infância, como exemplificado por P10 e P13:

As doenças mais frequentes na infância, seus sintomas e consequências no desenvolvimento infantil (P10).

As principais doenças que afetam a infância e suas consequências (P13).

No que tange às demandas de saúde das crianças na faixa etária de 9 a 11 anos, estas se relacionam a problemas de aprendizagem, dificuldades de relacionamento com os pais, professores e familiares, baixa estima, obesidade, entre outros (PAPALIA; MATORELL, 2022). Nessa idade, a busca por atendimento pediátrico, está centrada nas dificuldades escolares as quais podem estar associadas a

[...]inadaptação à escola, por razões individuais, pedagógicas ou culturais; desempenho escolar abaixo das expectativas dos pais; comportamentos e atitudes em desacordo com o esperado ou exigido pelos adultos; apontamentos das próprias escolas, por mau rendimento escolar ou comportamentos considerados inadequados, na expectativa de que um diagnóstico justifique o fracasso escolar e/ou a exclusão da criança ou adolescente (PINTO Jr., 2021, p. 321).

Como uma segunda categoria de maior frequência 4(36,4%), a partir do questionamento anterior, surgiu a categoria intitulada: Saúde Mental. Nesta categoria as professoras trouxeram as necessidades de trabalhar a saúde mental, conforme exemplificado por P5 e P7:

Saúde mental, nesse momento de pós-pandemia (como chamam), apesar de a pandemia ainda continuar (P5).

Saúde emocional (muitos transtornos estão surgindo: ansiedade, compulsão, TOC (P7).

Com a pandemia da COVID-19 destacaram-se demandas de saúde mental infantil, muitas crianças por conta do isolamento social e da perda de familiares e amigos próximos passaram a apresentar nervosismo, irritabilidade e raiva (PANCHAL *et al.*,2021; PISANO;

GALIMI; CERNIGLIA, 2020), alterações no sono (PISANO; GALIMI; CERNIGLIA, 2020), cansaço e angústia (ELHARAKE et al., 2023).

No mundo, já havia uma preocupação crescente com a saúde mental infantil, que era anterior à situação pandêmica, e seus impactos na vida adulta (COLLINS, 2011, JANSEN *et al.*, 2022). Mas, a saúde mental infantil ganhou maior destaque no contexto pandêmico, pois as crianças que tinham na escola seu único ponto de apoio psicossocial, se encontraram mais vulnerabilizadas principalmente nos países em desenvolvimento (UNESCO, 2020).

O retorno presencial trouxe diversas demandas aos professores, dentre estas os estudantes apresentando dificuldades de relacionamento interpessoal, questões de descontrole emocional tanto da parte dos estudantes quanto dos familiares. A partir desse contexto, embora saúde mental não tenha apresentado a maior frequência nas respostas, durante a aplicação do instrumento de coleta de dados as professoras relataram a necessidade de trabalhar a saúde mental infantil na formação continuada.

Considerações finais

Ao conhecer as concepções e práticas pedagógicas das professoras a respeito da prevenção de doenças na infância pode-se verificar que a concepção prevalente foi de antecipar-se a doença e caminho para evitar a doença. As ações educativas foram evidenciadas como a forma de realizar a prevenção de doenças na infância.

Quanto as práticas pedagógicas a forma de abordagem da temática, predominante, foi o diálogo e as temáticas foram alimentação e hábitos de higiene. O diálogo permite troca e participação do estudante. No que diz respeito as temáticas a BNCC prevê que, no quarto e quinto ano, haja compreensão de microrganismos, vacinas, entre outros, acredita-se que devido ao retorno das atividades escolares em modo presencial, houve outras necessidades emergentes na ótica destas professoras.

Em relação aos recursos pedagógicos utilizados para abordar a prevenção de doenças na infância destacaram-se os recursos visuais, tais como livros didáticos, textos, revistas, entre outros. O livro didático foi o recurso pedagógico e fonte de consulta para elaboração de atividades mais utilizado pelas professoras, mas não o único, sendo utilizados ainda, sites com material educativo e vídeos da plataforma *Youtube*.

Ao planejar as atividades as professoras avaliam a fase do desenvolvimento do estudante, demonstrando a preocupação com o ensino voltado para as necessidades destes, além da contextualização com a realidade, ofertando o ensino de prevenção de doenças na infância conectado ao contexto e ampliado, não apenas focado em uma doença específica.

No que tange a sugestões para aprimorar o ensino destacam-se as ações intersetoriais, as quais são preconizadas pelo Programa Saúde na Escola e como também uso recursos pedagógicos atrativos e contextualizados com a realidade da turma. A temática doenças na infância e especificamente a saúde mental infantil foram elegidos pelas professoras para a realização de uma formação continuada.

Destaca-se que o questionário permitiu conhecer de forma exploratória as concepções e práticas pedagógicas das professoras participantes. Recomenda-se estudos futuros que integrem a visão de profissionais da saúde, famílias e escolares com vistas a construção de estratégias educativas para prevenção de doenças e promoção da saúde na escola.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 dez. 2022.

BRASIL. Casa Civil. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa Saúde na Escola. Brasília: Casa Civil, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1726-saudenaescola-decreto6286-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 mai. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Rastreamento / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – 1. ed., 1. reimpr. – Brasília : Ministério da Saúde, 2013. 95 p. : il. – (Cadernos de Atenção Primária, n. 29). Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/rastreamento_caderno_atencao_primaria_n29.pdf. Acesso em: 10 jan. 2022.

PINTO JR. A.B. *et al.* Atenção integral à saúde do escolar. In: JÚNIOR, D. C.; BURNS, D. A. R.; LOPEZ, F. A. **Tratado de pediatria**. v.1. Rio de Janeiro: Editora Manole, 2021. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786555767476/>. Acesso em: 07 jun. 2023, p. 321-324.

CHIARI, A. P. G. *et al.* Rede intersectorial do Programa Saúde na Escola: sujeitos, percepções e práticas. **Cadernos de Saúde Pública** [online], v. 34, n. 5, e00104217, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00104217>. Acesso: 5 jun. 2023.

COLLINS, P. *et al.* Grand challenges in global mental health. **Nature**, v. 475, p. 27-30, 2011. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/475027a>. Acesso em: 08 jan. 2023.

ELHARAKE, J. *et al.* Mental Health Impact of COVID-19 among Children and College Students: A Systematic Review. **Child Psychiatry & Human Development**, n.54, v. 3, p. 913-925, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35013847/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

FREIRE P. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 74a edição. Paz e Terra. São Paulo, 2022.

FUMAGALLI, L. M. R. **Promoção da saúde no ambiente escolar: produção científica e análise do contexto**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências Química da Vida e Saúde) – Universidade Federal do Pampa, Uruguaiana, 2013.

Disponível em:

<http://dspace.unipampa.edu.br/bitstream/riu/4495/1/LAURA%20MENDES%20RODRIGUES%20FUMAGALLI.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2022.

HONORATO, C. A.; DIAS, K. K. B.; DIAS, K. C. B. Aprendizagem Significativa: uma introdução à teoria. **Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 13, n. 1, p. 22-37, 2018.

Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/mediacao/article/view/6728/5436>. Acesso em: 15 jun 2022.

JANSEN, Elena. *et al.* Preventing child mental health problems in southeastern Europe: Feasibility study (phase 1 of MOST framework). **Fam Process**, v. 61, n. 3, 2022.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/famp.12720>. Acesso em: 07 jan. 2023.

LÖHR, S. S. *et al.* Prevenção e promoção da saúde: um desafio na formação de psicólogo. Revista Psicologia da Criança e do Adolescente. **Journal of Child and Adolescent Psychology**, v. 4, n. 2, p. 205-222, 2013. Disponível em:

<http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/rpca/article/view/433/411>. Acesso em: 01 mar. 2023.

MARINHO, J; SILVA, J. Conceituação da educação em saúde e suas implicações nas práticas escolares. **Ensino, Saúde e Ambiente**. v.6, n.3, p. 21-38, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/ensinosaudeambiente/article/download/21140/12613/77552>.

Acesso em: 10 dez. 2023.

MENDIETA, M. da C. *et al.* (2019). AÇÕES DE AUTOCUIDADO NA SAÚDE ESCOLAR: REVISÃO INTEGRATIVA. **Revista Baiana de Enfermagem**, v.33, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/31799>. Acesso em: 7 jun. 2023.

MOHR, A. **A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências**. 2002. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação)-, Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/83375>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MOREIRA, D.M; STRIEDER, D.M. O livro didático e suas relações com a educação alimentar. **Rev. Bras. de Iniciação Científica**, Itapetininga. v.6, n.7, 2019; 108-124.

MONTEIRO, Camila *et al.* Noções de microbiologia para crianças dos anos iniciais de uma escola pública de Uruguaiana-RS. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 7, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/81353>. Acesso em: out. 2022.

NONATO, E. do R. S.; SALES, M. V. S.; CAVALCANTE, T. R. Cultura digital e recursos pedagógicos digitais: um panorama da docência na Covid-19. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 45, p. 8-32, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/8309>. Acesso em: 5 jun. 2023.

PANCHAL, U. *et al.* The impact of COVID-19 lockdown on child and adolescent mental health: systematic review. **European Child & Adolescent Psychiatry**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00787-021-01856-w>. Acesso em: 23 fev. 2023.

PAPALIA, D.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2022.

PEREIRA, M. G.; DE SALES, T. H. da S. O professor como mediador do processo de ensino – aprendizagem em sala de aula. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v. 21, n. 01, p. 70-83, 2022. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/viewFile/898/732>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, M. *et al.* A Saúde enquanto Tema Transversal em Livros Didáticos de Ciências para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental. **ALEXANDRIA Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v.8, n.1, p.53-73. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/alexandria/article/view/1982-5153.2015v8n1p53/29300>. Acesso em: 10 fev. 2023.

SCHONS, E. *et al.* A contextualização como ferramenta no ensino de ciências. In:

PESSANO, E. *et al.* (org.) **Contribuições para o ensino de ciências: alfabetização científica, aprendizagem significativa, contextualização e interdisciplinaridade**. Bagé: EdUNIPAMPA, 2017, p.18-33.

PISANO, L.; GALIMI, D.; CERNIGLIA, L. A qualitative report on exploratory data on th possible emotional/behavioral correlates of Covid-19 lockdown in4-10 years childrenin Italy. **PsyArXiv**, 2020. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340620013_A_qualitative_report_on_explorat

[ory_data_on_the_possible_emotionalbehavioral_correlates_of_Covid-19_lockdown_in_4-10_years_children_in_Italy](#). Acesso em: 23 fev. 2023.

SCHNEIDER, S. A.; MAGALHÃES, C. R.; ALMEIDA, A. do N. Percepções de educadores e profissionais de saúde sobre interdisciplinaridade no contexto do Programa Saúde na Escola. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação [online]**. v. 26, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.210191>. Acesso: 07 jan. 2022.

SCHUTZ, F.; MIOTO, R. C. T. Intersetorialidade e política social: subsídios para o debate. **Sociedade em Debate**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 59-75, 2012. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/337>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SILVA, C.S. **Saúde na escola: intersectorialidade e promoção da saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2019.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3YFWD2Y>. Acesso em: set. 2022.

VENTURI, T.; PEDROSO, I.; MOHR, A. Educação em saúde na escola a partir de uma perspectiva pedagógica: discussões acerca da formação de professores. ENCONTRO REGIONAL SUL DE ENSINO DE BIOLOGIA (EREBIO-SUL). 6., 2013, Santo Ângelo. Anais [...]. Santo Ângelo: URI, 2013. s.p. Disponível em: https://san.uri.br/sites/anais/erebio2013/comunicacao/13437_130_Tiago_Venturi.pdf. Acesso em: 15 jan. 2022.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Grupo A, 2016. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584290833/>. Acesso em: 05 jun. 2023.

Submissão: 16/06/2023. Aprovação: 16/05/2024. Publicação: 20/08/2024.

5.2 Resultado 2

Neste tópico apresentamos o segundo resultado oriundo da pesquisa, o mesmo está disponível em:

<https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/11509>.

Roda de conversa com familiares acerca da saúde mental infantil no contexto escolar

Children's mental health at school: a conversation circle with family members

Ronda de conversación con los familiares sobre la salud mental de los niños en el contexto escolar

DOI: 10.54033/cadpedv21n13-062

Originals received: 11/01/2024

Acceptance for publication: 11/22/2024

Michele Bulhosa de Souza

Mestre em Enfermagem

Instituição de formação: Fundação Universidade Federal do Rio Grande

Endereço: Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: michelebulhosa@unipampa.edu.br

Luana Ribeiro Borges

Doutora em Ciências: área de concentração em Práticas Sociais em Enfermagem e Saúde

Instituição de formação: Universidade Federal de Pelotas

Endereço: Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: luanaborges@unipampa.edu.br

Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira

Doutora em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde

Instituição de formação: Universidade Federal de Santa Maria

Endereço: Uruguaiana, Rio Grande do Sul, Brasil

E-mail: betinamoreira@unipampa.edu.br

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a percepção dos familiares de escolares após a participação em uma roda de conversa acerca da saúde mental infantil no contexto escolar. Caracterizado como um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado em setembro de 2022, com oito familiares participantes das rodas desenvolvidas em uma escola estadual do Rio Grande do Sul. A coleta de dados ocorreu por meio de uma entrevista individual semiestruturada. Os dados passaram pela análise de conteúdo de Bardin. Evidenciou-se que a roda de conversa foi considerada satisfatória ao proporcionar orientação, esclarecimento de dúvidas, compartilhamento de preocupações e experiências entre as participantes. A temática saúde mental infantil foi considerada pertinente, especialmente devido ao contexto vivenciado pelas crianças e suas famílias na pandemia. Ainda, algumas participantes apontaram a necessidade de aumento do tempo da roda e de receber apoio da escola e orientação para um diálogo sensível com as crianças, escutando e acolhendo suas necessidades. As rodas de conversa parecem ter potencial para promover espaços de diálogo e cuidado compartilhado entre escola e família a respeito da saúde mental dos escolares, por ser um espaço de fortalecimento e acolhimento mútuos.

Palavras-chave: Saúde mental. Infância. Família. Ensino fundamental. Escola.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze the perception of family members of school children after participating in a round table discussion about children's mental health in the school context. It was characterized as a qualitative, descriptive and exploratory study, carried out in September 2022, with eight family members who took part in the circles held in a state school in Rio Grande do Sul. Data was collected through an individual semi-structured interview. The data was analyzed using Bardin's content analysis. It emerged that the round table discussion was considered satisfactory as it provided guidance, clarified doubts and shared concerns and experiences among the participants. The topic of children's mental health was considered pertinent, especially given the context experienced by children and their families during the pandemic. In addition, some participants pointed out the need to increase the time of the circle and to receive support from the school and guidance for a sensitive dialog with the children, listening to and welcoming their needs. Conversation circles seem to have the potential to promote spaces for dialog and shared care between school and family regarding the mental health of school children, as they are a space for mutual strengthening and acceptance.

Keywords: Mental health. Childhood. Family. Elementary school. School.

RESUMEN

El objetivo de este estudio fue analizar la percepción de familiares de escolares después de participar en una mesa redonda sobre salud mental infantil en el contexto escolar. Se caracterizó como un estudio cualitativo, descriptivo y

exploratorio, realizado en septiembre de 2022 con ocho familiares que participaron de los círculos realizados en una escuela estadual de Rio Grande do Sul. Los datos fueron recolectados por medio de entrevistas individuales semiestructuradas. Los datos se analizaron mediante el análisis de contenido de Bardin. Se constató que la mesa redonda fue considerada satisfactoria para orientar, aclarar dudas, compartir preocupaciones y experiencias entre los participantes. El tema de la salud mental infantil se consideró pertinente, sobre todo teniendo en cuenta el contexto vivido por los niños y sus familias durante la pandemia. Además, algunos participantes señalaron la necesidad de aumentar el tiempo del círculo y de recibir apoyo de la escuela y orientación para mantener un diálogo sensible con los niños, escuchando y acogiendo sus necesidades. Los círculos de conversación parecen tener el potencial de promover espacios de diálogo y cuidado compartido entre la escuela y la familia sobre la salud mental de los escolares, ya que son un espacio de fortalecimiento y aceptación mutua.

Palabras clave: Salud mental. Infancia. Familia. Escuela primaria. Escuela.

1 INTRODUÇÃO

Saúde mental é um termo abrangente, que inclui aspectos emocionais, sociais e comportamentais. E existe em um espectro que varia ao longo do tempo, influenciado por diferentes circunstâncias e faixas etárias. Especificamente, os indicadores de saúde mental em crianças incluem o alcance oportuno de marcos de desenvolvimento, crescimento social e emocional, bem como a capacidade de regular-se e adaptar-se de forma eficaz nos diversos ambientes que transitam, como casa, escola e comunidade (Bitsko et al., 2022).

Na atualidade, existe uma preocupação internacional com a saúde mental das crianças, já que a maioria dos transtornos mentais apresentam sinais neste período da vida e, se não tratados, podem gerar prejuízos na vida adulta (Hafiz; Aljadani, 2022; Li, 2022). Ademais, a pandemia de Covid-19 deixou evidentes seus efeitos psicológicos e sociais desfavoráveis (Meherali et al., 2021). Governos impuseram bloqueios nacionais, escolas fecharam, o ensino remoto começou a operar, gerando isolamento, interrupção das rotinas diárias, diminuição nos níveis de atividade física e interação social (Magklara; Kyriakopoulos, 2023).

Nesse contexto, as crianças passaram a apresentar nervosismo, irritabilidade e raiva por conta do isolamento social e da perda de familiares e amigos próximos (Panchal et al., 2023). Cansaço, angústia (Elharake et al., 2022) e queda de habilidades linguísticas também foram verificadas em crianças pequenas (Nevo, 2024). Até mesmo o brincar foi afetado (Mclsaac et al., 2024). Isso pode ter aumentado os fatores ansiogênicos, que afetaram o bem-estar infantil

nesse período (Martins *et al.*, 2023). No Brasil, os prejuízos acadêmicos e emocionais ainda não foram totalmente dimensionados (Stankowski; Silva, 2023).

Com isso, torna-se relevante destacar que a família, ao valorizar e apoiar emocionalmente estas crianças, leva-as a enfrentar melhor os desafios do cotidiano escolar, uma vez que dele se distanciaram por muito tempo. Sabe-se que os estudantes, principalmente no ensino fundamental, necessitam de apoio emocional de seus pais para o sucesso de seu processo de aprendizagem e sua convivência com os pares e professores na escola (Sánchez; Dávila, 2022).

Diante desse contexto, exacerbou-se a necessidade de investigar e propor formas de promover a saúde mental infantil no ambiente escolar, local onde as crianças passam grande parte de seu tempo e onde vivenciam experiências de aprendizado cognitivo e socioemocional. Dessa forma, as escolas estão sendo cada vez mais vistas como um espaço propício para prevenção e promoção de saúde mental (Darling *et al.*, 2021; Kostenius; Gabrielsson; Lindgren, 2020; Laurens *et al.*, 2022). Ao envolver toda a comunidade escolar as instituições de ensino podem desempenhar um papel positivo e protetor, constituindo o contexto ideal para a prevenção e promoção da saúde mental (Amaral *et al.*, 2020).

Ressalta-se que a cooperação entre família e escola pode aumentar as possibilidades de que os estudantes desenvolvam estratégias efetivas de enfrentamento de novos desafios, centrados em posturas acadêmicas e emocionais estáveis (Romero, 2024). Desta forma, justifica-se a necessidade de ações, que possibilitem o diálogo com familiares dos escolares e que promovam a ampliação de sua participação na escola (Souza; Filho, 2008). Tais ações podem ser rodas de conversa, as quais tem potencial para promover diálogo, bem como a reflexão crítica (Freire, 1987) a respeito de suas condutas na educação das crianças.

Assim, este artigo teve como objetivo analisar a percepção dos familiares de escolares após a participação em uma roda de conversa acerca da saúde mental infantil no contexto escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Serviços de saúde mental incorporados aos sistemas escolares podem criar um continuum de cuidados integrativos, que melhoram tanto a saúde mental quanto o desempenho educacional das crianças. Para fortalecer isso, pode ser necessária uma reconfiguração dos sistemas de educação e saúde mental, a fim de auxiliar na implementação de práticas articuladas conforme propõe a Lei 14.819 de 14 de janeiro de 2024, a qual instituiu a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares (Brasil, 2024).

Primeiramente, a criança está inserida em uma família na qual precisa trabalhar em consonância com a escola na promoção da saúde mental infantil (Yan, 2024). Com isso, destaca-se a necessidade de uma relação de parceria de família e escola para já que a presença da família na vida escolar dos estudantes favorece o êxito acadêmico, engajamento nas atividades escolares, reduz problemas de comportamento e faltas (Gomes, 2023; Liu; Sulaimani; Henning, 2020; Sánchez; Dávila, 2022; Smith et al., 2021).

A parceria entre escola e família pode proporcionar o desenvolvimento não somente da aprendizagem e do desenvolvimento das funções cognitivas, mas também da saúde e bem-estar das crianças (Oliveria; Marinho-Araújo, 2010). A família e a escola compartilham a responsabilidade da educação das crianças e adolescentes, e seu envolvimento mútuo faz-se necessário para ofertar melhores oportunidades para o desenvolvimento pleno dos escolares (Junges, 2015; Aragão, 2023). Sendo relevante proporcionar diversificadas formas de envolvimento (Epstein, 2013), especialmente estratégias de interação pautadas em espaços de diálogo e escuta ativa (Pedro; Mata, 2021).

Ao propor espaços de diálogo entre família e escola, pretende-se que a “[...] comunicação deve ser ‘com’ as famílias, e quando assim ocorre há diálogo, escuta ativa, resposta e valorização dos contributos de todos.” (Pedro; Mata, 2021, p.36). Tendo em vista o valor de uma comunicação efetiva entre família e escola, faz-se necessário propor e aprimorar formas de comunicação dialógicas, que podem seguir a lógica proposta por Paulo Freire, na qual se propõe ação e reflexão para mudanças na educação. Além disso, sugerir rodas de conversa pode constituir-se nesse espaço de diálogo com escuta ativa e trocas entre os participantes, também

pode propiciar o compartilhamento de sentimentos, vivências e discussões contribuindo para a promoção da saúde mental (Costa *et al.*, 2015).

3 METODOLOGIA

Este artigo trata-se de um recorte dos dados oriundos da terceira etapa de uma pesquisa desenvolvida em três etapas: diagnóstico inicial, formação de professores e roda de conversa com familiares. Apresentando-se os dados oriundos das rodas de conversa com familiares de escolares acerca da saúde mental na infantil. Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, realizado em uma escola estadual de um município da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul.

Inicialmente foi enviado convite impresso por meio dos estudantes aos familiares sendo realizadas 11 rodas de conversa, em setembro de 2022, sendo uma com cada turma, seis turmas no turno da manhã (três turmas de quarto ano e três turmas de quinto ano) e cinco no turno da tarde (três turmas de quarto ano e duas turmas de quinto ano). Os encontros ocorreram nas salas de aula das respectivas turmas, contando com a participação do professor regente e dos familiares, mediados pela pesquisadora. O horário de realização das rodas foi escolhido pelas professoras, realizadas no primeiro horário ou último do turno da manhã, ou tarde.

As rodas foram organizadas em três momentos: apresentação da pesquisa e leitura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE); apresentação dos participantes; e, diálogo sobre o tema saúde mental infantil. Tiveram duração aproximada de cinquenta minutos, registradas por diário de campo. Adicionalmente, todos os familiares participantes foram convidados a conceder uma entrevista individual, onde oito de 32 familiares, aceitaram.

As entrevistas semiestruturadas tiveram duração média de dez minutos, sendo realizadas por chamada de voz via *WhatsApp* (7) ou vídeo via *Google Meet* (1), sendo audiogravadas e transcritas posteriormente. O roteiro continha perguntas para a caracterização dos familiares e sobre a roda de conversa.

Os dados da pesquisa passaram pela análise de conteúdo de Bardin (2016), correspondendo a três etapas: pré-análise; exploração do material; e, tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Os dados foram analisados em sua

totalidade e categorizados a posteriori. Algumas respostas das participantes, por abordarem mais de um tema, compuseram mais de uma categoria. O estudo foi aprovado pelo Comitê de ética e Pesquisa da Universidade Federal do Pampa sob o número CAAE: 56159922.4.0000.5323.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram do estudo oito familiares, todas do sexo feminino, sendo sete mães e uma avó, entre 28 e 55 anos, sendo cinco com ensino médio completo e três com ensino médio incompleto. Verifica-se a presença de mulheres no cuidado com os filhos, corroborando os achados de Silva et al. (2021), que destacam a feminização.

Além disso, ressalta-se que a escolaridade materna pode influenciar positivamente o engajamento dos estudantes como verificado no estudo de Careemdeen (2024), no qual filhos de mães com ensino superior apresentam melhor desempenho acadêmico, enquanto o nível educacional dos pais não apresentou nenhuma variação estatisticamente significativa. Embora neste estudo a escolaridade materna não apresente mães com ensino superior, estas se mostram engajadas em participar nas atividades da escola.

Quando as participantes foram questionadas quanto às atividades para familiares sobre a saúde da criança na escola, emergiu a categoria apresentada no quadro 2.

Quadro 2 - Atividades sobre saúde da criança na escola

Questão	Você já participou, na escola, de atividades para familiares sobre a saúde da criança?
Categoria	<p>Atividades sobre saúde da criança (oito familiares)</p> <p>F1: Não. Não, tinha, não teve nenhuma. Só festa, reunião, essas coisas assim.</p> <p>F8: Não, não, não tinha sobre saúde e não desse tipo só como auxiliar na higiene, não com enfermeira, uma coisa assim, não, não como esta. (referindo-se à roda de conversa).</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

As participantes referiram que encontros voltados à discussão acerca da saúde das crianças são praticamente inexistentes, sendo mencionado apenas pelo familiar F8, ao referir uma palestra conduzida na escola sobre higiene. No entanto, ressalta-se que ações de saúde no contexto escolar são necessárias para a

promoção da saúde dos escolares. Além disso, estas devem ser orientadas pelo Programa Saúde na Escola (PSE), o qual propõe que atividades de promoção da saúde sejam realizadas de forma intersetorial entre a Atenção Primária à Saúde (APS), por meio das Equipes Saúde da Família (ESF), e a educação (Brasil, 2007).

Em suas diretrizes, o programa reconhece que a participação das famílias “na agenda da avaliação das condições de saúde amplia o universo de cuidado ao qual queremos envolver o educando” (Brasil, 2015, p.22). E também vê a família como fundamental para promover hábitos de vida saudáveis (Brasil, 2015). No entanto, corroborando os achados de Dallacosta *et al.* (2022), em revisão bibliográfica, os quais evidenciaram a falta de ações envolvendo as famílias como uma das fragilidades do programa, mostrou-se que apenas dois, entre 29 estudos, incluíram a família ao discutir ações de promoção da saúde voltadas à implementação de hábitos alimentares saudáveis abordados no PSE.

Ainda, conforme Brambilla, Kleba e Magro (2020), a inserção da família nas ações do PSE pode valorizar as subjetividades do educando e contribuir para a compreensão da criança e de seus comportamentos na escola. Destacam, ainda, que o envolvimento das famílias como parceiras na promoção da saúde dos estudantes precisa ser desenvolvido e estudado.

Além disso, a parceria entre famílias e instituições educacionais permite uma supervisão mais eficiente das realizações acadêmicas e do crescimento emocional dos alunos, pois quando os responsáveis participam ativamente, eles podem oferecer informações relevantes e auxiliar a criança em áreas que precisam ser aprimoradas (Santos *et al.*, 2024).

Quando as participantes foram questionadas quanto à sua opinião sobre a roda de conversa realizada, emergiram as categorias apresentadas no quadro 3.

Quadro 3 – Percepção sobre a roda de conversa

Questão	Qual a sua opinião sobre a roda de conversa realizada?
Categorias	<p style="text-align: center;">Satisfação com o encontro (oito familiares)</p> <p>F5: Achei bem interessante, né. Uma novidade, né. F6: [...] foi bem legal, foi bem produtivo.</p> <p style="text-align: center;">Trocas entre os participantes (três familiares)</p> <p>F2: A gente vai conhecendo, né? A gente na conversa, cada um que convive com seu filho vai falando, né. E aí, às vezes há algumas coisas que a gente pega como exemplo, tira até para nos ajudar às vezes. F8: [...] que às vezes a gente pensa, não é, e acha que é só a gente, que tá acontecendo, mas não. Acontece que é normal com os filhos dos outros também. Eu acho que é legal, sim, porque cada um tem uma opinião diferente, mas vai agregando, né. A gente vai pegando um pouquinho aqui, um pouquinho ali, [...].</p> <p style="text-align: center;">Esclarecimento de dúvidas (três familiares)</p> <p>F4: [...] assim, é no caso, algumas dúvidas assim surgiram, tu nos explicaste ali, né. F6: [...] pra mim ao menos eu acho que vai me ajudar muito entende? Porque daí eu vou conseguir ajudar ele também. Que tenho situações que eu não sei lidar, e de repente, ali eu vou saber como eu vou lidar com ele, né?</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na categoria satisfação com o encontro, os familiares consideraram o encontro produtivo, referiram-se a roda de conversa como interessante, útil e algo novo. Essa percepção pode estar atrelada à valorização da existência de espaços de diálogo entre família e escola.

A roda foi percebida como uma novidade, por parecer que a participação ocorria em festas e reuniões, eventos majoritariamente de comunicação unilateral. Nos quais a escola comunica suas necessidades em relação aos familiares e estudantes, isso justifica a satisfação com o modelo dialógico proposto pela roda, com espaço de escuta e fala, no qual os familiares também podem expressar suas necessidades, dificuldades e fortalezas. Ratificando a proposta de Bordalba (2018) que a comunicação entre pais e escola é fundamental no estabelecimento de colaboração mútua, sendo professores e direção da escola quem podem criar os espaços mais adequados para trocas e diálogo, fomentando uma parceria entre a escola e a família no processo educativo das crianças.

Ao referir-se ao encontro como sendo produtivo, retomam a roda como espaço de produção, algo construído com os envolvidos. A satisfação com o encontro sugere que este modelo possa ser replicado para fortalecer a parceria entre família e escola, indo ao encontro do proposto por Epstein (2013, p.15) de que quando a escola e a família trabalham conjuntamente, reconhecendo

“interesses e responsabilidades comuns” favorecem o desenvolvimento de estratégias e oportunidades melhores para o desenvolvimento das crianças.

Na categoria trocas entre os participantes, os familiares enfatizam que dialogar entre si gerou confiança e sentimento de pertença ao grupo. De maneira que, ao verem outras mães vivenciando desafios similares aos seus, emergiu um sentimento de identificação e acolhimento mútuo.

Estando conforme a pesquisa de Amorin *et al.* (2020, p.3710) de que na roda de conversa possibilita-se uma “[...] escuta cuidadosa de participação coletiva”, abrem-se espaços de diálogo que permitem trocas entre os participantes e desabafos, que funcionam como um meio de ajuda mútua. Espaços como a roda de conversa podem proporcionar o acolhimento dos anseios dos familiares frente aos desafios na educação dos filhos.

Ao propor o diálogo, a roda permite também partilha de autoridade, conhecimentos e perspectivas para compreensão de si mesmo e do mundo (Kuper *et al.*, 2019), pois ao possibilitar “trocas de experiências” (Bortolatto; Loos; Delvan, 2017, p.17) propicia-se que os participantes identifiquem-se uns com os outros e se compreendam ao ver as aproximações de suas vivências, num ambiente coletivo (Moreira; Barroso Júnior, 2022).

Na categoria esclarecimento de dúvidas, os familiares relatam que puderam esclarecer suas dúvidas na roda, e com isso, sentiram-se apoiados no relacionamento com seus filhos. Corroborando Benedetti, Rebessi e Neufeld (2020), que os familiares vivenciam dúvidas a respeito da maneira mais assertiva de educar os filhos e de como agir nos diversos contextos que circundam a criança e seu desenvolvimento, torna-se fundamental que haja espaços para desenvolvimento de habilidades parentais capazes de ser fatores de proteção do desenvolvimento infantil.

Ainda, ressalta-se a importância da existência de grupos para familiares, que contemplem a participação de profissionais, seja para esclarecimento de dúvidas sobre o desenvolvimento infantil, ratificação de atitudes com a criança ou como mediadores do grupo. Quando esses profissionais valorizam as “[...] dúvidas e inquietações” dos familiares, esses percebem-se compreendidos e, com isso, “[...] os sentimentos de incerteza diminuem, sendo reforçado o nível de confiança nas suas competências” (Pereira *et al.*, 2023, p.12).

Quando as participantes foram questionadas a respeito do que mais gostaram ou destacariam na roda de conversa, emergiram as categorias apresentadas no quadro 4.

Quadro 4 - Potencialidades da roda

Questão	O que você mais gostou/destacaria na roda de conversa?
Categorias	<p>Compartilhamento de preocupações e experiências (três familiares) F2: [...] é bom, que a gente como mãe vai conhecendo, às vezes a gente tem umas preocupações, que né. Que às vezes é o nosso filho né, tem aí outra mãe que fala. Ai, eu achei bem interessante essa área.[...] trocas de opinião sabe, do que elas convivem do que eu convivo, daquele convívio. F3: [...] que não sou só eu, que às vezes eu acho que eu exijo muito deles, sabe? Às vezes, para fazerem as coisas assim, que não sou só eu, sabe? [...] E aí eu vi que a outra mãe, uma que estava do meu lado assim, também é assim. Então quer dizer que não sou só eu, sabe?</p> <p>Orientações para os participantes (três familiares) F6: Eu acho que assim, a maneira como tu me explicou ali que eu não devo confrontar ele, é isso. Que eu não devo debater daquela maneira [...]. [...] Acho que me ajudou bastante. Eu vou ajudar ele também. F8: Eu acho que para mim eu, eu depois eu estava pensando, que eu tenho que ter um pouquinho mais de paciência, né? Porque ali deu para ver que vem da fase da idade delas, né? De estar passando por mudanças [...].</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na categoria compartilhamento de preocupações e experiências, os familiares relatam a relevância de espaços para compartilhar suas preocupações e experiências na educação dos filhos. Ao compartilhar seus desafios, os familiares realizam uma reflexão sobre suas práticas educativas e sobre o relacionamento com seus filhos, podendo, ao escutar outros familiares, provocar o espelhamento de práticas educativas positivas.

Indo ao encontro do proposto por Costa *et al.* (2013), de que a roda como método tem como diretriz a comunicação por meio do diálogo, da conversa, na qual há compartilhamento de sentimentos e informações, podendo levar a reflexões e mudanças de comportamento. Além disso, pode fomentar, por intermédio do diálogo, a expressão de desejos e desabafos. Logo, ao permitir esse compartilhar entre os familiares, espaços como a roda também podem promover a saúde mental infantil, uma vez que apoiam o fortalecimento dos pais em relação às necessidades de escuta e cuidado parental.

Na categoria orientação para os participantes, os familiares destacam a roda como lugar de orientação e conversa, no qual se possibilita refletir e rever suas

próprias atitudes com vistas a melhorar sua forma de lidar com os desafios do cotidiano relacionados ao próprio desenvolvimento infantil.

Ratificando haver múltiplas influências na forma que os familiares educam e cuidam das crianças, por isso espaços de orientação parental podem “[...] contribuir para a prevenção e promoção de saúde emocional de pais e filhos” (Silva *et al.*, 2020, p.62). Ainda, para Bortolatto, Loos e Delvan (2017) e Epstein (2013), programas de orientação para familiares podem aprimorar a sua capacidade de cuidado e auxílio aos seus filhos em questões acadêmicas e socioemocionais.

Ofertar espaços de orientação para familiares pode auxiliá-los na tomada de decisão de como agir com seus filhos de forma mais assertiva, menos agressiva, mais harmoniosa. E estes espaços podem ajudá-los a explorar possíveis direções frente aos desafios de educar os filhos, já que, para Costa *et al.* (2015), a roda de conversa pode ser um espaço de aprendizado. Outrossim, “[...] um exercício constante de observação e escuta do outro e de si” (Arbex, 2019, p.52).

Quando os familiares foram questionados a respeito do tema da roda, emergiu a categoria apresentada no quadro 5.

Quadro 5 - Avaliação do Tema da roda

Questão	O que você achou do tema abordado?
Categoria	<p>Tema pertinente/relevante (sete familiares)</p> <p>F4: Eu achei bastante interessante, até porque assim, eu nunca tinha ouvido assim, dentro do colégio se interessar por essa parte das crianças, né, do emocional delas.</p> <p>F8: É, assim, 2 anos sem conviver, assim, sem conversar com os colegas. Ai, quando chegaram ali, assim oh, deu aquela explosão de tudo, né. De conversa de amizades, de não amizades, de brigas né. E aí, muitos pais se assustaram e com isso, porque não teve aqueles 2 anos, assim para eles para conversarem, [...] o dia a dia ali deles com os colegas. [...] acho que por isso, até a professora, né, no início, acho que ela estranhou um pouco que eles estavam sempre eufóricos, né? E, parece que não tinham controle, sei lá, agora estão se acalmando pelo que a minha filha conversa comigo, parece que está, tá melhorando.</p>

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na categoria tema pertinente/relevante, os familiares enfatizam a relevância da temática de saúde mental no contexto vivenciado, pelo enfrentamento da pandemia da Covid-19, no qual muitas das crianças vivenciaram perdas de familiares ou de amigos.

A preocupação dos familiares corresponde a uma preocupação mundial crescente com a saúde mental infantil e seus impactos na vida adulta, que era

anterior à situação pandêmica (Jansen *et al.*, 2022). Mas, essa temática ganhou maior destaque no contexto pandêmico, pois as crianças que tinham na escola seu único ponto de apoio psicossocial, devido à pandemia que deflagrou o ensino remoto, encontraram-se mais vulnerabilizadas, principalmente nos países em desenvolvimento (Unesco, 2020).

Além disso, as habilidades sociais das crianças foram prejudicadas pelo isolamento social, conforme enfatiza F8 ao destacar a falta de convivência com os pares, do cotidiano escolar e o impacto disso no comportamento social de sua filha. E conforme o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), os prejuízos causados pela falta de acesso à escola e espaços de lazer, como praças e parques, diminuição da atividade física ainda são incalculáveis (Unicef, 2023).

Ademais os familiares trazem à luz a necessidade de aprofundar a temática da saúde mental infantil, ao referirem aspectos como necessidade de maior compreensão da infância e das necessidades das crianças, evidenciadas pelo enfrentamento de situações de luto e readaptação à convivência em coletivos. Está necessidade apontada é pertinente, pois a UNICEF propõe a construção de espaços seguros, nos quais a criança se sinta acolhida para expressar suas emoções, angústias e preocupações (Unicef, 2023). Estes espaços podem ser na família, escola e comunidade.

Quando questionadas sobre o que poderia ser melhorado na roda de conversa, emergiram as categorias apresentadas no quadro 6.

Quadro 6 - Sugestões para o aperfeiçoamento da roda

Questão	O que você acha que poderia ser melhor na roda de conversa?
Categorias	<p style="text-align: center;">Tempo da roda (dois familiares)</p> <p>F5: Eu achei que poderia durar um pouquinho mais. É que a gente sabe, né, que o tempo era pouco, mas como tudo que é bom, dura pouco, né? Mas acho que dava para ter durado um pouquinho mais.</p> <p>F6: Eu acho que deveria ter mais tempo. Mais tempo para poder debater mais coisas deles.</p> <p style="text-align: center;">Falar sobre a relação com as crianças (dois familiares)</p> <p>F1: [...] eu acho assim que a gente não falou muitas coisas assim, sabe, das crianças foi pouca coisa que cada um falou. Teve uns pais que só falaram coisa positiva da criança, né. Não a negativa, porque acho que toda criança tem alguma coisa negativa, né?</p> <p>F8: A gente pode assim também conversar mais a tentar ouvir o lado deles, tipo tu dar para a gente, dar uma opinião assim de algumas perguntas, o tipo de assunto que a gente [...] pode abordar com eles nessa idade e aí depois a gente conversa com eles em casa e tudo e depois. Faz outra</p>

	conversa assim, para ver o que é que falaram sobre né, as perguntas sobre. O que eles estão sentindo [...].
--	---

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na categoria tempo da roda, os familiares trazem a necessidade de mais tempo para dialogar, demonstrando a importância de espaços com os familiares em que seja possível discutir sobre as relações parentais, bem como acolher e partilhar conhecimentos sobre educação de filhos. O tempo da roda poderia ter sido estendido, porém, a organização da rotina escolar limitou o tempo de participação do professor na atividade, dispondo de apenas 50 minutos, tempo em que a turma foi assumida pelo professor de educação física.

Esse desejo de aumentar o tempo pode estar vinculado ao sentimento produzido ao vivenciar a roda como um espaço que promove o diálogo, em que todos os participantes se sintam à vontade para expressar seus pensamentos e se engajar ativamente na escuta, garantindo, assim, que o discurso permaneça pertinente ao coletivo (Moura; Lima, 2014).

Ao mesmo tempo, a sensação de pouco tempo referida pelas participantes poderia estar relacionada à necessidade de sistematizar e incluir encontros como a roda na rotina escolar. Para Epstein (2013, p.24), a comunicação entre família e escola precisa ter um calendário regular de “[...] reuniões, notícias, memorandos, chamadas telefônicas, boletins informativos [...]”, entre outros. Dessa forma, destinar tempo para reuniões ou encontros como a roda de conversa pode auxiliar a comunicação efetiva entre escola e família.

Na categoria falar sobre a relação com as crianças, os familiares trouxeram a necessidade de dialogar sobre as crianças e as adversidades encontradas na relação com elas, bem como de receber orientações sobre como conduzir diálogos acerca de seus sentimentos e vivências. Demonstraram disponibilidade em aprender formas de comunicação mais afetivas com seus filhos.

Espaços para falar sobre a relação com as crianças são importantes, como referido por Muratori e Ciacchini (2020), pois os familiares precisam ofertar suporte expresso por diálogo, afeto, responsividade, e atenção aos comportamentos das crianças, sendo fundamental à promoção da saúde mental infantil.

Como limitação deste estudo, citam-se os horários para realização das rodas de conversa, que possivelmente não contemplaram todos os familiares, assim como o tempo restrito de cada uma. Com base nesse estudo, verificou-se que a roda de conversa representa um método sensível de aproximação entre a família e a escola, capaz de estimular a participação crítica e reflexiva das participantes, configurando-se em importante recurso para fortalecer a parceria família e escola.

5 CONCLUSÃO

Ao analisar qual a percepção de familiares de escolares acerca da experiência de participar de uma roda de conversa sobre saúde mental infantil no ambiente escolar pode verificar-se que a implementação desta estratégia tem potencial para melhorar o relacionamento família e escola, bem como pode ser uma estratégia de promoção da saúde mental infantil.

Ressalta-se que os familiares relataram participar de festas e reuniões, porém atividades como a roda de conversa, na sua percepção, ainda não haviam sido desenvolvidas na escola. Destacaram que a roda de conversa foi satisfatória, sendo percebida como um espaço para trocas, elucidar dúvidas, acolhimento mútuo e orientação. Ainda, apontam que espaços assim podem possibilitar a reflexão sobre as práticas utilizadas na educação dos filhos.

O tema da roda foi considerado relevante por tratar da saúde mental infantil, do retorno às aulas presenciais, após o período de isolamento social imposto pela Covid-19. Ainda, como sugestões de melhoria à dinâmica da roda, os familiares destacaram a necessidade de aumento do tempo e de mais diálogos acerca da relação parental.

Dessa forma, os resultados deste estudo indicam que rodas de conversa com familiares podem ampliar e potencializar a comunicação entre família e escola, bem como fortalecer a parceria entre estas. Também, verificou-se que as rodas são espaço de fala e escuta das necessidades dos familiares em relação aos seus filhos, algo fundamental quando se propõe a construção de ações articuladas e cooperadas para o melhor desenvolvimento das crianças.

Este estudo apresentou como limitação a baixa adesão dos familiares nas rodas e nas entrevistas. Sugere-se que outras pesquisas aprofundem a relação

família e escola com propostas dialógicas pelas quais haja o desenvolvimento de ações de promoção da saúde mental infantil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Odete Pereira *et al.* ProMenteSã: Formação de professores para promoção da saúde mental na escola. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, p. 1-8 2020. DOI: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2020AO02246>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/SLQXdykTTL94xmmsXGXNybf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 mar. 2022.

AMORIM, Layane Barbosa et al. A roda de conversa como instrumento de cuidado e promoção da saúde mental: percepção dos usuários dos CAPS. **Nursing Edição Brasileira**, [S. l.], v. 23, n. 263, p. 3710–3715, 2020. DOI: 10.36489/nursing.2020v23i263p3710-3715. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/666>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ARAGÃO, Antônio Carlos Luis. Além da sala de aula: parcerias entre professor, família e escola na Educação Inclusiva. **Rebena - Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem**, [S. l.], v. 7, p. 218–232, 2023. Disponível em: <https://rebena.emnuvens.com.br/revista/article/view/146>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ARBEX, Ana Lúcia. Assembleias dramatizadas e formação de grupo relatos de experiências com alunos de 2^{os} e 3^{os} anos do ensino fundamental. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 27, n. 28, p. 48-68, 2019 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542019000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 nov. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3^a ed. Lisboa: Edições 70. 2016.

BENEDETTI, Thaís B.; REBESSI, Isabela P.; NEUFELD, Carmem Beatriz. Programas de orientação de pais em grupo: uma revisão sistemática. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 22, n. 1, p. 399-430, abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v22n1p399-430>. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872020000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 12 nov. 2024.

BITSKO, Rebeca H. *et al.* Mental Health Surveillance Among Children — United States, 2013–2019. **MMWR Suppl**, v.71, n.25, p.1-42, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.15585/mmwr.su7102a1>. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/71/su/su7102a1.htm#suggestedcitation>. Acesso em: 20 ago. 2024.

BORDALBA, M. M. Aproximación teórica a la comunicación familia-escuela: Estrategias de mejora. **EHQUIDAD. Revista Internacional de Políticas de Bienestar y Trabajo Social**, n. 10, p. 89–112, 28 jun. 2018. DOI:

<https://doi.org/10.15257/ehquidad.2018.0010>. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6721/672174449004.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

BORTOLATTO, Mariana de Oliveira; LOOS, Victória Niebuhr; DELVAN, Josiane da Silva. A Parentalidade em Foco com Grupos de Pais: o relato de uma experiência. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 35, n. 89, 2019. DOI: 10.7213/psicol.argum.35.89.AO02. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/25565>. Acesso em: 12 nov. 2024.

BRAMBILLA, Daiane Kutzepa; KLEBA, Maria Elisabeth; MAGRO, Márcia Luíza Pit Dal. Cartografia da implantação e execução do programa saúde na escola (pse): implicações para o processo de desmedicalização. **Educação em Revista**, v. 36, e217558, p. 1-14, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-4698217558>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/CGCSFCswjgpYXCV7FYswhDf/#>. Acesso em: 20 set. 2024.

BRASIL. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola - PSE**, e dá outras providências. Diário Oficial da União. 6 dez 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno do gestor do PSE** / Ministério da Saúde, Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 68 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_gestor_pse.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Lei n. 14.819 de 16 de janeiro de 2024. Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades escolares. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm. Acesso em 20 abr. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS: Anexo I da Portaria de Consolidação nº 2, de 28 de setembro de 2017, que consolida as normas sobre as políticas nacionais de saúde do SUS/ Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

CAREEMDEEN, Jalal Deen. Parental educational level in shaping student participation in lesson activities: A multifaceted study. **OUSL Journal**, v.19, n.1,p.69-88, 2024. DOI: 10.4038/ouslj.v19i1.7605. Disponível em : <https://ouslj.sljol.info/articles/10.4038/ouslj.v19i1.7605>. Acesso em : 10 out. 2024.

COSTA, Raphael Raniere de Oliveira *et al.* As rodas de conversas como espaço de cuidado e promoção da saúde mental. **Revista Brasileira Ciências da Saúde - USCS**, v. 13, n. 43, p. 30-36, 2015. DOI:

<https://doi.org/10.13037/rbcs.vol13n43.2675>. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/2675. Acesso em: 10 set. 2023.

COSTA, Raphael Raniere de Oliveira *et al.* As rodas de conversas como ferramenta de promoção da saúde em enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 7, n. 10, p. 6184-6189, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v7i10a12255p6184-6189-2013>. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/12255/14885>. Acesso em: 15 set. 2023.

DARLING, S. *et al.* Mental health and wellbeing coordinators in primary schools to support student mental health: protocol for a quasi-experimental cluster study. **BMC Public Health**, v.21, n.1467, p. 1-14, 2021. DOI: 10.1186/s12889-021-11467-4. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC8316894/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DALLACOSTA, Márcia *et al.* Programa Saúde na Escola: desafios e possibilidades para promover saúde na perspectiva da alimentação saudável. **Saúde debate [Internet]**. v. 46(spe3), p.244–60, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E318>. Disponível em: <https://scielosp.org/article/sdeb/2022.v46nspe3/244-260/#>. Acesso em: 10 mar. 2023.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Revista Paidéia**, v.17, n. 36, p. 22-32, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/dQZLxXCSTNbWg8JNGRCv9pN/#>. Acesso em: 10 abr. 2022.

ELHARAKE, Jad *et al.* Mental Health Impact of COVID-19 among Children and College Students: A Systematic Review. **Child Psychiatry & Human Development**, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10578-021-01297-1>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/S10578-021-01297-1>. Acesso em: 15 set. 2023.

EPSTEIN, Joyce. Programas efectivos de involucramiento familiar en las escuelas. Santiago: Fundación CAP, 2013. Disponível em: <https://directivos.minedu.gob.pe/wp-content/uploads/2021/01/Programas-efectivos-de-involucramiento-familiar-en-las-escuelas-Joyce-Epstein.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Michele Cristina Pereira. Sentindo-se em Casa: Conhecer, Fazer, Conviver e Ser as Relações Familiares na Escola. **Revista Científica FESA**, [S. l.], v. 3, n. 9, p. 75–90, 2023. DOI: 10.56069/2676-0428.2023.318. Disponível em: <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/318>. Acesso em: 12 mar. 2024.

HAFIZ, Tamara A.; ALJADANI, Ahamed. H. The impact of COVID-19 on children and adolescents' mental health. **Saudi Med J.**, v.43, n. 11, p.1183-1191, 2022. DOI: 10.15537/smj.2022.43.11.20220481. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36379538/>. Acesso em: 20 mai. 2023.

JANSEN, Elena; *et al.* Preventing child mental health problems in southeastern Europe: Feasibility study (phase 1 of MOST framework). **Fam Process.**, v. 61, n. 3, 2022. DOI: 10.1111/famp.12720. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34494263/>. Acesso em: 30 set. 2023.

JUNGES, Lisiane Alves Saraiva. **A Relação Família-Escola sob a perspectiva do Professor de Ensino Fundamental.** Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/130502/000975151.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.

KOSTENIUS, Catrine; GABRIELSSON, Sebastian; LINDGREN, Eva. Promoting Mental Health in School—Young People from Scotland and Sweden Sharing Their Perspectives. **International Journal of Mental Health and Addiction**, v.18, n.6, p.1521-1535, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11469-019-00202-1>. Acesso em: 10 abr. 2023.

KUPER, Ayelet *et al.* A Dialogic Approach to Teaching Person-Centered Care in Graduate Medical Education. **Journal of Graduate Medical Education**, v. 11, n. 4, p. 460–467, ago. 2019. DOI: 10.4300/JGME-D-19-00085.1. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC6699535/>. Acesso em: 10 mai. 2023.

LAURENS, Kristin R. *et al.* School-Based Mental Health Promotion and Early Intervention Programs in New South Wales, Australia: Mapping Practice to Policy and Evidence. **School Mental Health**, v. 14, p.582–597, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12310-021-09482-2>. Acesso em: 15 fev. 2023.

LI, C. Raymond. Promoting positive mental health in children through the empowerment of teachers in delivery and resilience. **Perspect Public Health**, v.142, n. 5, p.251-252, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/17579139221119016>. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/17579139221119016>. Acesso em: 20 ago. 2023.

LIU, Yanhui; SULAIMANI, Mona F.; HENNING, John E. The Significance of Parental Involvement in the Development in Infancy. **Journal of educational research & practice**, v.10, n.1, p. 161-166, 2020. DOI: 10.5590/JERAP.2020.10.1.11. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1268016.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MAGKLARA, Konstantina; KYRIAKOPOULOS, Marinos. The impact of the COVID-19 pandemic on children and young people. **Psychiatriki**, v.29, n.34, p. 265-268,

2023. DOI: 10.22365/jpsych.2023.024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37982248/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MARTINS, Alexia Pinto *et al.* Saúde mental infantil durante a pandemia de Covid-19. **Revista Coopex.**, v. 4, n.3, p. 1974–1983, 2023. DOI: <https://doi.org/10.61223/coopex.v14i3.448>. Disponível em: <https://coopex.unifip.edu.br/index.php/coopex/article/view/448>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MATA, Lourdes; PEDRO, Isaura. **Participação e envolvimento das famílias – Construção de parcerias em contextos de educação de infância**. Ministério da Educação/DGE: Portugal, 2021. Disponível em: <https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/participfamilias.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2023.

MEHERALI, Salima *et al.* Mental Health of Children and Adolescents Amidst COVID-19 and Past Pandemics: A Rapid Systematic Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v.18, n. 7, p.2-16, 2021. DOI: 10.3390/ijerph18073432. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/33810225/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MCLSAAC, Jessie-Lee D. *et al.* Shifting play experiences during the COVID-19 pandemic: family responses to pandemic restrictions. **European Early Childhood Education Research Journal**, v.32, n.1, p. 167–187, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1080/1350293X.2023.2227370>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1350293X.2023.2227370>. Acesso em: 10 out. 2024.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 15 abr. 2023.

MURATORI, Pietro; CIACCHINI, Rebecca. Children and the COVID-19 transition: psychological reflections and suggestions on adapting to the emergency. **Clinic Neuropsychiat.**, v.17, n. 2, p. 131-34, 2020. DOI: 10.36131/CN20200219. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34908983/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

MOREIRA, Mariana de Castro; BARROSO JÚNIOR, Maurício. RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE RODAS DE CONVERSA ON-LINE COM PROFESSORES. **Periferia**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 149–171, 2022. DOI: 10.12957/periferia.2022.69262. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/69262>. Acesso em: 12 nov. 2024.

NEVO, Einat. The Effect of the COVID-19 Pandemic on Low SES Kindergarteners' Language Abilities. **Early Childhood Educ J**, v.52, p.459–469, 2024.

DOI: 10.1007/s10643-023-01444-4. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36777451/>. Acesso: 20 out. 2024.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. A relação família-escola: intersecções e desafios. **Estudos de Psicologia**, [S. l.], v. 27, n. 1, 2010. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/estpsi/article/view/7131>. Acesso em: 12 nov. 2023.

PEREIRA, Ana Paula da Silva *et al.* Grupo de apoio a pais como um recurso de apoio social na Intervenção Precoce na zona norte de Portugal. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. e38/1–22, 2023. DOI: 10.5902/1984686X71419. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71419>. Acesso em: 13 nov. 2024.

PEREIRA, M. G.; DE SALES, T. H. da S. O professor como mediador do processo de ensino – aprendizagem em sala de aula. **Mosaico**, São José do Rio Preto, v.21, n. 01, p. 70-83, 2022. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/revistamosaico/article/viewFile/898/73>. Acesso em: 10 jan. 2022.

SANTOS, Antonio Nacilo dos Santos *et al.* “Laços Educacionais”: a família como construtora de laços para um ensino “sem preço” e uma educação transformadora. **Caderno Pedagógico**, [S. l.], v. 21, n. 9, p. e7411, 2024. DOI: 10.54033/cadpedv21n9-019. Disponível em: <https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/7411>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SÁNCHEZ, Edwin; DÁVILA, Oscar. Apoyo emocional de la familia y éxito escolar en los estudiantes de educación básica. **Revista Estudios Psicológicos**, v. 2, n. 1, p. 7–29, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35622/j.rep.2022.01.001>. Disponível em: <https://estudiospsicologicos.com/index.php/rep/article/view/29>. Acesso em: 1º set. 2023.

STAKONSKI, Ana Carolina; SILVA, Ivone Maria Mendes. (Re)invenção da Educação e da Aprendizagem em Tempos de (Pós)pandemia: Vislumbrando Possibilidades a Partir do Diálogo com Crianças e Professoras Brasileiras. **Revista Interacções**, [S. l.], v. 19, n. 64, p. 1–28, 2023. DOI: 10.25755/int.30767. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/30767>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SILVA, Ana Claudia Pinto da *et al.* Prática em educação parental: impacto das intervenções na visão de mães. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 61-74, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2020000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13 nov. 2024.

SILVA, Juliana Marcia Santos *et al.* FEMINIZAÇÃO DO CUIDADO E A SOBRECARGA DA MULHER-MÃE NA PANDEMIA. **Revista Feminismos**, [S. l.],

v. 8, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>. Acesso em: 13 nov. 2024.

SMITH, Tyler E. *et al.* The Effects of Consultation-based Family-school Engagement on Student and Parent Outcomes: A Meta-analysis. **Journal of Educational and Psychological Consultation**, v.31, n.3, p. 278–306, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/10474412.2020.1749062>. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10474412.2020.1749062>. Acesso em: 15 abr. 2024.

UNICEF. Saúde mental infantil: Como podemos cuidar da mente das crianças para garantir um desenvolvimento saudável? Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/blog/saude-mental-infantil>. Acesso em: 20 mar.2023.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19.** Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://www.unesco.org/pt/articles/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-contra-o-aumento-das>. Acesso em: 10 set. 2024.

YAN, Bohan. Analysis of the Impact of Family Education on Children's Mental Health. **Lecture Notes in Education Psychology and Public Media**. v.39, p.175-180,2024. DOI: <https://doi.org/10.54254/2753-7048/39/20240721>. Disponível em: <https://www.ewadirect.com/proceedings/lnep/article/view/10408>. Acesso em: 15 out. 2024.

5.3 Resultado 3

Neste tópico apresenta-se o terceiro resultado oriundo da pesquisa, o manuscrito 3, que foi elaborado conforme as normas da revista Interface <https://interface.org.br/> e ainda não foi submetido.

Percepção de professoras acerca de formação continuada em saúde mental infantil

Teachers' perceptions of continuing education in children's mental health

Percepción de los docentes sobre la formación continua en salud mental infantil

Resumo

Objetivou-se analisar a percepção de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental acerca da formação continuada sobre saúde mental infantil e a participação dos familiares na escola. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com dez professoras de uma escola estadual no Rio Grande do Sul e analisados segundo Bardin. As docentes consideraram a formação relevante, pois surgiu a partir de suas necessidades. A formação possibilitou às professoras uma melhor compreensão de si e dos seus estudantes. Para fortalecer o vínculo entre família e escola, sugerem a promoção de encontros para dialogar sobre as necessidades dos estudantes. Assim, de acordo com a percepção das docentes, pode-se inferir que a formação continuada teve um papel fundamental na sensibilização da questão da saúde mental infantil.

Palavras-chave: Formação de professores; saúde mental; escola; ensino fundamental

Abstract

The aim of this study was to analyze the perception of elementary school teachers regarding continuing education in child mental health, as well as the participation of family members and guardians in the school context. This is a qualitative, descriptive and exploratory study. Data were collected through semi-structured interviews with ten teachers from a state school in Rio Grande do Sul and analyzed according to Bardin's methodology. The teachers considered the training to be providential, as it arose from their needs. The training allowed the teachers to better understand themselves and the students. To strengthen the bond between family

and school, they suggest holding meetings to discuss the students' needs. Thus, according to the teachers' perception, it can be inferred that continuing education played a fundamental role in raising awareness of the issue of child mental health.

Keywords: Teacher training; mental health; school; elementary school

Resumen

El objetivo de este estudio fue analizar la percepción de docentes de primaria sobre la formación continua en salud mental infantil y la participación de familiares en el contexto escolar. Se realizó una investigación cualitativa, descriptiva y exploratoria, recolectando datos mediante entrevistas semiestructuradas a diez profesores de una escuela pública en Rio Grande do Sul. Los análisis se basaron en la metodología de Bardin. Los docentes destacaron la importancia de esta formación, surgida de sus propias necesidades, ya que les permitió comprender mejor a ellos mismos y a sus estudiantes. Además, sugirieron promover encuentros entre familia y escuela para fortalecer el vínculo y discutir las necesidades de los estudiantes. De acuerdo con los docentes, la formación continua es fundamental para sensibilizar sobre la salud mental infantil.

Palabras clave: Formación docente; salud mental; escuela; escuela primaria

Introdução

A assistência integral à saúde de crianças em idade escolar abrange uma série de iniciativas voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde dos estudantes. Estas devem considerar suas histórias de vida e dinâmica familiar. O ambiente escolar apresenta-se como espaço privilegiado para tais ações, devido ao seu potencial de envolver a comunidade escolar,^{1,2,3} representando uma oportunidade para promover o desenvolvimento infantil e o bem-estar de forma integral.⁴

Para contemplar o bem-estar infantil, é relevante propor ações de promoção da saúde mental. Dentre elas, as intervenções precoces podem auxiliar na redução do risco de problemas de saúde mental na idade adulta.⁵ As estratégias eficazes para melhorar a saúde mental infantil incluem permitir a vivência de experiências positivas, como viver e brincar em ambientes seguros, estáveis e protetores, proporcionar oportunidades construtivas para o engajamento social e receber apoio de adultos, especialmente por meio de estilos de comunicação abertos.⁶

É crucial salientar a preocupação mundial com a saúde mental na infância, visto que 50% dos possíveis problemas mentais têm seus primeiros sintomas identificados até os 14 anos de idade. Contudo, aproximadamente 80% desses casos não recebem a atenção necessária. Portanto, a infância e a adolescência se destacam como períodos críticos para a implementação de ações de prevenção e promoção em saúde mental,⁷ a fim de prevenir a cronificação dessas demandas em saúde mental.

Neste contexto, em 2024, instituiu-se a Política Nacional de Atenção Psicossocial nas Comunidades Escolares, estabelecendo a associação e a articulação contínua entre as áreas de educação, assistência social e saúde. Essa política visa a promoção, prevenção e atenção psicossocial no contexto escolar, incluindo a formação continuada de gestores e profissionais das áreas relacionadas em saúde mental.⁸

A inclusão da saúde mental no contexto escolar pode contribuir significativamente para a formação integral dos estudantes e para a qualificação do ensino.⁹ Professores capacitados para avaliar o ambiente escolar e identificar os riscos potenciais têm melhores condições de propor ações assertivas para a promoção do bem-estar da comunidade escolar.¹⁰

Ademais, a formação de profissionais que mantêm contato regular com as crianças, como os professores, para que sejam sensíveis em reconhecer e facilitar o acesso aos cuidados em saúde mental é uma das formas de assegurar a proteção integral e mitigar os agravos psicossociais.¹¹

Por fim, é importante ressaltar que, ao proporcionar momentos de diálogo e reflexão para os professores, estes tendem a criar espaços similares para os estudantes, onde o diálogo e a participação favorecem o desenvolvimento da autonomia em relação ao autocuidado.¹²

Este artigo objetiva analisar a percepção de professoras dos anos iniciais do ensino fundamental acerca da formação continuada sobre saúde mental infantil e a participação dos familiares na escola.

Metodologia

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa, descritiva e exploratória, realizada em uma escola estadual situada em um município da

Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. Foi desenvolvido em três etapas: diagnóstico inicial, formação continuada de professores e roda de conversa com os familiares. Este manuscrito tem por objetivo discutir os dados advindos da percepção dos professores sobre a formação continuada realizada. A coleta de dados ocorreu em setembro de 2022, com a participação de 10 professoras; seis delas ministravam aulas no turno da manhã (três do quarto ano e três do quinto ano) e cinco no turno da tarde (três do quarto ano e duas do quinto ano). Observa-se que uma das professoras lecionava nos dois turnos.

Para a capacitação dos professores, foram realizados três encontros, um a cada quinze dias, com duração de 50 minutos cada, e documentados por meio de diário de campo. Esses encontros aconteceram na escola, nos últimos períodos da manhã e da tarde, sendo os estudantes liberados mais cedo para que os docentes pudessem participar. A temática da formação, saúde mental infantil, surgiu da primeira etapa da pesquisa, o diagnóstico inicial. A metodologia adotada na formação foi a dialógico-problematizadora, proposta por Freire,¹³ e utilizou-se de vídeos, artigos científicos e exemplos de atividades para a sala de aula como recursos. Um resumo do conteúdo abordado durante a formação continuada é apresentado no Quadro 1.

Quadro1 - Formação continuada de professores

Primeiro encontro	Problematização sobre a saúde mental infantil seguida pela definição da Organização Mundial da Saúde e sua interação com o ambiente escolar, enfocando principalmente na prevenção em saúde mental.
Segundo encontro	As competências socioemocionais foram abordadas como meio de promover a saúde mental infantil. Foram sugeridas atividades para a sala de aula, baseadas no livro “Atividades para o Desenvolvimento da Inteligência Emocional nas Crianças”, de Alzina et al. ¹⁴ Problematização da fase do desenvolvimento infantil das crianças de 9 a 11 anos, buscando exemplos práticos da sala de aula, e trabalhando a relevância do professor na vida dos estudantes.
Terceiro encontro	Discutiu-se acerca da rede de atenção psicossocial, bem como os processos de encaminhamento adotados pela escola e na rede do município. Propôs-se, em colaboração com as professoras, a elaboração de um modelo ideal para o atendimento especializado em saúde mental. Esse modelo inclui: a identificação da necessidade pelo professor, que, em seguida, reporta à supervisão. A supervisão, por sua vez, comunica-se com a família e realiza o encaminhamento ao serviço de saúde mental do município. Concluída esta etapa, há o retorno ao professor sobre os resultados da consulta ou do acompanhamento efetuado.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Posteriormente, as professoras foram convidadas a conceder uma entrevista individual. As entrevistas semiestruturadas tiveram uma duração média de quinze minutos; nove foram realizadas presencialmente, e uma foi realizada por meio de vídeo via *Google Meet*, sendo todas audiogravadas e transcritas posteriormente. O roteiro das entrevistas continha perguntas voltadas para a caracterização das professoras, acerca da formação continuada e sobre a participação dos familiares na escola. Para manter o anonimato, as participantes foram identificadas de forma alfanumérica, com a letra 'P' seguida de números para cada professora.

Os dados da pesquisa foram submetidos à análise de conteúdo de Bardin,¹⁴ que se desdobra em três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferências e interpretação. Todos os dados foram analisados em sua totalidade e categorizados *a posteriori*. Neste artigo, apresentam-se as categorias que emergiram com maior frequência. O estudo obteve aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Pampa, sob o número CAAE: 56159922.4.0000.5323.

Resultados e discussão

A faixa etária das professoras variou de 40 a 56 anos, com uma média de 49,7 anos. Quanto à formação inicial, oito professoras eram graduadas em Pedagogia, uma em História e outra em Letras (Inglês). As professoras possuíam, em média, 18 anos de formação acadêmica e 17,4 anos de experiência docente nos anos iniciais do ensino fundamental. Dentre essas educadoras, nove tinham especialização em nível de *lato sensu*. Contudo, nove delas trabalhavam em duas instituições diferentes, enquanto apenas uma professora cumpria uma jornada de 40 horas na escola que foi objeto deste estudo. Em relação à carga horária semanal, oito professoras possuíam uma jornada de 40 horas e duas, uma carga de 50 horas semanais.

Conforme os dados do Censo Escolar de 2023, nos anos iniciais do ensino fundamental, a maioria dos professores é do sexo feminino, e uma das faixas etárias com maior representatividade variou de 40 a 49 anos.¹⁶ Este estudo corrobora tal achado, uma vez que todas as professoras eram do sexo feminino e a faixa etária de maior concentração situou-se entre 49 e 51 anos. Ainda com relação à qualificação dos docentes, 87,3% apresentavam nível superior, enquanto

neste estudo todas as participantes possuíam graduação superior, além de nove delas terem concluído pós-graduação.¹⁵

Os resultados foram categorizados e apresentados em tabelas, com trechos, para exemplificar as categorias identificadas. A categoria que surgiu quando as professoras foram indagadas sobre sua percepção quanto à formação continuada é discutida no Quadro 2.

Quadro 2 - Percepção da formação continuada

	O que você achou da formação continuada?
	Interessante e esclarecedora (5 respostas)
Categoria	<p>P6: “Eu gostei do trabalho, do teu trabalho achei bem interessante, né, bem importante.”</p> <p>P10: “[...] pra mim foi bem bom, foi bem útil, bem esclarecedor também.”</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Percebe-se, nas falas das professoras, que a formação continuada foi interessante (P6), esclarecedora (P10) e constituiu-se como um momento de trocas. Provavelmente, essa avaliação da formação pode estar relacionada à abordagem, de acordo com as necessidades da escola, e ao diálogo.

Considerando que “somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo” (p. 83),¹⁷ espaços para trocas e diálogos proporcionam o pensamento crítico acerca da realidade e dos desafios enfrentados pelas professoras.

Para Mucharrera,¹⁸ os desafios enfrentados pelos professores são inúmeros e complexos, gerando a necessidade de uma formação constante destes. A formação continuada de professores precisa ir ao encontro tanto dos interesses destes quanto das necessidades da escola.

Assim, optou-se por uma formação baseada nas necessidades da escola, na qual o processo de “aprender a ensinar” ocorre em um ambiente natural de ensino e aprendizagem, conectando escolas e universidades para “a melhoria da formação de professores e o desenvolvimento da escola” (p. 648).¹⁹

Quanto ao número de encontros da formação continuada, sete professoras manifestaram o desejo por mais encontros (mais de três). Em relação à periodicidade dos encontros, cinco professoras consideraram-na adequada

(quinzenais), e quanto ao tempo de duração, seis professoras consideraram o tempo de duração (50 minutos) adequado.

Importante ressaltar que todas as professoras consideraram o horário e o local da formação adequados, principalmente por terem sido realizados dentro dos horários de trabalho e na escola, evitando deslocamentos a outros locais ou a necessidade de disponibilizar horários extras. Desse modo, evidencia-se que a formação, realizada na escola e centrada em seu contexto “[...] pode representar uma possibilidade promissora, especialmente para os professores que não têm outras oportunidades de formação fora do seu ambiente de trabalho” (p. 308).²⁰

No Quadro 3, apresenta-se a categoria que emergiu quando as professoras foram questionadas sobre os temas dos encontros da formação continuada: saúde mental infantil, competências socioemocionais, desenvolvimento infantil de 9 a 11 anos e rede de atenção psicossocial.

Quadro 3 - Temas dos encontros

	Temas
Categoria	<p>Temas significativos (9 respostas)</p> <p>P2: “[...] eu achei bons, muito bons. Bem atuais assim, com a realidade que a gente vive na escola, e bem significativo no sentido que contribuíram também pra nossa reflexão, pra minha reflexão, falando de mim, minha reflexão, da minha prática na sala de aula, de rever algumas coisas, de dizer não, mas isso aqui eu tô fazendo certo, isso aqui eu posso melhorar, posso atualizar, enfim.”</p> <p>P7: “Os temas abordados foram de grande relevância mesmo porque eles partiram da gente, das nossas necessidades. Isso foi bem importante.”</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Na formação continuada, as professoras consideram esses temas relevantes pois emergem de suas necessidades e incluem suas dificuldades cotidianas, como exemplificado por P7. Ademais, P2 evidencia o diálogo e a reflexão sobre a prática pedagógica em sala de aula proporcionados pelos encontros, o que parece ter favorecido o exercício reflexivo das professoras.

Propiciar espaços de formação continuada voltados às necessidades da escola pode aguçar a 'consciência pedagógica' dos professores, a partir do momento que propiciam reflexões sobre as 'ações e pensamentos rotineiros', contribuindo para a modificação das atitudes em sala de aula (p. 1).²¹ Esse tipo de formação, que envolve o processo de questionamento das práticas, pode

institucionalizar a aprendizagem contínua e a qualificação do ensino, o que, em última análise, contribui para a aprendizagem efetiva e duradoura dos estudantes.¹⁸

Cabe destacar que o tema proposto pelas professoras vai ao encontro da necessidade de ações que promovam ou melhorem a literacia em saúde mental, temática já evidenciada por Kutcher e Wei,²² ao alertar para a carência desta no ensino fundamental.

A literacia em saúde mental envolve compreender como obter e manter a saúde mental; identificar necessidades de cuidados e onde encontrá-los, e contribuir para a diminuição do estigma relacionado à saúde mental.^{22,23}

No Quadro 4, é apresentada a categoria que emergiu quando as professoras foram questionadas sobre a metodologia utilizada nos encontros de formação continuada.

Quadro 4 - Metodologia utilizada nos encontros

	Metodologia
Categoria	<p>Adequada (8 respostas)</p> <p>P6: “Eu achei que foi bem sim, porque tu trouxeste vídeos, para gente ver. Tu trouxeste atividades, que a gente pode fazer na sala de aula. Eu achei bem interessante.”</p> <p>P9: “A tua metodologia foi, assim, bem esclarecedora. E a gente tinha liberdade. A gente estava bem livre de comentar e colocar a nossa opinião e o que a gente pensava sobre.”</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

As professoras consideraram a metodologia adequada por proporcionar liberdade para expor as ideias, para a leitura de artigos científicos, para exemplos de atividades em sala de aula (P6) e para a utilização de recursos audiovisuais (P6). Torna-se importante destacar que se utilizou uma abordagem dialógico-problematizadora (p. 5),¹³ a qual supera a lógica da 'transmissão do chamado saber acumulado', envolvendo a compreensão de mundo que também é conhecimento.

Poder-se-ia dizer que esse processo representa um desdobramento possível da metodologia dialógico-problematizadora na *práxis* do professor, pois propiciou espaço e tempo para fala e escuta, melhorando o diálogo com as crianças e seus familiares. Segundo Freire,²⁴ o diálogo inicia-se na escuta, no saber ouvir, aproximando-se assim da realidade vivida pelo estudante.

Assim, percebe-se que a metodologia da problematização auxiliou as professoras em sua prática pedagógica, corroborando com os resultados de Barros et al.²⁰ que identificaram como a maneira pela qual teoria e prática são compreendidas e sintetizadas pode influenciar a eficácia dos programas de formação de professores. Uma metodologia mais unificada tem o potencial de aprimorar o pensamento crítico e as práticas reflexivas entre educadores.

Ao mesmo tempo, quando questionadas se conseguiram utilizar o que foi abordado na formação continuada em sua prática pedagógica, nove das dez professoras responderam afirmativamente. A professora que não implementou nenhuma estratégia relacionou isso ao período de férias escolares. No Quadro 5, apresenta-se a categoria que emergiu quando as professoras foram questionadas sobre o que utilizaram em sua prática pedagógica do que foi abordado na formação continuada.

Quadro 5 - Como foi utilizado na prática pedagógica

	O que você conseguiu utilizar em sua prática pedagógica?
Categoria	<p>Compreender melhor a si e aos estudantes (5 respostas)</p> <p>P7: “E até aquele ponto de respiro, digamos assim, de tu começar a olhar para a criança com outros olhos. Porque isso foi muito claro para nós. Que a gente tem que se cuidar para depois poder cuidar do outro. Então, de olhar com maior amorosidade. Baixar a tensão de que a gente não tem a solução para tudo. Mas, se tu continuar no processo, se tu continuar caminhando avanços a gente vai conseguir. E, com certeza, com o apoio da família.”</p> <p>P10: “Eu utilizei pra mim, foi bastante, porque eu utilizei, achei bem importante, porque eu te falei dos anseios, que eu tava com esses estudantes, pra mim foi assim uma coisa boa, que eu tirei dali.”</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

As professoras relataram que, a partir da formação continuada, conseguiram observar as crianças com maior amorosidade e revisar sua forma de agir no contexto da sala de aula, conforme exemplificado pela participante P7. Além disso, mencionaram que tal formação foi relevante para o seu autoconhecimento e serviu de apoio para compartilhar situações vivenciadas com os estudantes e refletir sobre estas. Segundo Freire¹³ é preciso assumir, é fundamental reconhecer

“[...] que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica

[...]. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional” (p. 8).

A compreensão aprofundada sobre si mesmo pode possibilitar que as professoras ajudem as crianças a gerenciarem suas emoções e resolver conflitos, dado que apoiar o desenvolvimento infantil exige do adulto competência emocional para “[...] identificar, nomear, compreender as necessidades e consequências vinculadas às emoções e à compreensão das emoções no outro” (p. 111).²⁵

Ademais, o autoconhecimento pode facilitar o desenvolvimento da empatia e, por conseguinte, melhorar a comunicação e as relações interpessoais.^{26,27} Portanto, ao desenvolver o autoconhecimento, o professor pode aprimorar sua abordagem das emoções na sala de aula, bem como melhor gerir demandas de saúde mental no contexto escolar.

Para Antônio Nóvoa, na “profissão docente, a dimensão pessoal é central”, aspecto que se tornou mais evidente após a pandemia da COVID-19.²⁸ Assim, destaca-se a importância de perceber os professores como seres humanos e investir na formação docente, também como espaços de cuidado pessoal e autoconhecimento.

Ao compreender melhor a si mesmo e aos estudantes, o educador pode construir maneiras de resolver as demandas de saúde mental dos estudantes, refletindo, decidindo e comprometendo-se. Assim, “movo-me como educador porque, primeiramente, movo-me como pessoa” (p. 37).²⁴

Além disso, verifica-se que a partir dos trechos analisados, as professoras destacaram que passaram a olhar para as crianças com maior amorosidade, o que permite constatar o surgimento de uma pedagogia do cuidado, baseada nos princípios freireanos de humanização, escuta, acolhimento, diálogo e compreensão da realidade do estudante.²⁴

Freire²⁴ caracteriza o descreve a prática de ensinar como a essência da condição humana, ressaltando aspectos importantes como generosidade, comprometimento, capacidade de mudar a realidade, necessidade de liberdade e autoridade, tomada de decisões consciente, habilidade para escutar, abertura para diálogo e afetividade.

É importante ressaltar que o professor desempenha um papel crucial, pois pode notar mudanças comportamentais nos estudantes relacionadas à saúde mental e, por conseguinte, oferecer suporte e informações.²⁹

Por fim, a categoria discutida demonstra o aprendizado do professor na identificação das necessidades de saúde mental dos estudantes, exigindo soluções que, em algumas ocasiões, envolvem o encaminhamento para os serviços de saúde referenciados pela escola ou pela família. Quando necessário, na busca por serviços de saúde, deve-se considerar o acesso das famílias (estudantes e seus pais) às ações ofertadas. Aqui, o acesso é definido como a maneira de acolher, escutar e responder às necessidades, criando vínculos e promovendo uma escuta humanizada da criança e da família.³⁰

Durante a formação continuada, ao abordar questões de saúde mental infantil, as professoras enfatizaram a importância da participação dos pais na instituição educacional, especialmente na supervisão do progresso dos estudantes. Além disso, foi indicado que os familiares demonstram uma preocupante falta de engajamento com as atividades organizadas pela escola. Diante disso, questionou-se às professoras como envolver as famílias em discussões sobre esse tema, originando a categoria apresentada no Quadro 6.

Quadro 6 - Como chamar os familiares para roda de conversa

	Como podemos chamar os pais para participar da roda?
Categoria	<p>Organização da roda (6 respostas)</p> <p>P1: “Eu acho que sim, fazendo um bilheteinho, um panfleto, alguma coisa que estivesse ali incluído, o tema, a temática da roda de conversa. Eu acho que daí eles vão saber do que se trata e eles vão dar mais atenção.”</p> <p>P10: “Olha, eu vou te dizer assim que é bem complicado, sabe. Porque, pra eu fazer alguma coisa com eles, eles não vêm. É bem difícil. Eu tive entrega, a gente teve entrega de notas agora, antes do recesso. Há duas semanas atrás. Eu tenho vinte, de manhã são vinte, vinte e um, acho que já vieram oito, pegar notas.”</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

Quanto à organização da roda de conversa, as professoras propuseram diversas formas de realizar o encontro, com o objetivo de aumentar a participação dos familiares. Dentre essas, destacam-se estratégias para chamar a atenção dos pais, como enviar convites mais atrativos, repletos de informações, ou realizar a

roda de conversa no dia da entrega das notas. No entanto, ressalta-se a baixa participação dos familiares, até mesmo no dia da entrega das notas.

As variadas estratégias sugeridas pelas participantes corroboram com Epstein,³¹ que aponta a necessidade de a escola propor métodos diversificados para envolver a família. Entre eles, destaca-se a importância de formas eficazes de comunicação, as quais devem ser claras e atender à diversidade. Isso pode incluir o fornecimento de bilhetes com letras grandes para aqueles que têm dificuldade de leitura ou não falam o idioma, além da necessidade de uma comunicação clara e bidirecional entre escola e família.

Assim, promover uma participação mais ampla e efetiva dos familiares parece ser um desafio para as escolas. Destaca-se que, para tal, é fundamental que a formação das professoras seja vista como um processo contínuo, no qual possam desenvolver e ampliar seus talentos e capacidades, além de se sentirem empoderadas para organizar e gerir alianças efetivas com as famílias.³¹

No Quadro 7, é apresentada a categoria que emergiu quando as professoras foram questionadas sobre sugestões de como fortalecer ou facilitar a parceria entre escola e família.

Quadro 7 - Sugestões para fortalecer a parceria escola e família

	Você teria sugestões de ações que podem facilitar/fortalecer a parceria entre escola e familiares?
Categoria	<p>Encontros com os familiares (8 respostas)</p> <p>P2: “Eu Acredito que talvez também uma estratégia seria no ambiente da escola, mas num horário posterior ao trabalho, porque daqui um pouco eles podem ter alguma justificativa ou desculpa que aí não veio porque estava no trabalho ou porque tem alguma ocupação e sendo depois do horário comercial pode ter mais resultado.”</p> <p>P7: “[...] Mas, eu acho que essa abertura para as famílias na escola. Propor encontros. [...] E nós precisamos das famílias dentro da escola. A família não pode só largar a criança aqui no portão [...]. E fica as quatro horas. E depois a gente devolve. A gente precisa dessa parceria. E eu acho que tem que abrir mais para esses momentos. Momentos de reflexão. Não só para receber a nota. Olha esse é o resultado. O que adianta eu apresentar um resultado. Se eu não apresentar. E não possibilitar para a família participar do processo.”</p>

Fonte: elaborado pelas autoras.

As professoras destacaram que uma das formas de aproximar a escola dos familiares é por meio da realização de encontros para trocar experiências sobre os

cuidados com os filhos e dialogar a respeito das necessidades de acompanhamento da aprendizagem dos estudantes. Propõem também a realização de encontros após o horário comercial, considerando o horário de trabalho dos pais. Nessas ocasiões, pode-se criar um espaço de troca entre os familiares para auxiliá-los nos desafios cotidianos da educação dos filhos e na melhoria da parentalidade, além de fortalecer a parceria entre escola e família, conforme expressão por P7.

É importante ressaltar que a parceria entre família e escola se torna relevante para a promoção da saúde da criança, sendo a escola uma aliada na produção de fatores de proteção, especialmente quando atua na redução do impacto de influências potencialmente negativas ao desenvolvimento de crianças em situação de risco ou com desvantagens socioemocionais.³²

Escola, família e comunidade devem trabalhar juntas para orientar e apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento³³ por meio de um modelo de 'sobreposição de esferas de influência entre escola, família e comunidade', visando criar uma relação de colaboração e parceria entre educadores, pais e outros atores da comunidade.³³

Assim, embora pareça desafiador para a escola promover uma participação mais ampla e efetiva dos familiares, destaca-se a importância de a formação das professoras ser vista como um processo contínuo, no qual elas possam desenvolver e ampliar seus talentos e capacidades, sentindo-se empoderadas para organizar e gerenciar alianças efetivas com as famílias.³¹

Conclusões

Ao analisar a percepção das professoras acerca da formação continuada com o tema de saúde mental infantil e a participação dos familiares na escola, percebeu-se que as oportunidades de formação que adotam uma metodologia problematizadora podem auxiliar na reflexão sobre suas práticas e na atenção à saúde mental dos estudantes.

As participantes consideraram a formação interessante e esclarecedora, pois proporcionou um espaço de reflexão sobre suas ações e a realidade vivenciada na sala de aula. Destaca-se que o tema da saúde mental infantil foi visto

como significativo, emergindo de suas necessidades, principalmente pela questão do retorno presencial após o período de ensino remoto imposto pela COVID-19.

A metodologia problematizadora, dialógica e reflexiva empregada foi considerada adequada pelas professoras, o que leva à consideração de que a formação continuada de professores precisa posicionar o professor como protagonista.

A partir dessa formação continuada, as professoras relataram conseguir compreender melhor a si mesmas e aos seus estudantes, contribuindo para a sensibilização quanto à promoção da saúde mental de ambos.

Quanto às sugestões para aproximar família e escola, destacaram a promoção de encontros com os familiares para dialogar sobre as necessidades dos estudantes e estratégias de cuidado. No entanto, referem que tem sido desafiador envolver a família.

Este estudo teve como limitação o número de encontros, apenas três, para a discussão da temática da saúde mental infantil, sendo relevante que sejam propostos estudos que envolvam a formação de toda a comunidade escolar na promoção da saúde mental de forma continuada. Dessa forma, destaca-se que a formação continuada, voltada para as necessidades da escola, possibilitou uma melhor reflexão sobre a saúde mental infantil.

Referências

1. Júnior DC, Burns DAR, Lopez FA. Tratado de pediatria. Barueri: Editora Manole, 2021. E-book; 2021.
2. Hampel K, Ucieklak-Jeż P, Bem A, Hajduová Z. Health promotion in schools - A key to improving young people's health. *J Finance Financial Law*. 2023; 1:189–108.
3. Paulauskienė N. Strengthening children's health in a health-promoting school provides the opportunity to learn to live healthier lives. *Public Health*. 2024 May 30; 105(2). doi: [https://doi.org/10.47458/VS.2024.2\(105\)-10](https://doi.org/10.47458/VS.2024.2(105)-10)
4. Faria NC, Rodrigues MC. Promoção e prevenção em saúde mental na infância: implicações educacionais. *Psic da Ed*. 2020; 51:85-96.
5. O'Neill D. The mental health and wellbeing of children and young people. 2023; 92-97. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781119819653.ch12>

6. Melanie SH, Ramon HR. Positive and adverse childhood experiences and mental health outcomes of children. *Child Abuse Negl.* 2024; 149.
7. Capistrano AB, Carvalho MH, Vahdat VS, Boeira LD. Caminhos em Saúde Mental. In *Caminhos em Saúde Mental* 2021. <https://institutocactus.org.br/caminhos-em-saude-mental/>
8. Brasil. Política nacional de atenção psicossocial nas comunidades escolares. Lei nº 14.819, de 16 de janeiro de 2024. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/L14819.htm
9. Lu H. The basic principles of school mental health education. *Journal of Contemporary Educational Research.* 2024; 26;8(2):272-81. <https://ojs.bbwpublisher.com/index.php/JCER/article/view/6041>
10. Cardoso V, dos Reis AP, Iervolino SA. Escolas promotoras de saúde. *Journal of Human Growth and Development.* 2008; 18(2):107-115.
11. O'Connell J, Pote H, Shafran R. Child mental health literacy training programmes for professionals in contact with children: a systematic review. *Early Interv Psychiatry.* 2021; 15(2):234-247. doi: 10.1111/eip.12964. Epub 2020 Apr 27. PMID: 32342663.
12. Cruz LM, Moura EM de, Menezes CCLC. Contributos freirianos para formação continuada de professores/as em contexto de pandemia. *REED.* 2021; 2(5):1-16. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/9194>
13. Freire P. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho D'Água; 1997.
14. Alzina R, Bisquerra R, Carvalho SB. Atividades para o desenvolvimento da inteligência emocional nas crianças. São Paulo: Ciranda Cultural; 2022.
15. Bardin L. Análise de conteúdo. 3ª ed. Lisboa: Edições 70; 2016.
16. Ministério da Educação. Resumo Técnico Censo escolar Educação Básica 2023. Brasília-DF, 2024. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar/resultados>
17. Freire P. Pedagogia do oprimido. 36 ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra; 2003.
18. Mucharrera PR. Formação docente centrada na escola e projeto educativo: um estudo de caso. *Educar em Revista.* 2018; 34(72):285-302.
19. Ten Dam G, Blom S. Learning through participation. The potential of school-based teacher education for developing a professional identity. *Teaching and Teacher Education.* 2006; (22):647-660.
20. Barros MSF, Paschoal JD, Vicentini D, Almeida JDF de, Ferreira AL, Barros PCS. A relação teoria e prática na formação docente: condição essencial para o trabalho pedagógico. *Rev Ibe Est Ed.* 2020; 15(1):305-18. <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13303>
21. Lund L. Quando a formação de professores em serviço, baseada na escola, aguça a consciência pedagógica. *Improving Schools.* 2020; 23(1):5-20. <https://doi.org/10.1177/1365480218772638>

22. Kutcher S, Wei Y. School mental health: a necessary component of youth mental health policy and plans. *World Psychiatry*. 2014; 19(2):174-5. <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/wps.20732>
23. Kutcher S, Bagnell A, Wei Y. Mental health literacy in secondary schools: a Canadian approach. *Child Adolesc Psychiatr Clin N Am*. 2015; 24(2):233–244. Crossref. PubMed. ISI.
24. Freire P. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. 25th ed. São Paulo: Paz e Terra; 2002.
25. Justo AR, Andretta I. Competências socioemocionais de professores: avaliação de habilidades sociais educativas e regulação emocional. *Psic da Ed*. 2020; (50):104-113. <https://doi.org/10.5935/2175-3520.20200011>.
26. Aránega AY, Sánchez RC, Pérez CG. Mindfulness' effects on undergraduates perception of self-knowledge and stress levels. *J Bus Res*. 2019; 101:441-6. doi: 10.1016/j.jbusres.2019.01.026
27. Del Prette A, Del Prette ZAP. *Competência social e habilidades sociais: manual teórico-prático*. Petrópolis, RJ: Vozes; 2017.
28. Lomba MLR, Faria Filho LM. Os professores e sua formação profissional: entrevista com António Nóvoa. *Educ Rev*. 2022; 38:e88222. <https://doi.org/10.1590/1984-0411.88222>
29. Ballester D, Souza A, Santana C, Barros C, Moura L, Braga T. Saúde mental na escola: resultados preliminares de uma ação entre professores e estudantes do ensino fundamental. *Expressa Extensão*; 2021; 26(2):250-9. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/20430>.
30. Brasil. *Caderno de Atenção Básica nº 34: Saúde Mental*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf.
31. Epstein J. *Programas efectivos de involucramiento familiar en las escuelas*. Santiago: Fundación CAP; 2013. https://www.fundacioncap.cl/wp-content/uploads/2015/09/Programas_efectivos_de_involucramiento_familiar_en_las_escuelas-Joyce_Epstein.pdf.
32. Powell KM, Rahm-Knigge RL, Conner BT. Resilience protective factors checklist (RPFC): buffering childhood adversity and promoting positive outcomes. *Psychol Rep*. 2021; 124(4):1437-61. <https://doi.org/10.1177/0033294120950288>
33. Quimada-Alberastine J. Parents' involvement and learners' engagement in school. *EPRA Int J Environ Econ Commer Educ Manag*. 2024; 11(6):219-224. <https://eprajournals.com/IJCM/article/13407>

34. Gomes MCP. Sentindo-se em casa: conhecer, fazer, conviver e ser nas relações familiares na escola. Revista Científica FESA. 2023; 3(9):75-90. <https://revistafesa.com/index.php/fesa/article/view/318>

6 DISCUSSÃO

Nesta pesquisa buscou-se responder quais são os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, e as percepções de familiares dos alunos a acerca da prevenção de doenças na infância?

Inicialmente, destaca-se que as participantes deste estudo, relacionavam a prevenção de doenças a evitar a doença, principalmente, por meio de ações educativas. Dessa forma, ressalta-se o importante papel que a escola ocupa ao inserir tais ações no currículo, em atividades extracurriculares e em iniciativas que envolvam a comunidade. Sendo que a atuação preventiva na escola está relacionada ao desenvolvimento de saberes voltados à prevenção de doenças, no que se refere aos seus fatores de risco e à adoção de comportamentos favoráveis ao bem-estar (Tannahill, 2009). Ainda sendo necessário explorar os aspectos relacionados aos fatores socioeconômicos e ambientais (Venturi; Mohr, 2021 b).

Tais ações educativas, para compor a Educação em Saúde (ES) conforme Mohr (2022) precisam compor um conjunto de atividades integradas ao currículo, com objetivos pedagógicos e metodologias voltados ao ensino e a aprendizagem de temas relacionados a saúde tanto no âmbito individual quanto coletivo.

Para que a ES seja compreendida e aplicada de forma efetiva na escola, é essencial adotar estratégias teórico-metodológicas que criem oportunidades reais de aprendizado. Isso envolve a organização de espaços, que favoreçam o diálogo, a troca de experiências e a construção coletiva do conhecimento dentro do ambiente escolar (Venturi; Mohr, 2021b).

Além disso, ao investigar as necessidades de formação continuada as participantes apontaram o tema saúde mental infantil. Um tema emergente no retorno presencial às aulas, ainda no contexto da pandemia da Covid-19. Essa temática também foi mencionada pelas professoras como essencial para ser abordada com os familiares dos estudantes nas rodas de conversa.

É importante destacar que a saúde mental infantil já era uma preocupação da sociedade antes da Covid-19. Conforme Jansen *et al.* (2022), os impactos das demandas em saúde mental na infância têm aumentado significativamente e, se negligenciados, podem gerar consequências prejudiciais na vida adulta. Portanto, espaços para propor diálogo com os familiares a respeito da temática se tornam

relevantes para esclarecê-los e auxiliá-los quanto as demandas de saúde mental infantil.

Nesse contexto, a pandemia de Covid-19 intensificou ainda mais essas preocupações, evidenciando lacunas no suporte emocional e psicológico oferecido às crianças. A necessidade de criar espaços que fomentem o diálogo sobre saúde mental, tanto no ambiente escolar quanto familiar, tornou-se ainda mais necessária. Assim, iniciativas como as rodas de conversa emergem como estratégias, pois não apenas promovem a troca de experiências e o acolhimento mútuo (Moreira; Barroso Júnior, 2022; Amorin *et al*, 2020), mas também fortalecem o vínculo entre a escola e as famílias, auxiliando na construção de uma rede de apoio essencial para o desenvolvimento saudável das crianças.

Ademais, a roda constituiu-se em um espaço de orientação, ressalta-se que a participação de profissionais da educação e saúde em rodas com familiares se faz relevante para auxiliar estes a refletir a respeito de suas ações no cuidado dos filhos. Sendo que a criação de grupos de apoio para familiares, com a participação de profissionais especializados, representa uma estratégia para o fortalecimento das competências parentais. Esses espaços desempenham um papel essencial no esclarecimento de dúvidas sobre o desenvolvimento infantil, na validação de práticas educativas e na mediação de interações familiares (Pereira *et al.*, 2023).

Os familiares, neste estudo, expressaram a necessidade de dialogar sobre sua relação com as crianças destacando-se a necessidade da criação de espaços para diálogo, reflexão e trocas sobre a relação com as crianças, como referido por Muratori e Ciacchini (2020), pois os familiares são aqueles que ofertam suporte ao desenvolvimento da criança.

Embora a roda de conversa tenha sido avaliada como satisfatória e tenha proporcionado trocas e esclarecimento de dúvidas aos participantes, destaca-se o desafio da escola em propor atividades que incentivem a participação dos familiares. Nesta pesquisa, na escola B, não houve a participação dos familiares. Levando a refletir que a parceria entre família e escola exige esforços sistemáticos, principalmente por parte da escola, além do compromisso de professores e da equipe diretiva em aproximar as famílias e envolvê-las no processo educativo (Epstein, 2013).

Encontros com as famílias para dialogar foram referidos pelas professoras como uma estratégia de promover a aproximação com a escola, sendo a roda de conversa considerada uma possibilidade para facilitar este processo. Sendo que a “construção da roda simboliza o encontro entre sujeitos, histórias e posições sociais, [...] que, ao se sentarem na roda, acabam por se ligar pelo acolhimento e apoio mútuo” (Assis, 2023, p. 6), promovendo assim a saúde mental daqueles que participam da roda e por conseguinte das crianças pelas quais são responsáveis.

A temática da saúde mental surgiu a partir das necessidades percebidas pelas professoras e de suas vivências no ambiente escolar. Dessa forma, a formação continuada, ao abordar essa temática de forma dialógica e problematizadora, pode auxiliar na sensibilização destas professoras quanto as questões da saúde mental infantil. Considerando que as escolas podem exercer um papel positivo e protetor, elas se configuram como um contexto privilegiado para a prevenção e promoção da saúde mental e desenvolvimento das competências socioemocionais das crianças ao longo de todo o percurso escolar e do seu desenvolvimento comportamental, emocional e cognitivo (Amaral, 2020; Choi, 2024).

Assim, para que a escola desempenhe este papel destaca-se a necessidade de uma formação continuada, que proporcione aos professores adotar uma perspectiva mais amorosa em relação às crianças. Possibilitando a emergência de uma pedagogia do cuidado, fundamentada nos princípios freireanos de humanização, escuta ativa, acolhimento, diálogo e compreensão crítica da realidade vivida pelos estudantes (Freire, 2022). Essa abordagem valoriza a construção de vínculos afetivos e o respeito às singularidades de cada criança, promovendo um ambiente educacional que favoreça tanto o desenvolvimento cognitivo quanto o emocional, em consonância com a proposta de promoção da saúde mental infantil.

Destaca-se que ações e programas na escola vem sendo uma estratégia potente para a promoção da saúde mental infantil (Amaral, 2020; Capistrano *et al.*, 2021). Portanto, investir em formação continuada para os professores e em fortalecimento de parcerias com a família podem se constituir em estratégias de promoção da saúde mental dos escolares.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, destaca-se que o objetivo da tese foi alcançado, dado que buscava-se investigar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental, e as percepções de familiares dos estudantes acerca da prevenção de doenças na infância.

Para alcançar este objetivo, foi percorrida uma trajetória composta por seis objetivos específicos, entre os quais se destaca o objetivo 1, que visava sintetizar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental acerca da prevenção de doenças na infância. A partir desse objetivo, foi possível verificar que a concepção de prevenção de doenças está ligada a ações que se antecipam ao surgimento da doença, ou seja, que a evitem. As ações educativas foram citadas como a principal forma de realizar a prevenção de doenças na infância, evidenciando que as professoras têm seu lugar de fala na educação e percebem essas ações como relevantes para a efetivar a prevenção.

Em relação ao objetivo 2, que visava conhecer as necessidades de formação continuada de professores sobre a temática prevenção de doenças na infância, destaca-se que a formação continuada foi planejada a partir das demandas identificadas pelos próprios professores e pelo contexto escolar, sendo elencada a saúde mental infantil como tema central. Observa-se que a necessidade de formação nessa área está diretamente relacionada ao contexto vivenciado durante a pandemia de Covid-19, período em que muitas crianças retornaram às aulas enfrentando não apenas dificuldades de aprendizado, mas também desafios significativos relacionados à saúde mental.

No que se refere ao objetivo 3, que consistiu em realizar formação continuada de professores a partir do levantamento das necessidades formativas, ressalta-se que essa formação foi conduzida por meio de uma metodologia problematizadora, utilizando também exemplos trazidos pelas participantes a partir de seu cotidiano com os estudantes. A formação constituiu-se em um espaço de trocas e reflexões sobre as práticas pedagógicas e sobre as próprias vivências das professoras, demonstrando a importância de uma formação centrada nas necessidades dos docentes, na qual eles sejam os protagonistas do processo.

Além disso, destaca-se o objetivo 4, que consistiu em desenvolver roda de conversa com professores e familiares dos estudantes sobre as temáticas advindas da formação continuada com os professores. O desenvolvimento dessas rodas revelou-se desafiador devido à baixa participação dos familiares e à dificuldade de conciliar os horários disponíveis para a participação das professoras. Apesar dos desafios, as rodas constituíram-se como espaços de diálogo e troca, nos quais os familiares que compareceram foram participativos e demonstraram interesse na temática.

No objetivo 5, ao conhecer a percepção de familiares em relação a roda de conversa com os professores, verificou-se que as participantes as consideraram um espaço importante para a troca de experiências, esclarecimentos e orientações, constituindo-se, assim, em um ambiente propício para a promoção da saúde mental infantil.

Posteriormente, no objetivo 6, foi possível analisar as percepções de professores após a participação na formação continuada e na roda de conversa realizada com familiares. Verificou-se, assim, que as participantes perceberam que a formação foi ao encontro de suas necessidades e consideraram a metodologia problematizadora adequada. A partir da formação, as professoras puderam compreender melhor a si e aos estudantes, demonstrando que a formação continuada pode contribuir para a sensibilização dos professores quanto à saúde mental infantil. No que diz respeito à participação das famílias na escola, destacam-se os desafios enfrentados pela instituição para promover e fortalecer essa parceria.

Após apresentar que os objetivos propostos para a pesquisa foram alcançados e o problema de pesquisa respondido, defende-se a tese que: a prevenção de doenças na infância pode ser potencializada por meio da formação de professores e da implementação de ações com os familiares dos escolares. Neste estudo, essa prevenção foi especificamente voltada à saúde mental dos estudantes, evidenciando a importância da educação e do envolvimento familiar na promoção do bem-estar infantil.

Como limitações deste estudo, destacam-se a restrição de tempo dos professores para a formação continuada, uma vez que o retorno presencial às aulas deflagrou inúmeras demandas de trabalho na escola, principalmente, referentes

aos déficits de aprendizado ocorridos durante o ensino remoto e a baixa participação dos familiares nas rodas de conversa.

Além disso, recomenda-se que estudos futuros incluam os escolares e equipe diretiva, visando integrar a comunidade escolar em prol da promoção da saúde mental infantil. A continuidade de estudos nesta área poderá aprofundar o entendimento sobre as dinâmicas entre saúde mental infantil, ensino e aprendizagem, promovendo práticas mais eficazes no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

AIERBE-BARANDIARAN, Ana; BARTAU-ROJAS, Isabel; OREGUI-GONZÁLEZ, Eider. Implicación familiar y eficacia escolar en educación primaria. **Anales de Psicología / Annals of Psychology**, v.39, n.1,p. 51–61, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.6018/analesps.469261>. Acesso em: 20 nov. 2024.

AMADOR, Denise Viana; SILVA, Kênia Lara. Promoção da Saúde: Histórico, conceito e práticas no contexto da saúde coletiva. In: **Enfermagem em Saúde Coletiva - Teoria e Prática**. SOUZA, M. C. M. R.; HORTA, C. N. (Org.). 2ª edição. Rio de Janeiro: 2017.

AMARAL, Maria Odete Pereira *et al.* O. ProMenteSã: Formação de professores para promoção da saúde mental na escola. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, n. 1, p. 01-08, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/SLQXdykTTL94xmmsXGXNybF/>. Acesso em: 04 dez. 2022.

AMORIM, Layane Barbosa; SANTOS, Maria Rejane; SANTOS, José Augustinho Mendes; SANTOS, Camila Paz; IOCHIMS, Fernanda dos Santos; RIBEIRO, Wanderson Alves. A roda de conversa como instrumento de cuidado e promoção da saúde mental: percepção dos usuários dos CAPS. **Nursing Edição Brasileira**, [S. l.], v. 23, n. 263, p. 3710–3715, 2020. DOI: 10.36489/nursing.2020v23i263p3710-3715. Disponível em: <https://www.revistanursing.com.br/index.php/revistanursing/article/view/666>. Acesso em: 12 nov. 2024.

ASSAD, Suellen Gomes Barbosa; FONSECA, Marcos Paulo; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; SANTOS, Silvia Cristina Pereira dos. Educação permanente e vacinação: minimizando oportunidades perdidas. **Research, Society and Development**, v, 9, n. 11, p 01-21, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i11.10198>. Acesso em: 06 nov. 2022.

ASSIS, Aisllan. “Os Sentidos da Roda”: Práticas Grupais na Investigação Qualitativa em Saúde. **NTQR**, v. 18, e842, out. 2023. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2184-77702023000300018&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 jan. 2025.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2016.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. Tradução: MONTEIRO, Cristina; PEREIRA, Antônio Carlos Amador. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. 568p.

BLANTUCAS, Marlen Joie Cubelo. Family Involvement on Child’s Education among Preschool Parents. **International Multidisciplinary Research Journal**, v.6, n.1, p. 36-48, 2024. Disponível em: doi: 10.54476/ioer-imrj/753795. Acesso em: 15 dez. 2024.

BRASIL. Senado Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Brasília, DF: 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 20 mar. 2022.

BRASIL. Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007. **Institui o Programa Saúde na Escola - PSE**, e dá outras providências. Diário Oficial da União. 6 dez 2007. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm. Acesso em: 20 ago. 2023.

BRASIL. Portaria nº 1.130, de 5 de agosto de 2015. Institui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). **2015a** Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/qm/2015/prt1130_05_08_2015.html. Acesso em: 10 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Caderno do gestor do PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015b. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/caderno_gestor_pse.pdf. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Síntese de evidências para políticas de saúde**: promovendo o desenvolvimento na primeira infância. Brasília, DF, 2016a. Disponível em: file:///D:/Michele/Downloads/sintese_evidencias_politicas_primeira_infancia.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

BRASIL. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. **Resolução n. 510/2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Brasília, DF, 2016b. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 14 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília, DF, 2018a, 40 p. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude.pd. Acesso em: 22 out. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018b. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16 dez. 2022.

BRASIL. Senado Federal. Coordenação de Edições Técnicas. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, DF: 2018c.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Para Orientar Escolas da Educação Básica e Instituições de Ensino Superior**. Aprovada no dia 28 de abril de 2020. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/41HeLMo>. Acesso em: 27 nov. 2022

BRASIL. Governo Federal. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama da cidade de Uruguaiana-RS**. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/uruguaiana/panorama>. Acesso em: 01 fev. 2023.

CAPISTRANO, Adélia Benetti de Paula; CARVALHO, Marcel Henrique de; VAHDAT, Vahíd Shaikhzadeh; BOEIRA, Laura dos Santos. **Caminhos em Saúde Mental**. Brasília; Instituto Veredas; 2021. Disponível em: https://institutocactus.org.br/wp-content/uploads/2022/02/LivroDigital_CaminhosSaudeMental_Final.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024.

CARVALHO, Ademar de Lima; VECCHIA, Solange Ana Della. A formação centrada na escola como mediação da formação permanente do professor. **Revista Educativa - Revista de Educação**, v. 24, n. 1, p. 01-22, 2021. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/7451/0>. Acesso em: 16 jan. 2023.

CASEMIRO, Juliana Pereira; FONSECA, Alexandre Brasil; SECCO, Fabio Vellozo Martins. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciências e Saúde coletiva**, v. 19, n. 3, p. 829-840, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HKhpbcMjGmyjkhsKgwcx83F/?lang=pt>. Acesso em: 07 dez. 2022.

CHOI, Caroline. Enhancing Mental Health Services in Schools: A Comprehensive Review and Recommendations. **Journal of Student Research**, v. 13, n.2, p. 1-8, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47611/jsrhs.v13i2.6776>. Acesso em: 04 fev. 2025.

COSTA, Maria Aparecida Alves da.; SILVA, Francisco Mário Carneiro; SOUZA, Davison da Silva. Parceria entre escola e família na formação integral da criança. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, v. 1, n. 1, p. 01-14, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.47149/pemo.v1i1.3476>. Acesso em: 18 set. 2022.

CORRÊA, Mônica de S. **Criança, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: Cengage Learning Brasil, 2015. E-book. ISBN 9788522122578. Disponível em: <https://facnsa.edu.br/obras-digitais-pedagogia/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

CUNHA, Renata Cristina Oliveira Barrichelo; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Formação centrada na escola, desenvolvimento pessoal e profissional de professores. **Revista de Educação PUC-Campinas**, n. 28, p. 101–111, 2010. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/79>. Acesso em: 25 fev. 2023.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Educação escolar e pandemia. **Revista Pedagogia em Ação**, v.13, n. 1, p. 08-16 2020. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/23749>. Acesso em: 23 dez. 2022.

DESSEN, Maria Auxiliadora; POLONIA, Ana da Costa. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Revista Paidéia**, v.17, n. 36, p. 22-32, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100003>. Acesso em: 23 nov. 2022.

ENGLE, Patrice; BLACK, Maureen M.; BEHRMAN, Jere R.; MELLO, Meena Cabral de; GERTLER, Paul J.; KAPIRIRI, Lydia; MARTORELL, Reynaldo, Mary Eming Young *et al.* Strategies to avoid the loss of developmental potential in more than 200 million children in the developing world. **International Child Development Steering Group**, v. 369, n. 9557, p. 229-242, 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17240290/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

EPSTEIN, Joyce. **Programas efectivos de involucramiento familiar en las escuelas**. Santiago: Fundación CAP, 2013. Disponível em: <https://directivos.minedu.gob.pe/wp-content/uploads/2021/01/Programas-efectivos-de-involucramiento-familiar-en-las-escuelas-Joyce-Epstein.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

FERREIRA, Silvânia Feitosa; SANTOS, Alex Gabriel Marques dos. Dificuldades e desafios durante o ensino remoto na pandemia: um estudo com professores do município de Queimadas – PB. **Revista Científica Semana Acadêmica**, v. 207, n. 9, p. 01-12, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Xnio6N>. Acesso em: 09 jan. 2023.

FRANKLIN, Quinn; PROWS, Cintia. Influências Genéticas e do Desenvolvimento na Promoção de Saúde da Criança. In: **Fundamentos de Enfermagem Pediátrica**. HOCKENBERRY, M. J. et al. (Org). Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 74 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FUMAGALLI, Laura Mendes Rodrigues. **Promoção da saúde no ambiente escolar**: produção científica e análise do contexto. Dissertação de Mestrado. PPG Educação em Saúde, Uruguiana (RS): Universidade Federal do Pampa, 2019.

HALFON, Neal; RUSS, Shirley A.; KAHN, Robert S. Inequality and child health: dynamic population health interventions. **Curr Opin Pediatr**. v. 34, n.1, p.33-38, 2022. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34879028/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

IMBERNÓN, Francisco. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

JANSEN, Elena; FRANTZ, Inga; HUTCHINGS, Judy; LACHMAN, Jamie; WILLIAMS, Margiad; TAUT, Diana; BABAN, Adriana; RALEVA, Marija; LESCO, Galina; WARD, Cathy; GARDNER, Frances; FANG, Xiangming; HEINRICH, Nina; FORAN, Heather M. Preventing child mental health problems in southeastern Europe: Feasibility study (phase 1 of MOST framework). **Fam Process**, vol. 61, n. 3, 2022. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/famp.12720>. Acesso em: 07 jan. 2023.

JARDILINO, Jose Rubens Lima; SAMPAIO, Ana Maria Mendes. Desenvolvimento profissional docente: Reflexões sobre política pública de formação de professores. **Educação & Formação**, v. 4, n. 10, p. 180–194, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/848>. Acesso em: 28 fev. 2023.

LIMA, Dartel Ferrari; MALACARNE, Vilmar; STRIEDER, Dulce Maria. O papel da escola na promoção da saúde – uma mediação necessária. **EccoS – Revista Científica**, n. 28, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/3213>. Acesso em: 05 jan. 2023.

LIMA, Caroline Costa; CORTINAZ, Tiago; NUNES, Alex. **Desenvolvimento Infantil**. PORTO ALEGRE: Grupo A, 2018. 160 p.

LÖHR, Suzane Schmidlin; MELO, Márcia Helena da Silva; SALVO, Caroline Guisantes de; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. Prevenção e promoção da saúde: um desafio na formação de psicólogo. **Revista Psicologia da Criança e do Adolescente**, v. 4, n. 2, p. 205-222, 2013. Disponível em: <http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/433/411>. Acesso em: 01 mar. 2023.

LOPES, Iraneide Etelvina; NOGUEIRA, Júlia Aparecida Devidé; ROCHA, Dais Gonçalves. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa. **Saúde Debate**, v. 42, n. 118, p. 773-789, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/SNsdFnbvBdfdhn76GQYGDtM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: jan. 2023.

MASTEN, Ann; COATSWORTH, Douglas. The development of competence in favorable and unfavorable environments: Lessons from research on successful children. **American psychologist**, v. 53, n. 2, p. 205-220, 1998. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/9491748/>. Acesso em: 22 out. 2022.

MOHR, A. A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências. 2002. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

MOREIRA, Mariana de Castro; BARROSO JÚNIOR, Maurício. RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE RODAS DE CONVERSA ON-LINE COM PROFESSORES. **Periferia**, [S. l.], v. 14, n. 3, p. 149–171, 2022. DOI: 10.12957/periferia.2022.69262. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/69262>. Acesso em: 12 nov. 2024.

MONTEIRO, Camila *et al.* Noções de microbiologia para crianças dos anos iniciais de uma escola pública de Uruguaiana-RS. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 7, n. 3, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/81353>. Acesso em: out. 2022.

MURATORI, Pietro; CIACCHINI, Rebecca. Children and the COVID-19 transition: psychological reflections and suggestions on adapting to the emergency. **Clinic Neuropsychiat.**, v.17, n. 2, p. 131-34, 2020. DOI: 10.36131/CN20200219. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34908983/>. Acesso em: 15 ago. 2024.

NOGUEIRA, M. A.; RESENDE, T. de F. Relação família-escola no Brasil: um estado do conhecimento (1997-2011). Educação: Teoria e Prática. Rio Claro, SP, v. 32, n.65, 2022. eISSN 1981-8106 e02[2022]. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/15325>. Acesso em: 21 jun. 2023.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

NÓVOA, António. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, dez. 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000400002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 04 fev. 2025.

NÓVOA, António. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. **Educação & Realidade**, v.44, n. 3, p. 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n3/2175-6236-edreal-44-03-e84910.pdf>. Acesso em: set. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório da Organização Mundial da Saúde sobre determinantes sociais da saúde**. Genebra: OMS, 2008.

PAPALIA, Diane; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed Editora. 2022.

PATTON, George C.; AZZOPARDI, Peter. Missing in the middle: measuring a million deaths annually in children aged 5–14 years. *The Lancet*, v.6, p. e1048-e1049, 2018. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS2214-109X\(18\)30417-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS2214-109X(18)30417-0/fulltext). Acesso em: 20 dez. 2024.

PEREIRA, Ana Paula da Silva; RIBEIRO, Margarida; Soares, Elsa Marta; SILVA, Carla Silene da. Grupo de apoio a pais como um recurso de apoio social na Intervenção Precoce na zona norte de Portugal. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. e38/1–22, 2023. DOI: 10.5902/1984686X71419. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/71419>. Acesso em: 13 nov. 2024.

ROBERTO, Silvana; PAIXÃO, Fernando; MEGID NETO, Jorge. Uma sequência didática sobre dengue desenvolvida no 5º ano do Ensino Fundamental. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 14, n. 1, p. 441-460, 2019, 441-460. Disponível em: <https://fisica.ufmt.br/eenciojs/index.php/eenci/article/view/46>. Acesso em: out. 2022.

RODRIGUES, Miriam. **Educação emocional positiva: saber lidar com as emoções é uma importante lição**. Novo Hamburgo: Sinopsys. 2015.

SABIROVA, Diana Rustamovna. Continuous Teacher Education: Quality Assurance. **Procedia - Social and Behavioral Sciences**, v. 143, p. 243-246, 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042814043249>. Acesso em: 22 set. 2020.

SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Luana Rocha dos; TONIOSSO, José Pedro. A importância da relação escola-família. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074149.pdf>. Acesso em: nov. 2022.

SANTOS, Natalie de Nóbrega dos. **Inteligência Emocional: A compreensão das emoções em crianças do pré-escolar**. Tese de doutorado. (2012). Universidade da Madeira, Portugal.

SILVA, Carlos dos Santos; BODSTEIN, Regina Cele de Andrade. Referencial teórico sobre práticas intersetoriais em Promoção da Saúde na Escola. **Ciência &**

Saúde Coletiva, v. 26, n. 6, p. 1777-1788, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/5QXfQJVsrDVPZY9WwDhmT8z/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 10 out. 2022.

SIMAR, Carine R.; CHEVREAU, Coudert; Maram, Maher, Monier., Philippe, Cury., Julie, Pironom. Health-promoting school. Mediation effects on health behaviors and the socio-economic level of pupils. **European Journal of Public Health**, v. 34, Supplement 3, 2024. Disponível em: doi: 10.1093/eurpub/ckae144.1815. Acesso em: 10 jan. 2025.

SCHEINER, Christin; DAUNKE, Andrea; SEIDEL, Alexandra ; MITTERMEIER Sabrina ; ROMANOS, Marcel; KÖLCH, Michael; BUERGER, Arne. LessStress - how to reduce stress in school: evaluation of a universal stress prevention in schools: study protocol of a cluster-randomised controlled trial. **Trials**, v. 24, n. 1, 2023. Disponível: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9851575/>. Acesso em: nov. 2022.

SCHWINGEL, Tatiane Cristina Possel Greter.; ARAÚJO, Maria Cristina Pansera de. Compreensões de educação em saúde na formação inicial e continuada de professores. **Revista Insignare Scientia**, v. 3, n. 2, p. 368-385, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/11514>. Acesso em: out. 2022.

SHARMA, Ramesh. The Effects of Parental Involvement on Student Academic Success. **Global international research thoughts**, v.12, n.1, p.43-48, 2024. Disponível em: <https://girt.shodhsagar.com/index.php/j/article/view/111>. Acesso em: 10 jan. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Tratado de pediatria. v.1. 5. ed. Barueri: Manole, 2022. E-book. p.321. ISBN 9786555767476. Disponível em: <https://app.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555767476/>. Acesso em: 17 dez. 2024.

SOUZA, M. A.; et al. Saúde mental e os desafios do retorno às aulas presenciais no ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação**, v. 27, n. 94, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbeduc>. Acesso em: 23 dez. 2024.

SUTO, Maiko; MIYAZAKI, Celine; YANAGAWA, Yuko; TAKEHARA, Kenji; KATO, Tsuguhiko; GAI, Ruoyan; OTA, Erika; MORI, Rintaro. Overview of Evidence Concerning School-Based Interventions for Improving the Health of School-Aged Children and Adolescents. *Journal of School Health*, v. 91, n.6,p. 437-438, 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/toc/17461561/2021/91/6>. Acesso em: 10 dez. 2024.

TANNAHILL, André. Health promotion: the Tannahill model revisited. **Public health**, v. 123, n. 5, p. 396-399, 2009. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19496260/>. Acesso em: 25 jan. 2023.

UNICEF. **O impacto da pandemia de COVID-19 na educação**. Brasília: UNICEF, 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil>. Acesso em: 23 dez. 2024.

VAIVADA, Tyler; SHARMA, Naeha ; DAS, Jai K. ; SALAM, Rehana A.; LASSI, Zohra S.; BHUTTA, Zulfiqar. Interventions for Health and Well-Being in School-Aged Children and Adolescents: A Way Forward. **Pediatrics**, v. 149, n. s6, 2022. Disponível em: <https://publications.aap.org/pediatrics/article/149/Supplement%206/e2021053852/M/186939/Interventions-for-Health-and-Well-Being-in-School?autologincheck=redirected>. Acesso em: 20 set. 2024.

VENTURI, Tiago; MOHR, Adriana. Ensinar e aprender ciências: reflexões e implicações para a educação em saúde na escola. **Revista Dynamis**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 59–81, 2021a. DOI: 10.7867/1982-4866.2021v27n2p59-81. Disponível em: <https://ojsrevista.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/view/9319>. Acesso em: 24 jan. 2025.

VENTURI, Tiago; MOHR, Adriana. Panorama e Análise de Períodos e Abordagens da Educação em Saúde no Contexto Escolar Brasileiro. **Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 23, n. e33376, p. 1-25, 2021b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/ztGB4JLXy4Tpm5yzjTfdSBy/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 jan. 2025.

WANG, Xinxin; JIEYU, Liu., YUSHENG, Wu; BINBIN, Su; Chen, Manman; MA, Qi; MA, Tao; CHEN, Li; ZHANG, Yi; DONG, Yanhui; SONG, Yi; MA, Jun. Enhancing the effectiveness of infectious disease health education for children and adolescents in China: a national multicenter school-based trial. **BMC Public Health**, v.23, n.1, 2023. Disponível em: <https://bmcpublihealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12889-023-16000-3>. Acesso em: 20 out. 2024.

WEBSTER, Rebecca; BROOKS, S.K.; SMITH, L.E.; WOODLAND, L.; WESSELY, S.; RUBIN, G.J. How to improve adherence with quarantine: rapid review of the evidence. **Public Health**, n. 182, p. 163-169, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3xhNTV0>. Acesso em: nov. 2022.

ZUGE, Bruna Lixinski *et al.* Promoção de saúde na educação infantil e anos iniciais: possibilidades e desafios da Base Nacional Comum Curricular. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, p. 1-15, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6634>. Acesso em: dez. 2022.

APÊNDICES

Apêndice A- Questionário de levantamento de necessidade de formação dos professores

Código de identificação:	
Necessidades de formação:	
<p>1. Para você o que é prevenção de doenças na infância?</p> <p>2. Na sua percepção, como é possível prevenir as doenças na infância?</p> <p>3. Você aborda o tema prevenção de doenças na infância com seus alunos? Quais recursos pedagógicos você utiliza para abordar a temática de prevenção de doenças na infância com seus alunos?</p> <p>4. Onde você busca informações sobre prevenção de doenças na infância para trabalhar em sala de aula com seus alunos? Você pode especificar as fontes:</p> <p>() Livro didático</p> <p>() Sites. Quais? _____</p> <p>() Vídeos do Youtube. Quais? _____</p> <p>() Outras. Quais? _____</p> <p>5. Você tem sugestões para melhorar o aprendizado em relação a prevenção de doenças na infância? Qual (ais)? _____</p> <p>6. Que temas você gostaria de conhecer e/ou aprofundar na formação continuada?</p> <p>7. Quando você faz o seu planejamento a respeito da temática doenças na infância?</p>	

Apêndice B- Roteiro de entrevista semiestruturada com os familiares

Código de identificação:	
Sexo:	
Idade:	
Qual a sua escolaridade?	
Idade do(s) filho(s)? Ou Data de nascimento do(s) filho(s)?	
Qual ano em que o seu/sua filho (a) estuda?	
<p>1. Você já participou de atividades para familiares na escola? Se sim, de qual (ais) atividade (s)? O que você achou desta (s) atividade (s)?</p> <p>2. Qual a sua opinião sobre a roda de conversa realizada?</p> <p>3. Quais os aspectos que você gostou e considera positivos da roda de conversa?</p> <p>4. Quais aspectos que você não gostou e considera negativos da roda de conversa?</p> <p>5. O que você achou dos temas abordados?</p> <p>6. Você acha que pode contribuir para auxiliar a escola nessa temática sobre saúde mental?</p> <p>Se sim, de que maneira?</p>	

Apêndice C– Roteiro de Entrevista semiestruturada com os professores

Código de identificação:	
Sexo:	
Idade:	
Graduação em:	
Ano que se graduou:	
Especialização em:	
Doutorado em:	
Há quanto tempo atua nos anos iniciais? E em que ano (s)?	
Nome da escola:	
Carga horária de trabalho semanal:	
<p>1.O que você achou da formação continuada?</p> <p>1.a. Número de encontros</p> <p>1.b. Periodicidade</p> <p>1.c. Tempo de duração</p> <p>1.d. Horário</p> <p>1.e. Local</p> <p>1.f. Temas abordados</p> <p>1.g. Metodologia (s) utilizada (s)</p> <p>2. Você conseguiu utilizar o que foi abordado na formação continuada na sua prática pedagógica? O que? Quais aspectos?</p> <p>3. Como você avalia a roda de conversa com os familiares? Quais os aspectos você considera positivos? Quais aspectos você considera negativos?</p> <p>4. Você teria sugestões de ações que podem facilitar/fortalecer a parceria entre escola e familiares?</p>	

Apêndice D- TCLE dos professores

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Professor(a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Conhecimentos e práticas pedagógicas de professores e a percepção de familiares/responsáveis acerca da prevenção de doenças na infância**”, desenvolvida por Michele Bulhosa de Souza, discente de Doutorado no Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Pampa-campus Uruguaiana sob orientação da Professora **Dra. Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira**.

O objetivo central do estudo é: sintetizar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental e a percepção dos familiares/responsáveis dos alunos acerca da prevenção de doenças na infância.

O convite a sua participação se deve à você ser professor(a) do quarto ou quinto ano do ensino fundamental da escola selecionada para participar da pesquisa.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma.

Serão tomadas as seguintes medidas e/ou procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: apenas os pesquisadores do projeto, que se comprometeram com o dever de sigilo e confidencialidade terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades.

A qualquer momento você poderá desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo.

A sua participação consistirá em responder perguntas de um questionário online, formação continuada, roda de conversa com familiares/ e entrevista. O questionário tem seis perguntas e estima-se que você utilizará 15 minutos para respondê-lo. A formação continuada que ocorrerá a partir das necessidades apontadas no questionário, sendo realizada em até três encontros, tendo, aproximadamente, 60 minutos de duração cada encontro. Os encontros poderão ser realizados de forma remota pela plataforma Google Meet ou de forma presencial respeitando protocolos vigentes de prevenção a transmissão do COVID-19.

As observações sobre a formação serão registradas em um diário de campo o qual terá como objetivo registrar atitudes, fatos e fenômenos percebidos no campo de pesquisa. A roda de conversa com os familiares/ dos seus alunos, terá duração de, aproximadamente, 60 minutos, sendo registrada por meio de diário de campo. Posteriormente você será convidado(a) a conceder uma entrevista à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver autorização do entrevistado e terá duração de no máximo 20 minutos.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Você não receberá remuneração/pagamento para participar da pesquisa. No entanto, caso você tenha que se deslocar ao local da pesquisa especificamente para participação, você deverá receber ressarcimento para o transporte e, caso demande tempo suficiente deverá receber alimentação também, para si e para seu acompanhante, quando necessárias.

Se houver algum dano, decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016), do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e orientações do CEP/Unipampa e com o fim deste prazo, será destruído.

Os benefícios diretos potenciais da pesquisa serão relativos ao esclarecimento de dúvidas sobre a prevenção de doenças na infância. Quanto aos benefícios indiretos tem-se o aperfeiçoamento do seu trabalho docente e a possibilidade de compartilhar as informações a respeito de prevenção de doenças na infância.

Os riscos serão mínimos podendo incluir constrangimento, caso ocorra o participante será esclarecido a respeito da privacidade e liberdade para não responder as questões ou interromper a participação. Para minimizar esses riscos, o roteiro da entrevista será apresentado ao participante e este poderá escolher não responder questões que possam lhe causar constrangimento. Também, poderá ocorrer cansaço físico, para isso será ofertada pausa durante as atividades de formação, roda de conversa e/ou entrevista.

A devolutiva dos resultados aos participantes será por meio de roda de conversa na escola. Também haverá a possibilidade de acesso aos resultados na Tese que será publicada no sistema de bibliotecas da Unipampa.

Este termo é redigido em duas vias, sendo que uma via será sua e outra do pesquisador, e ambos devem assinar na última página.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

Tel do CEP/Unipampa: (55) 3911-0202, voip 2289

E-Mail: cep@unipampa.edu.br

<https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Endereço: Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592

Prédio Administrativo – Sala 7A

Caixa Postal 118Uruguaiana – RS

CEP 97500-970

Contato com o(a) pesquisador(a) responsável : Michele Bulhosa de Souza

Tel: (55)999837333

e-mail: michelebulhosa@unipampa.edu.br

Uruguaiana, _____ de _____ de 2022.

Nome e Assinatura do Pesquisador – (pesquisador de campo)

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada “Sintetizar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental e a percepção dos familiares/ responsáveis dos alunos acerca da prevenção de doenças na infância” e concordo em participar.

- Autorizo a aplicação do questionário *online*
- Não autorizo a aplicação do questionário online
- Autorizo a gravação e transcrição da entrevista
- Não autorizo a gravação e transcrição da entrevista
- Autorizo o registro da formação continuada por meio de diário de campo
- Não autorizo o registro da formação continuada por meio de diário de campo
- Autorizo o registro da roda de conversa por meio de diário de campo
- Não autorizo o registro da roda de conversa por meio de diário de campo

(Assinatura do participante da pesquisa)
Nome do participante:

Apêndice E - TCLE dos familiares/responsáveis

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado familiar/responsável,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**Conhecimentos e práticas pedagógicas de professores e a percepção de familiares/ acerca da prevenção de doenças na infância**”, desenvolvida por Michele Bulhosa de Souza, discente de Doutorado no Programa de Pós-graduação Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal do Pampa-campus Uruguaiiana sob orientação da Professora **Dra. Betina Loitzenbauer da Rocha Moreira**.

O objetivo central do estudo é: sintetizar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental e a percepção dos familiares/responsáveis dos alunos acerca da prevenção de doenças na infância.

O convite a sua participação se deve à você ser familiar/responsável por um ou mais alunos do quarto ou quinto ano do ensino fundamental da escola selecionada para participar da pesquisa.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma.

Serão tomadas as seguintes medidas e/ou procedimentos para assegurar a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas: apenas os pesquisadores do projeto, que se comprometeram com o dever de sigilo e confidencialidade terão acesso a seus dados e não farão uso destas informações para outras finalidades.

A qualquer momento você poderá desistir de participar da pesquisa e retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo.

A sua participação consistirá em uma roda de conversa com os familiares/ e o(a) professor(a) da turma que seu filho(a) estuda com duração de 60 minutos. A roda será registrada por meio de diário de campo e posteriormente você será convidado(a) a conceder uma entrevista à pesquisadora do projeto. A entrevista somente será gravada se houver autorização do entrevistado e terá duração de no máximo 20 minutos.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Você não receberá remuneração/pagamento para participar da pesquisa. No entanto, caso você tenha que se deslocar ao local da pesquisa especificamente para participação, você deverá receber ressarcimento para o transporte e, caso demande tempo suficiente deverá receber alimentação também, para si e para seu acompanhante, quando necessárias.

Se houver algum dano, decorrente da presente pesquisa, você terá direito à indenização, através das vias judiciais, como dispõem o Código Civil, o Código de Processo Civil, na Resolução nº 466/2012 e na Resolução nº 510/2016), do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

As entrevistas serão transcritas e armazenadas, em arquivos digitais, mas somente terão acesso às mesmas a pesquisadora e sua orientadora.

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resoluções 466/12 e 510/16 do CNS e orientações do CEP/Unipampa e com o fim deste prazo, será destruído.

Os benefícios diretos potenciais da pesquisa serão relativos ao esclarecimento de dúvidas sobre a prevenção de doenças na infância. Quanto aos benefícios indiretos poderá possibilitar o compartilhamento das informações a respeito de prevenção de doenças na infância.

Os riscos serão mínimos podendo incluir constrangimento, caso ocorra você será esclarecido a respeito da privacidade e liberdade para não responder as questões ou interromper a participação. Para minimizar esse risco, o roteiro da entrevista será apresentado ao participante e este poderá escolher não responder questões que possam lhe causar constrangimento. Também, poderá ocorrer cansaço físico, para isso será ofertada pausa durante a roda de conversa e/ou entrevista.

A devolutiva dos resultados aos participantes será por meio de roda de conversa na escola. Também haverá a possibilidade de acesso aos resultados na Tese que será publicada no sistema de bibliotecas da Unipampa.

Este termo é redigido em duas vias, sendo que uma via será sua e outra do pesquisador. Todas as páginas devem ser rubricadas por você e pelo pesquisador, e ambos devem assinar na última página.

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa. O Comitê é formado por um grupo de pessoas que têm por objetivo defender os interesses dos participantes das pesquisas em sua integridade e dignidade e assim, contribuir para que sejam seguidos padrões éticos na realização de pesquisas.

Tel do CEP/Unipampa: (55) 3911-0202, voip 2289

E-Mail: cep@unipampa.edu.br

<https://sites.unipampa.edu.br/cep/>

Endereço: Campus Uruguaiana – BR 472, Km 592

Prédio Administrativo – Sala 7A

Caixa Postal 118Uruguaiana – RS

CEP 97500-970

Contato com o(a) pesquisador(a) responsável: Michele Bulhosa de Souza

Tel: (55)999837333

e-mail: michelebulhosa@unipampa.edu.br

Uruguaiana, _____ de _____ de 2022.

Nome e Assinatura do Pesquisador – (pesquisador de campo)

Informo que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa intitulada “Sintetizar os conhecimentos e as práticas pedagógicas de professores dos anos iniciais do ensino fundamental e a percepção dos familiares/ responsáveis dos alunos acerca da prevenção de doenças na infância” e concordo em participar.

- Autorizo o registro da roda de conversa por meio de diário de campo
- Não autorizo o registro da roda de conversa por meio de diário de campo
- Autorizo a gravação e transcrição da entrevista
- Não autorizo a gravação e transcrição da entrevista

(Assinatura do participante da pesquisa)

Nome do participante: